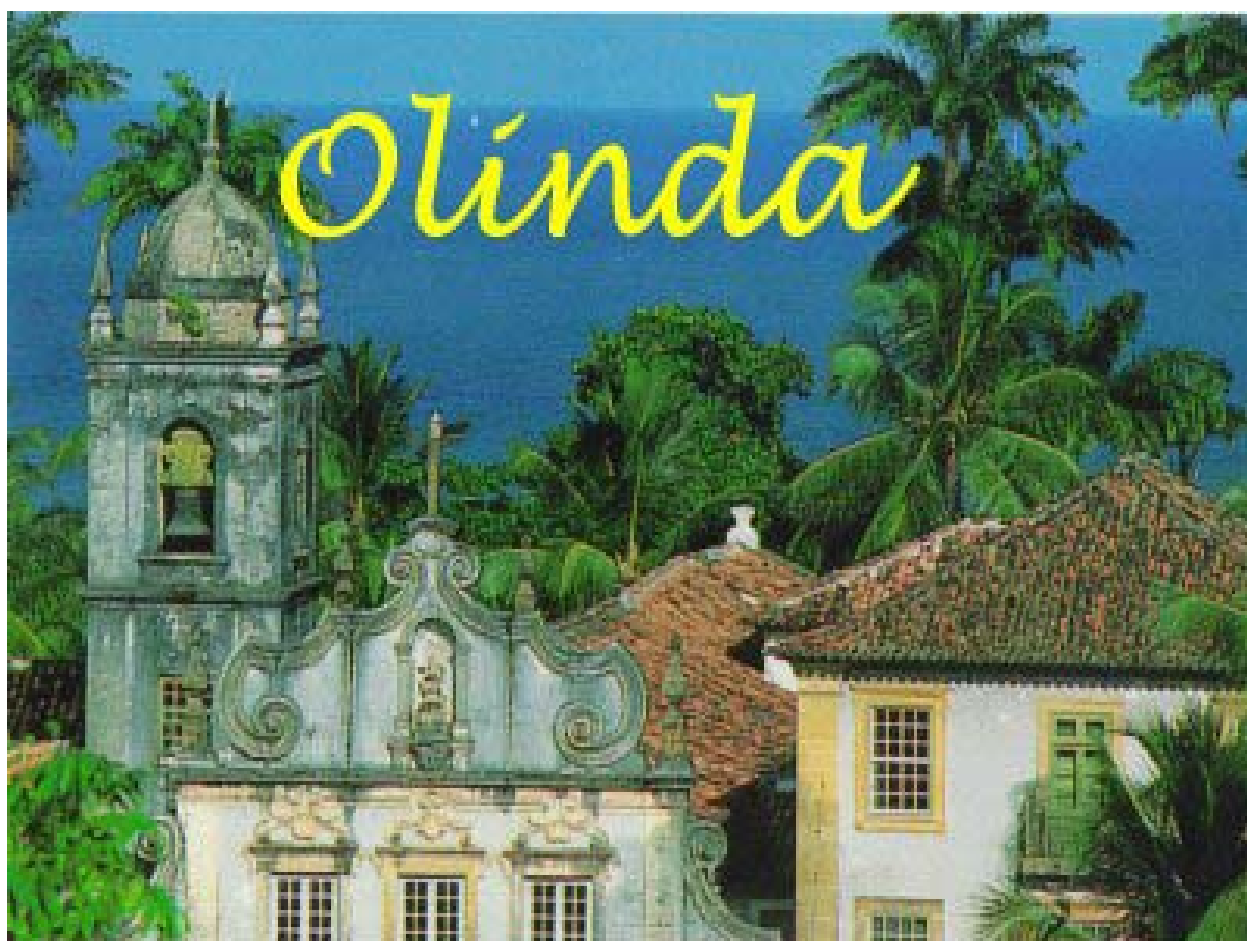


UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

ELIANE MARIA VASCONCELOS DO NASCIMENTO

OLINDA: UMA LEITURA HISTÓRICA E PSICANALÍTICA DA MEMÓRIA SOBRE A CIDADE



Salvador
2008

ELIANE MARIA VASCONCELOS DO NASCIMENTO

**OLINDA: UMA LEITURA HISTÓRICA E
PSICANALÍTICA DA MEMÓRIA SOBRE A
CIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em História Social.

Orientador: Prof. Doutor Antonio Fernando Guerreiro de Freitas

Salvador
2008

N244 Nascimento, Eliane Maria Vasconcelos do
Olinda : uma leitura histórica e psicanalítica da memória sobre a cidade /
Eliane Maria Vasconcelos do
Nascimento . -- Salvador, 2008.
388 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Fernando Guerreiro de Freitas
Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade
de Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

1. Olinda (PE) - História. 2. Olinda (PE) - Cidade. 3. Olinda (PE) - Arte.
4. Olinda (PE) - Transformações. I. Freitas, Antônio Fernando Guerreiro de
II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

CDD – 981.34

ELIANE MARIA VASCONCELOS DO NASCIMENTO

**OLINDA: UMA LEITURA HISTÓRICA E PSICANALÍTICA DA
MEMÓRIA SOBRE A CIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em História Social.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Regina Beatriz Guimarães Neto
Universidade Federal de Pernambuco

Dr. Antônio Torres Montenegro
Universidade Federal de Pernambuco

Dra. Maria de Lourdes Soares Ornellas
Universidade do Estado da Bahia

Dr. Dilton Oliveira de Araújo
Universidade Federal da Bahia

Dr. Antônio Fernando Guerreiro de Freitas
Universidade Federal da Bahia

HOMENAGEM E AGRADECIMENTOS

As histórias de Olinda e o casarão com o seu “balcão muxarabi”



Fotografia 1 - Sobrado Colonial Mourisco com Abalcoado estilo “Muxarabi”¹ em Olinda²

A história de amor com que inicio a narrar, abrindo esta Tese, faz parte das muitas histórias que circulam pelas ladeiras de Olinda e são contadas através das gerações, para os filhos, os netos, os bisnetos, os amigos e os vizinhos.

Era uma vez, um jovem garboso, alourado, com olhos verdes e um jeito simpático, que, passando displicentemente pelas ruas de Olinda, precisamente em frente ao velho casarão

¹ “Muxarabi - S. M. Var. apocopada de muxarabiê [q. v.]. Muxarabiê, (Do ar. Maxarabiya), ‘janela de arco’. S. m. Balcão mourisco protegido, em toda a altura da janela, por uma grade de madeira, donde se pode ver sem ser visto. Var.: muxarabi.” FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Em Olinda, hoje, só existem dois casarões coloniais que apresentam este tipo de balcão em treliça de madeira. Este da fotografia 1 e outro na Rua do Amparo nº. 28. Fonte: Acervo particular da autora. 2007.

² Situado à Praça João Alfredo, nº. 7, conhecida também como Praça de São Pedro. É um dos mais antigos da cidade, datado do Séc. XVII, e se manteve preservado. Atualmente, nele funcionam um restaurante e uma loja de artesanato. Fonte: Acervo particular da autora. 2007.

colonial na Praça de São Pedro, nº. 7, encontrou uma linda mulher de olhos e cabelos negros. Olham-se e apaixonam-se assim mesmo, só pelo olhar. Paixão à primeira vista, paixão fulminante, como era comum acontecer nas décadas de 1920 e 1930 em Olinda, onde os namoros eram uma expressão romântica e a conquista algo muito difícil.

O rapaz, vindo do interior, tinha estudado no Seminário de Olinda, cujo prédio foi construído com arquitetura de estilo renascentista, no século XVI — onde se encontra a igreja de Nossa Senhora da Graça —, e funcionou como academia de ensino humanista e seminário eclesiástico. Por sua história de ensino e de espaço formador de lideranças e ainda pelos movimentos políticos ali vivenciados, é também conhecido como “Escola de Heróis”.

O jovem nascido na cidade de Limoeiro, no interior de Pernambuco, foi levado ao Seminário por pressão da sua mãe, pois queria ter um filho padre. Como seminarista, teve que enfrentar alguns anos de martírio nos estudos que realizou por lá, já que não tinha vocação sacerdotal. No seu dizer, não passava por sua cabeça ser padre. Do Seminário, só gostava do mês de maio, quando podia ver algumas moças que freqüentavam a igreja, fazendo as orações típicas do Mês de Maria.

Ao sair do Seminário — que alívio! —, entrou para o Exército, para servir a pátria. Seguindo a carreira militar, chegou a ser promovido a cabo. Foi visto por sua donzela, portanto, vestido com a farda do Exército.

Ela vinha de uma família com uma história comovente. Era filha de um funcionário público e músico olindense, meio boêmio, que tocava em serestas, conhecido em Olinda como Pedro Canetão, por conta de sua altura e de seu peso. Beltrão³ assim descreve aqueles momentos românticos da cidade: “Os poemas musicados eram levados à rua nas serenatas de Zé Cacheado, Senhorzinho, Leobino e *Pedro Canetão*, que ajuntavam a tão seletto repertório valsas e canções dolentes de compositores e poetas.”

Bem, Pedro casou-se com uma moça de “lindos olhos azuis” e teve com ela seis filhos. Mas ela faleceu de parto, quando nasceu a última filha. Pedro, então, se viu com uma filha recém-nascida e mais cinco crianças para criar. Os filhos foram então distribuídos entre parentes e vizinhos, e a morena foi dada a uma tia materna, moradora do famoso casarão colonial com seu “muxarabi”, para ser criada. Ela morou lá por 20 anos, época em que se deu o encontro.

Este famoso casarão mourisco, importante marco da cidade de Olinda pelo seu estilo e por sua história, foi construído no século XVII. Possui três portas almofadadas e, no andar

³ BELTRÃO, Luiz. *Memória de Olinda*. Olinda: FIAM, Centro de Estudos de História Municipal; Prefeitura Municipal de Olinda, 1996. p. 93, grifo nosso.

superior, tem um singular balcão de pedra e de madeira com treliças estilo “muxarabi”. Lá já chegaram a se hospedar importantes figuras da história do país, como D. Pedro II e a imperatriz D. Tereza Cristina, em 3 de dezembro de 1859, como destacam a respeito, Luiz Duarte⁴ e Manoel Teixeira Neto.⁵ Vejamos como descreve este casarão o historiador Luiz Duarte,⁶ em seu livro intitulado *Olinda na Formação da Nacionalidade*: “Importante e sólida construção típica do período colonial, tem dois andares, cujo andar térreo servia para o comércio e o andar superior era a residência dos proprietários”. A edificação permaneceu assim durante muito tempo, mas, hoje, abriga uma loja de artigos de artesanato e um restaurante.

Ao chegar a essa residência, a criança órfã de mãe foi recebida pela tia materna e por seu tio, um português, o Major Augusto Pereira Ramos, que foi prefeito da cidade de Olinda em 1922. Sobre este prefeito, cito o memorialista Luiz Beltrão,⁷ em seu livro intitulado *Memória de Olinda*:

Estava sempre sentado numa cadeira de braços larga, de assento e encosto de palhinha. Era um homenzarrão na casa dos setenta, muito corado, bigodudo, com respeitável e proeminente barriga. Havia outras cadeiras em torno, ocupadas por amigos, por fregueses do seu armazém, que o iam cumprimentar e ouvi-lo, pedindo-lhe conselhos ou simplesmente passando o tempo, enquanto no interior do bem abastecido empório [de secos e molhados], seus filhos e empregados despachavam as encomendas. Assim revejo a figura de Augusto Ramos, o mais velho dos prefeitos [...] estabelecido no sobrado colonial da praça da matriz de São Pedro [...] Que Augusto Ramos era uma personalidade marcante da sociedade Duartina nas três primeiras décadas do século, não tenho dúvidas.

Entre as suas importantes obras como prefeito, Augusto Ramos restaurou o Paço Municipal, o prédio atual da Prefeitura e recuperou também a Praça da Abolição, conhecida como Praça da Preguiça — por haver espécies destes animais vivendo em suas árvores. Esta praça, situada na esquina do Casarão Colonial, era o local onde o prefeito comandava as suas obras e permanece até hoje como um marco importante da cidade. A Fotografia 2 exhibe este local antes da implantação da Praça.

⁴ DUARTE, Luiz. *Olinda na formação da nacionalidade*. Recife: Imprensa Universitária da UFRPE, 1976.

⁵ TEIXEIRA NETO, Manoel. *Olinda (das colinas à planície)*; natureza, história, cultura, monumentos, carnaval. Olinda: Polys, 2004.

⁶ DUARTE, op. cit., p. 58.

⁷ BELTRÃO, 1996, p. 22-23.



Fotografia 2 - Vista do Largo⁸

A seguir, foto da Praça da Abolição bastante arborizada. Em destaque as suas palmeiras e já com a Avenida da Liberdade em primeiro plano.



Fotografia 3 – Avenida Liberdade⁹

⁸ Vê-se a imagem da liberdade no centro; ao fundo, o Casarão Colonial Mourisco e a igreja de São Pedro Mártir. À direita, casarão da família Lundengren, onde, posteriormente, funcionou por muitos anos o Hospital Regional. Hoje, o prédio se encontra fechado. Foto antes da construção da Praça. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda. Início do século XIX.

⁹ À esquerda, a Praça da Abolição, conhecida como Praça da Preguiça; ao final, o Casarão Colonial Mourisco e a Igreja de São Pedro. Fonte: Arquivo Municipal Antonino Guimarães de Olinda, PE. 1944.

Consta nas histórias da família, que eles circulavam de automóvel em Olinda, coisa rara na época, e a jovem, ao lado dos seus primos, dava os seus passeios. Criada por essa família de boa condição financeira e intelectual, a jovem teve acesso a bons colégios e se formou professora pela Academia de Santa Gertrudes, em Olinda, instituição exemplar para a educação das jovens da cidade.

Ao lado do bonachão prefeito, sua tia, em contrapartida, era uma rigorosa e disciplinadora dona-de-casa que a mantinha presa “no resguardo do lar”, como era comum para as moças da época, mas, além disso, ela tinha que fazer os trabalhos domésticos. Não lhe era permitido sair sozinha, não ia a festas, nem à praia, só freqüentava a igreja de São Pedro, que ficava ao lado do casarão colonial, na própria Praça João Alfredo. Também não podia ficar muito na varanda do casarão, muito menos falar com rapazes. O namoro era então escondido, na base dos olhares, recados e bilhetinhos. Como temia a reação da tia ao descobrir o tal namoro, ambos planejaram uma fuga, para que pudessem se casar. E assim foi feito: a jovem fugiu para a casa de sua madrastra, pois seu pai havia contraído novas núpcias, e lá se preparou e se acertou o casamento. Houve rompimento com esta família em função da fuga de casa, coisa que na época era tida como escandalosa!

A primeira moradia do casal foi na Rua do Amparo, numa casinha modesta. Como tinha o título de professora primária, a jovem se dedicou ao magistério e, algum tempo depois, foi indicada como diretora de uma das instituições municipais de educação mais importantes de Olinda, o Grupo Escolar Duarte Coelho, onde permaneceu na direção por 25 anos consecutivos. Por este motivo seu nome foi dado à Biblioteca dessa escola, bem como a um logradouro da cidade de Olinda, em homenagens póstumas. Sobre essa escola, recorro novamente a Beltrão,¹⁰ que destacou as obras do então prefeito de Olinda, Cabral Filho, quando da inauguração do Grupo Escolar Duarte Coelho, em 1935:

No setor de educação, além, de elevar o número de escolas primárias de 19 para 33, instalou em prédio moderno e bem aparelhado o Grupo Escolar Duarte Coelho, no Bonfim, inaugurado em 21 de julho de 1935, onze dias depois de sua saída do governo para desincompatibilizar-se como candidato ao cargo nas eleições de 8 de outubro.

O jovem cabo deixou o exército e se lançou como caixeiro viajante, representante de laboratórios, firmas de fabricação de remédios. Com isso viajava por todo Nordeste do país, fazendo percursos que eram verdadeiras aventuras, uma vez que não existiam as estradas que

¹⁰ BELTRÃO, 1996, p. 41.

hoje conhecemos, nem hotéis, e os meios de transportes eram muito precários. Ele descrevia as inúmeras viagens feitas em lombo de burro, tipo de locomoção muito comum na época.

A família começou a crescer e a jovem esposa se viu em muitas situações de aflição, ao tomar conta da família sem a presença constante do marido. Até que o segundo filho do casal faleceu de gastroenterite. O pai, então, resolveu que devia trabalhar perto da família e que deixaria de viajar pelos sertões. A família cresceu ainda mais e eles criaram seis dos oitos filhos que tiveram.

Ele entrou, em 1943, na Fábrica de Estopa, futura Companhia Têxtil de Aniaga, do importante grupo de empresas da família Batista da Silva, em Recife, e ocupou o cargo de almoxarife, onde ficou por muitos anos. Depois, como o salário era apertado, acumulou um emprego à noite, na Rádio Jornal do Comércio, com o cargo de discotecário, hoje seria DJ. Travou contato com um outro mundo de música, de artistas e de festas, em seu trabalho noturno. Teve uma vida de trabalho e de lutas. Era, no entanto, um homem empreendedor e muito avançado para sua época. Vejamos a descrição que dele faz, apoiado em sua memória, um de seus filhos e depoente desta pesquisa, Adilson de Almeida Vasconcelos:

Ontem foi 27 de janeiro de 2003. É que São Paulo está comemorando 449 anos. Portanto, há 49 anos aquela cidade comemorou 400 anos. Fez o que se chamou de Quartocentenário. E foi uma festança! Teve hino comemorativo, exposições, eventos culturais, um luxo! E não é que papai, com a mamãe de lado, se mandou para a Paulistéia Desvairada para curtir esse evento. Que empreitada! Que fôlego! Que capacidade de investir no novo e na aventura! Em SP papai não tinha parentes que dessem retaguarda logística — como no Rio. Foi para ficar em hotel. Como reservou? Como escolheu? Naquele tempo não havia internet. Nem DDD! Visitou as exposições, foi a teatros, fez compras. O que se vendia no Rio ou em São Paulo nem sempre se encontrava nas praças do Nordeste. Lembro-me que trouxe maravilhas tecnológicas que deixaram a vizinhança embasbacada!

Ele trouxe um liquidificador, um chuveiro elétrico, um esterilizador elétrico para injeções (não havia seringa descartável, eram de vidros e, até então, esterilizadas num estojo de metal, ao qual se colocava álcool e se fervia em água a seringa e a agulha). O chuveiro elétrico veio substituir o banho morno de cuia que se tomava numa bacia onde se colocava água fria da torneira misturada com água aquecida na chaleira. Era uma maravilha o chuveiro elétrico! E o liquidificador? Hoje, eletrodoméstico tão prosaico, a maioria das crianças pensa que nas casas ele aparece

sem quê nem pra quê. Mas, naquele tempo, há 49 anos, no Recife não se vendia liquidificador. E papai trouxe um de São Paulo. O pioneirismo e o espírito de aventura do meu pai. Ir desbravar São Paulo com a cara e a coragem. E, uma viagem dessas, de avião, com despesas com hotéis e tudo mais, não devia ser coisa barata.

Este depoimento mostra o espírito empreendedor do pai, mas ele não era rico e o casal vivia a dura realidade de pagar as contas, guardar um dinheirinho para as necessidades e sustentar uma família numerosa. Porém sabiam onde aplicar o que ganhavam, chegando, certa ocasião, a ser proprietários de quatro casinhas em Olinda, incluindo a melhor delas, que se situava na Rua Vinte e Sete de Janeiro, nº. 65, onde a família morou a maior parte de sua vida e os filhos foram criados. Conseguiram colocar os seis filhos nas melhores escolas, e todos se formaram, fato que não era comum naqueles tempos e motivo de muito orgulho para eles. Costumavam assim apresentar para os amigos seus seis filhos, sempre destacando que eram sua maior riqueza:

— O primeiro fez carreira como oficial na Aeronáutica e esteve sempre entre os primeiros em todos os cursos que fez durante toda a sua vida, do primário até os cursos nas escolas da Aeronáutica, chegando a ter todas as estrelas que um brigadeiro pode ter. Fez Curso de Especialização em Paris, foi adido aeronáutico junto à embaixada do Brasil no Peru e é mestre em administração pela UFRJ. A sua vida escolar foi motivo para destaque em primeira página, no antigo jornal da cidade de Olinda *A Voz de Olinda*, escrito por um de seus diretores, Thiago de Barros Leite, com o título sugestivo: *Brilha lá Fora a Prata de Casa*.¹¹

— O segundo fez dois cursos de nível superior — Economia e Direito — fez carreira de sucesso no Banco de Brasil, onde foi aprovado em concurso público, para muito orgulho dos pais. Hoje, mora em Brasília, trabalha como advogado autônomo e é Economista concursado na Câmara Legislativa do Distrito Federal. Dentre os irmãos destaca-se pela memória prodigiosa e é o que detém mais informações sobre a Olinda de sua época.

— O terceiro fez jornalismo e é ganhador de vários prêmios, inclusive o Prêmio Esso de Jornalismo. É repórter especial do jornal *Folha de São Paulo*, um dos mais importantes do país, onde trabalha até hoje e tem se dedicado às Reportagens Especiais. Já lançou três livros a respeito: *Fraude*, sobre as importações no governo de Orestes Quércia; e o intitulado *Juízes no Banco dos Réus*, resultado de seis anos de investigação jornalística na Justiça Federal, em São Paulo, onde esmiuçou toda a questão da “Operação Anaconda”, e revelou as operações

¹¹ LEITE, Thiago de Barros. Brilha lá fora a “Prata de casa”. *A Voz de Olinda*, Olinda, Ano 1, n. 5, p. 1, 30 dez. 1956.

com envolvimento dos Juízes Nicolau dos Santos Neto e João Carlos da Rocha Mattos. Mais recentemente, lançou *Anatomia de uma Reportagem*, sobre as pesquisas nas reportagens investigativas na imprensa. Nas horas vagas, como lazer, dedica-se a tocar piano.

— A quarta filha é a autora desta Tese, tem curso superior em Psicologia e formação clínica em Psicanálise. Possui Mestrado em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, tem publicado dois livros — *Dinâmica de Grupo e Atividades Lúdicas na Escola*, de 1984, e *Maternidade Desejo e Gravidez na Adolescência*, de 2001 —, e vários trabalhos acadêmicos de sua área; é professora da UFBA.

— O quinto filho é geógrafo especializado em urbanismo, professor titular da UFBA, fez Mestrado em Louvain, na Bélgica, Doutorado no Canadá, em Ottawa, e Pós-doutorado na Sorbonne, em Paris. Tem, entre outros trabalhos acadêmicos, dois livros publicados: *Dois Séculos de Pensamento Sobre a Cidade*, de 1999; e *Salvador: Transformações e Permanências: (1549-1990)*, de 2002, publicado em Salvador e na França.

— A sexta filha tem também dois cursos superiores, é formada em Ciências Sociais e em Economia e tem duas Especializações, uma em Administração Financeira, em 1982, e em Engenharia Econômica, em 1987, ambas pelo CENID. Tem predileção por artes, área em que, com muita sensibilidade, faz cursos e se dedica aos estudos da história das artes e decoração de interiores. É membro da Academia de Artes e Cultura da Bahia. Tem também habilidade com o piano.

Por que contar toda esta história aqui? Porque, apesar de poder considerar que esta era uma família tradicional de Olinda, por questões do destino, nenhum dos seis filhos deste romântico casal permaneceu morando em Olinda. Todos saíram da cidade em épocas distintas e por motivos os mais diversos, desde a dificuldade para trabalhar em sua área, à busca por novos horizontes e crescimento em suas especializações, ou ainda por motivo de casamento. O fato é que nenhum permaneceu morando em Olinda. Todos ganharam o mundo...

Pela distância da cidade natal e pela sua ausência no dia-a-dia, isso nunca deixou que os filhos esquecessem suas origens. Todos os irmãos se dedicaram a guardar, documentar e registrar as lembranças dos anos de infância e adolescência vividos nas ladeiras da velha Olinda e sempre retornavam a sua cidade, mesmo que fosse apenas de passagem. Interessante que mantiveram comunicação entre si, que era cultivada, na qual se descreviam como estava a cidade, e na qual acompanharam todas as mudanças ocorridas ao longo dos anos, em particular com a casa da Rua Vinte e Sete de Janeiro, nº. 65, moradia da família por muitos anos, que sofreu vários tipos de intervenção durante esse período.

Essa casa se situa na mesma ladeira do famoso casarão mourisco colonial onde toda esta história começou, como mostra a Fotografia 4:



Fotografia 4 – Rua Vinte e Sete de Janeiro¹²

Foi por esses motivos que surgiu o desejo de transformar estas lembranças neste trabalho acadêmico e, afinal, descobrir como era a Olinda na memória de seus antigos moradores, os que se mudaram e os que nela permaneceram morando. Saber se eram também compartilhados por outros olindenses, o imenso “amor” e o mesmo “orgulho” que Olinda sempre despertou em todos os filhos desta família.

Ao casal protagonista da história contada acima, ambos já falecidos, que soube transmitir aos filhos o amor por Olinda e por suas tradições e história, bem como pelas letras e pelas artes, é dedicado este trabalho.

¹² Com a casa de n°. 65 (azul), aparecendo em seu início e o Casarão Colonial Mourisco, no final da ladeira. Fonte: Acervo particular da autora. 2008.

AGRADECIMENTOS

São vários os agradecimentos dos que me ajudaram na construção desta tese:

Início agradecendo especialmente ao meu orientador, Professor Dr. Antonio Fernando Guerreiro de Freitas, pela dedicação, gentileza, apoio e orientação segura que me dedicou durante esta longa travessia.

Agradeço a Eduardo, meu companheiro de vida, pela sua participação neste longo período em que me dediquei a escrever, pela sua companhia, pelo apoio, pela ajuda e pelo carinho.

Agradeço aos meus filhos, Daniela, Karina e Eduardinho, pela paciência e compreensão, pelo longo tempo em que me dediquei à escrita.

Agradeço emocionada ao meu neto, Vitor Varandas, de apenas 16 anos, que dedicava um tempo junto a mim, nos finais de semana, para ajudar nos aspectos de computação. Foram de grande importância as suas “aulas”; aprendi muito com ele.

Agradeço a Pedro Vasconcelos, meu irmão, pela disponibilidade para me ajudar, emprestando seus livros, lendo meus escritos e sendo um atento crítico, incentivador e interlocutor muito especial. Devo muito a ele a elaboração desta tese.

A Ana Margarida, minha cunhada, que gentilmente me emprestou todos os seus textos do seu curso de mestrado sobre cidade, que muito me ajudaram, e pela disponibilidade que demonstrou quando da necessidade de trabalhar com a edição das fotos.

Agradeço o apoio, estímulo e carinho que sempre recebi dos meus irmãos, sempre muito presentes, que comigo dividiram a emoção e a curiosidade pelos temas de Olinda.

Aos meus familiares agradeço a compreensão pelas minhas ausências e o apoio demonstrado durante todo o período de escrita desta tese. Sem isso, ela se tornaria um fardo muito pesado.

Agradeço a Ana Paula Varandas, pela disponibilidade e apoio que generosamente me ofereceu e seu entusiasmo pela minha escrita.

Aos meus parentes de Olinda, que foram muito disponíveis e ajudaram nos contatos com os depoentes e sempre me acolheram com carinho, quando das minhas idas àquela cidade.

Agradeço à colega Ana Maria Soares Greve, que há muito tempo atrás, em nossos encontros de trabalho, me fez descobrir o prazer de pesquisar.

Destaco aqui o incentivo e carinho com que a colega Maria das Graças Teixeira emprestou-me livros e textos, bem como me dando um raminho de arruda, para que levasse para a seleção do doutorado e creio que foi de grande valia no resultado...

Agradeço a disponibilidade e generosidade da Professora Dra. Lina Brandão Aras, minha grande incentivadora, quando do início dos trabalhos.

Agradeço às colegas do Curso de Magistério da Academia de Santa Gertrudes de Olinda, que ajudaram a organizar a rede de depoentes, pela participação nessa etapa do trabalho: Ilmar Maria Belo dos Santos, Ilzamar Belo, Silvia Portela e seu marido Luciano Benfica, Lídice Bezerra Cavalcanti e seus irmãos, Zilma Cavalcanti Figueiredo e Iêda Bacelar. Um carinhoso e agradecido obrigada. Foi um feliz reencontro!

À equipe do Arquivo Público Municipal Antonino Guimarães, de Olinda, pelo apoio recebido e pela disponibilidade de ajudar, inclusive cedendo o espaço para que eu realizasse as entrevistas e ajudando na montagem da rede de depoentes. Agradeço muito a Maria de Fátima Rigaud Peixoto, Alexandre Alves Dias, Enemerson Muniz de Araújo, Jovenildo Pinheiro de Souza, Aneide Maria de Santana, Irismar de Melo Rocha, Flávio Dionísio de Santana, Sandra Maria Maia e Silva, Iraci da Silva Alves e Marcelino João Gusmão Lobo. Vocês todos foram essenciais! A todos agradeço.

Agradeço especialmente a André Renato Pina Moreira, da PMO/SEPACCTUR, pela gentileza de sempre me receber para tirar dúvidas e ter disponibilizado excelente material sobre Olinda, para a tese.

Agradeço especialmente a artista plástica Teresa Costa Rego, que gentilmente me recebeu e disponibilizou importante material para a pesquisa.

A equipe da PMO/SEPLAMA/DIM que me acolheu e disponibilizou um vasto material para consulta e utilização na tese, que muito a enriqueceu: Maria do Socorro Lopes, Grissela Boecknam da Silva e Edidabel Cavalcanti Silva. Muito obrigada!

Agradeço aos meus colegas de trabalho e amigos que sempre tiveram para comigo uma palavra de estímulo e de confiança. Obrigada!

Agradeço ao Professor Olimpio Bonald Neto, que gentilmente nos enviou amplo material sobre a cidade de Olinda e muitos dos seus textos.

Agradeço a Maria José Bacelar, pelo excelente trabalho de revisão e normalização do texto, por sua atenção, cuidados e disponibilidade.

Agradeço Profa. Dra. Alda Britto da Motta, à bibliotecária Marina da Silva Santos, pela atenção e ajuda.

Agradeço intensamente a todos os depoentes, que gentilmente concordaram em participar da pesquisa e com seus discursos apresentaram suas histórias de vida, suas emoções e sentimentos, transmitindo experiências vividas. Foram momentos especiais para mim. Agradeço pela confiança, pois, sem essas narrativas, o trabalho não existiria. A todos muito obrigada!

OLINDA*

Carlos Pena Filho (1929-1960)

Do alto do mosteiro, um frade a vê
de limpeza e claridade
é a paisagem defronte.
Tão limpa que se dissolve
A linha do horizonte.

As paisagens muito claras
não são paisagens, são lentes.
São íris, sol, aguaverde
ou claridade somente.

Olinda é só para os olhos,
não se apalpa, é só desejo.
Ninguém diz: é lá que eu moro.
Diz somente: é lá que eu vejo.

Tem verdágua e não se sabe,
a não ser quando se sai.
Não porque antes se visse,
mas porque não se vê mais.

As claras paisagens dormem
no olhar, quando em existência.
Diluídas, evaporadas,
só se reúnem na ausência.

Limpeza tal só imagino
Que possa haver nas vivendas
Das aves, nas áreas altas,
muito além do além das lendas.

Os acidentes, na luz,
não são, existem por ela.
Não há nem pontos ao menos,
nem há mar, nem céu, nem velas.

Quando a luz é muito intensa
É quando mais frágil é:
planície, que de tão plana
parecesse em pé.

*(Livro Geral, Olinda: Gráfica Vitória, 1973).

RESUMO

A presente tese partiu de uma proposta de trabalho interdisciplinar, em que a História e a Psicanálise serviram de base teórica, por meio da metodologia da História Oral, para que fosse construída a história da cidade de Olinda, com suas fases de apogeu e declínio, mediante a memória dos olindenses confrontada com outras fontes documentais. Foram feitas entrevistas semidirigidas com olindenses adultos e idosos, para documentar e revelar, por meio da narrativa dos depoentes de várias camadas sociais, a forma como vêem sua cidade. Esta investigação possibilitou novas leituras e novos olhares sobre a antiga cidade e sobre as mudanças que nela ocorreram. Trata-se da história de Olinda e de suas transformações, percebidas pela memória de mais de uma geração. Os fatos narrados pelas lembranças puderam mostrar que a cidade havia mudado de tal maneira, num espaço de tempo relativamente rápido — cinco décadas —, que era difícil reconhecê-la. Essa escuta possibilitou que a identidade dos olindenses pudesse ser revelada. Foram apresentados os dados identificatórios da cidade, por meio das representações sociais, possibilitando que a identidade cultural, as práticas sociais, a relação e o vínculo com a cidade fossem trazidos, bem como a percepção sobre os processos acontecidos na cidade. Foram destacados o Sítio Histórico, a Olinda antiga, com seus monumentos e casarios de construção seculares preservados. Olinda apareceu como um painel singular nos seus discursos. Foi possível perceber a rede de significantes privilegiados utilizados, que mostraram a cidade e a história que encerram. Surgiram as fases de apogeu e poder, de declínio e destruição que a cidade viveu, com suas batalhas, lutas, perdas e lutos, e as tentativas de elaboração desses traumas que marcaram a memória dos olindenses, ao longo de sua história. Os fatos dramáticos foram oralmente repassados pelas gerações e permanecem vivos. Foram destacadas ainda as relações entre as cidades de Olinda e Recife e entre os olindenses e os recifenses, suas disputas e rivalidades. Principalmente a expansão urbana vivida recentemente, que trouxe uma nova realidade para a cidade de Olinda, o crescimento e surgimento de novos bairros em direção à zona rural e a sua orla marítima. Os depoimentos revelaram a história recente e a nova vocação de Olinda, a partir dos anos 50/60 do século passado. Há quatro décadas a cidade vem se transformando num imenso pólo cultural, com artistas e ateliês em seu Sítio Histórico, com uma intensa produção artística que lhe deu o título de Primeira Capital Cultural do país, em 2006. Ela, que já havia recebido o título da UNESCO de cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, em 1982, entrou em outra fase que lhe aponta esta nova singularidade: Olinda superou suas perdas por meio das artes e voltou a ter um lugar de destaque no país.

Palavras-chave: Memória. História. Cidade. Transformações. Arte.

ABSTRACT

The present thesis has begun with the proposal of an interdisciplinary study, in which History and Psychoanalysis served as the theoretical basis, by means of the Oral History methodology, for the construction of the history of the City of Olinda, with its apogee and decline phases, by confronting the “olindenses” memory with other documental sources. Semi-directive interviews were conducted with adult and aged people from Olinda in order to document and reveal the way they see their city, by the narrative of representatives from the various strata of society. This investigation has allowed new readings and new regards over the old city and over the changes that have taken place on it. The history of Olinda and its transformations are at stake, as perceived by the memory of more than one generation. The facts recounted by memories were able to show that the city had changed in such ways, in a relatively quick period of time – five decades -, that it was difficult to recognize it. This hearing has allowed the reveal of the identity of the people from Olinda. By means of social representations, the city’s distinguishing marks have been presented, allowing the cultural identity, the social practices, the relationship and the ties with the city to be brought up, as well as the perception of all processes the city has undergone. The historical site and the old Olinda, with its monuments and preserved centenary homes, have been shown with distinction. Olinda has come up as a singular panel in their speeches. It was possible to perceive the network of privileged signifiers, which showed the city and the history they comprise. Multiple phases have shown up, such as the apogee and power, the decline and destruction the city has gone by, with its battles, fights, losses and mourning, and the attempting of elaborating these traumas that marked the memories of the “olindenses” throughout their history. The dramatic facts have been orally transmitted by generations and are still alive. The relationships between Olinda and Recife have been also shown with distinction, as well as those between the people from Olinda and the people from Recife, their disputes and rivalries. The urban expansion recently undergone has brought a new reality to the city of Olinda, the growing and appearing of new city districts toward the rural zone and the seashore. The testimonies revealed the recent History and the new vocation of the city of Olinda, since the 50s and 60s in the last century. For four decades the city has been transforming itself into an immense cultural pole, with artists and their working rooms in the historical site, with an intense artistic production, facts that have rendered to Olinda the title of First Cultural Capital of Brazil in 2006. Olinda, that in 1982 had already received the title of Cultural Patrimony of Humanity, granted by UNESCO, has entered a new era that points to this new singularity: Olinda has overcome its losses by means of arts and regained a place of distinction in the country.

Key words: Memory. History. City. Transformation. Art.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

BRASÕES

- 1 – Brasão do Donatário da Capitania de Pernambuco Duarte Coelho Pereira 125

DESENHOS

- 1 – Desenho que ilustra o livro de Johan Nieuhof 165

FIGURAS

- 1 – Vista do Seminário de Olinda 39
- 2 – Vista da cidade do Recife e da parte de Olinda 76
- 3 - Detalhe de Mapa 117
- 4 – Primeira divisão territorial do Brasil colônia – as Capitânicas Hereditárias 121
- 5 – Detalhe do “Mapa da costa de Pernambuco” 122
- 6 – “Prespectiva do Ressife, e Villa, de Olinda” 123
- 7 – Trecho da tela de autor anônimo existente na galeria do Convento de Santo Antonio em Igarassu, PE 134
- 8 – Detalhes do Balcão em estilo “muxarabi” 143
- 9 – *De Stadt Olinda Pharnambuco* 153
- 10 – Olinda 186
- 11 – Vista de Olinda 186
- 12 – Igreja do Rosário 187

FOTOGRAFIAS

1 - Sobrado Colonial Mourisco com Abalcoado estilo “Muxarabi” em Olinda	3
2 – Vista do Largo	6
3 – Avenida Liberdade	6
4 – Rua Vinte e Sete de Janeiro	11
5 – Vista do secular Mosteiro de São Bento	113
6 – Vista aérea panorâmica, do Sítio Histórico de Olinda	113
7 – Igreja da Sé, Seminário de Olinda e Igreja Nossa Senhora das Neves	114
8 – Vista aérea panorâmica de Olinda	114
9 – Largo do Amparo	115
10 – Antigo Paço dos Governadores e atual sede da Prefeitura Municipal de Olinda	116
11 – Fortim de São Francisco	137
12 – Sobrado Colonial Mourisco com Abalcoado estilo “Muxarabi”, séc. XVII	142
13 – Casarão colonial	145
14 – Típico Casarão estilo Colonial Rural	147
15 – Mesmo Casarão Colonial da Fotografia 14	147
16 – Foto recente do mesmo casarão da Fotografia 14	148
17 – Seminário de Olinda. Estilo Barroco. Olinda, séc. XVI	149
18 – Mosteiro de São Bento. Detalhes da fachada. Séc. XVI	149
19 – Sobrado residencial de Olinda	149
20 – Casarão Colonial ainda conservado	150
21a – Sobrados residenciais e comerciais existentes atualmente na cidade de Olinda, no Sítio Histórico	150
21b – Sobrados residenciais e comerciais do Sítio Histórico de Olinda	151
22 – Rua de São Bento – Sítio Histórico de Olinda	151
23 – Rua Vinte e Sete de Janeiro	152
24 – Olinda vista do Alto da Sé	181
25 – Igreja de Nossa Senhora do Carmo	187
26 – Olinda, a igreja de São Pedro e o mar	188
27 – Vista da igreja e do Mosteiro do Carmo	188
28 – Casario na parte alta em Olinda	189
29 – Olinda com Recife ao fundo	190

30 – Foto aérea do istmo, 2000	193
31 – Estação da Maxambomba no Largo do Carmo, final do século XIX	204
32 – A Maxambomba, tendo ao lado passageiros, na Praça do Carmo em Olinda, 1910	204
33 - Bonde na ponte da Tacaruna, que liga Olinda a Recife, 1924	205
34 – Bonde elétrico na ponte do Varadouro, 1930	205
35 – Fábrica Amorim Costa	207
36 – Praça do Carmo, 1910	208
37 – Praia dos Milagres, em Olinda. Primeiras décadas do século XX	209
38 – Praia do farol. Início século XX	209
39 – Casario de estilo eclético. Início do século XX	210
40 – Largo do Carmo	214
41 – Detalhe dos quatro chalés da Praça do Carmo	215
42 – Casa de veraneio do governador de Pernambuco. Início século XX	216
43 – Vista aérea da Praia do Carmo. Foto 1910-1920	217
44 – Vista aérea do Largo do Carmo e Av. Liberdade. 1950	217
45 – Av. Sigismundo Gonçalves, centro importante do período de veraneio de Olinda. 1910	218
46a – Remanescente Chalé de Olinda	218
46b – Chalé no Sítio Histórico. Século XIX	219
47 – Fotos das banhistas em trajes típicos para o banho salgado, na época de Olinda cidade veraneio. 1915	220
48 – Banhistas em Olinda, em trajes de banho salgado. Anos 30	221
49 – Olinda na época do veraneio e seus casarões, 1944	223
50 – A praia do Carmo. Anos 50	223
51 – Praia dos Milagres e suas casas de veraneio destruídas pelo avanço do mar, 1960 a 1963	227
52 – Praia dos Milagres e suas casas de veraneio destruídas pelo avanço do mar, 1960 a 1963	228
53 – Destruição das casas pelas ressacas do mar em Olinda, na praia dos Milagres. Década de 1960	229
54 – Padrão de construção das casas de veraneio em Olinda, à beira-mar. Década de 1960	230
55 – Flagrante da construção dos diques de proteção contra ressacas. 1960	233
56 – Vista aérea da Praia dos Milagres com sua proteção de pedras contra as ressacas, 1996	234

57 – Foto recente da orla do Bairro Novo, 2007	235
58 – Barreto Guimarães e a bancada federal de Pernambuco, 1955	236
59 – Praia do Carmo, 2008	240
60 – Praia do Carmo, 2008	241
61 – Dique de proteção na praia do Bairro Novo, 2008	241
62 – Igreja do Carmo com rachaduras na fachada, 2007	243
63 – Projeto Monumenta. 2007.	244
64 – Praia de Casa Caiada em Olinda	250
65 – Vista área de Olinda	286
66 – Vista aérea da de Olinda, com visão do Sítio Histórico	287
67 – Vista de parte da Favela V-8 que se integra à V-9 e V-10	293
68 – Olinda. Casa nº. 65, da Rua Vinte e Sete de Janeiro	298
69 - Vista a partir do interior da igreja de São Pedro Mártir: detalhes de grade na janela lateral da igreja e na porta da casa nº. 65 da Rua Vinte e Sete de Janeiro	299
70 – Antigo sobrado no Sítio Histórico de Olinda	300
71 – Diversas casas antigas em várias ladeiras do Sítio Histórico de Olinda, com proteção de grades	301
72 – Mercado da Ribeira. Século XVIII	303
73 – Bonecos gigantes que desfilam no carnaval de Olinda. 2003	322
74 – Homem da Meia Noite e da Mulher do Dia, banda de música e população em Olinda	322
75 – Rainha do Maracatu	323
76 – Caboclinho com traje de penas, arco e flecha de madeira	323
77 – Fachada principal do Mosteiro de São Bento de Olinda	325
78 – Detalhe do Mosteiro de São Bento em Olinda. 2006	326

GRAVURAS

1 – “Vila de Olinda”	130
2 – Marim d’Olinda	131

MAPA

1 – Olinda de 1915	254
2 – Cidade de Olinda, em 1940	255
3 – Nova organização político-administrativa do município de Olinda	256
4 – Olinda em 1960, 1970 e 1995	274
5 – Sítio Histórico de Olinda	280
6 – Mapa Turístico do Sítio Histórico de Olinda	281
7 – Sítio Histórico de Olinda	282
8 – Área rural atual do Sítio Histórico de Olinda	284
9 – Olinda com as Respectivas Zonas - RPAs	285
10 – Região Metropolitana do Recife e Olinda	289
11 – Sítio Histórico de Olinda	292

MURAL

1 – Detalhe do Mural da Batalha dos Guararapes	338
--	-----

PAINÉIS

1 – Reprodução parcial da "Batalha dos Guararapes. Peça votiva a Nossa Senhora dos Prazeres do Monte dos Guararapes, século XVII, Pernambuco."	333
2 – Representação parcial do painel representativo da Batalha dos Guararapes	334
3 – Reprodução do painel da Batalha do Monte das Tabocas. Forro da nave da Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Militares, Recife	335

PLANTAS

1 – Planta interna, em perspectiva, do Sobrado Mourisco do Pátio de São Pedro nº. 7	144
2 – Planta esquemática da região de Olinda e Recife, com a presença das naus e do porto	157
3 – Imagem sem título. [Planta de Olinda]	159

QUADROS

1 – Principais vilas no século XVI	135
------------------------------------	-----

TELAS

1 – Trecho da tela <i>Grande Panorama de Olinda</i>	168
2 – Representação pictórica de Olinda e Recife	170
3 – Palácio de Nassau em Recife	170
4 – Batalha dos Guararapes. Victor Meirelles. 1872	335
5 – s/título. Tereza Costa Rego. 1993	337
6 – Batalha. Ismael Caldas. 1993	339
7 – Fragmentos do Painel da Conceição dos Militares. José Cláudio. 1993	339
8 – Invasão de Olinda. Gina Genoveva Alves. 1991	340
9 – Invasão Holandesa. Gina Genoveva	341

TALHA

1 – Jesus Crucificado. Madeira de demolição. Rômulo, Década de 1960	344
2 – Entalhes Figurativos de Olinda. Autores anônimos. Década de 1990	345
3 – Entalhe de cenas sacras e policromadas. Irmãos Andrade	345
4 – Entalhe de cenas sacras e policromadas. Irmãos Andrade	346

TABELAS

1 – Crescimento populacional das cidades de Recife e Olinda – 1872-2000	203
2 – Indicadores Econômicos Recife <i>versus</i> Olinda	290
3 – IDH – Olinda <i>versus</i> Recife – 1991; 2000	293

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNH – Banco Nacional de Habitação
CBC – Capital Brasileira de Cultura
CELPE – Companhia Energética de Pernambuco
CHESF – Companhia Hidroelétrica do São Francisco
COHAB/PE – Companhia Habitacional de Pernambuco
COMPESA – Companhia Pernambucana de Saneamento
CONDEPE/FIDEM – Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco
CURA – Complementação de Recuperação Acelerada (Projeto Federal)
CVSF – Comissão do Vale de São Francisco
DER – Departamento de Estradas de Rodagem de Pernambuco
DPHAN – Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
FUNDARPE – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco
FUNESO – Fundação de Ensino Superior de Olinda
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH – Índice de Desenvolvimento Humano
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ONG – Organização não Governamental
PDLI – Plano Desenvolvimento Local Integrado de Olinda
PMO – Prefeitura Municipal de Olinda
RMR – Região Metropolitana de Recife
RPA – Regiões Político-Administrativas
SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEPLAMA – Secretaria de Planejamento, Transportes e Meio Ambiente
SERFHAU – Serviço Federal de Habitação e Urbanismo
SERPACCTUR – Secretaria do Patrimônio, Ciência, Cultura e Turismo
SOCIPLAN – Sociedade Civil de Planejamento Ltda.
SPHAN – Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
TELPE – Telecomunicações de Pernambuco
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
URB – Empresa de Urbanização e Desenvolvimento Integrado de Olinda
ZEPC – Zona Especial de Paisagística

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	26
1 MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO NARRATIVA	39
1.1 MEMÓRIA EM UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA E PSICANALÍTICA	44
1.2 MEMÓRIA DO PONTO DE VISTA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	55
1.3 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL	60
1.4 MEMÓRIA E LINGUAGEM	68
2 CIDADE, MEMÓRIA E IDENTIDADE	76
2.1 ORIGEM DO NOME DA CIDADE DE OLINDA	97
2.2 O QUE SIGNIFICA “SER OLINDENSE”	101
3 OLINDA, MEMÓRIA E ASPECTOS HISTÓRICOS	117
3.1 FORMAÇÃO DA VILA DE OLINDA	125
3.2 FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS CIDADES COLONIAIS BRASILEIRAS	133
3.3 OLINDA E A ARQUITETURA COLONIAL	140
4 OLINDA E DESTRUÇÃO: A INVASÃO HOLANDESA	153
4.1 INVASÃO HOLANDESA	162
4.2 OLINDA PERDE O PODER PARA RECIFE	171
4.3 OLINDA NA VISÃO DOS VIAJANTES: SÉCULOS XVII, XVIII E XIX	179

5	OLINDA X RECIFE: NOVOS CICLOS DE APOGEU E DECLÍNIO	190
5.1	OLINDA SE TRANSFORMA EM CIDADE-BALNEÁRIO	207
5.2	OLINDA E A NOVA INVASÃO: A DESTRUIÇÃO DE SUAS PRAIAS	226
5.3	EROSÃO DAS COLINAS DE OLINDA	243
6	MEMÓRIA E CIDADE: SURGE UMA NOVA OLINDA	250
6.1	OLINDA: CRESCIMENTO E MODERNIZAÇÃO	258
6.2	OLINDA E A NOVA ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL	272
6.3	SÍTIO HISTÓRICO: DEMARCAÇÃO, LEGISLAÇÃO E PRESERVAÇÃO	275
6.4	RECIFE E OLINDA: REGIÃO METROPOLITANA E CONURBAÇÃO	288
7	OLINDA E MEMÓRIA: ASPECTOS SOCIAIS E CULTURAIS	303
7.1	VIDA RELIGIOSA E FESTAS PROFANAS EM OLINDA	311
7.2	OLINDA: CULTURA, MONUMENTOS E ARTE	324
7.3	OLINDA: RENASCIMENTO PELAS ARTES E PELO ARTESANATO	343
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	356
	REFERÊNCIAS	362
	FONTES	380

INTRODUÇÃO

A presente tese partiu da proposta do trabalho interdisciplinar, em que a História e a Psicanálise de mãos dadas serviram de base teórica, mediante a metodologia da História Oral. Ouvimos os entrevistados e seus discursos, recolhemos as lembranças sobre a cidade de Olinda guardadas na memória e trazemos ao público seus resultados. Este foi o caminho escolhido para entender como os olindenses vêem sua cidade. É disto que tratou a presente tese. Foi necessária a escrita e uma longa reflexão para tornar o ouvido em um texto e levantar e analisar questões. É o trabalho do pesquisador.

Este estudo da memória dos olindenses teve relevância social, uma vez que a fala do olindense de várias camadas sociais foi ouvida e foi documentada: o que eles pensam, como sentem, como vivem e como percebem sua própria cidade através do tempo. Puderam, assim, descrevê-la em suas narrativas, pela memória, com base em suas experiências de vida. Esta investigação pôde possibilitar novas leituras e novos olhares sobre a velha Olinda, que neste ano completou 470 anos de história.

O espaço e o tempo são a essência da memória [...] No ato de lembrar nos servimos de campo de significados — os quadros sociais — que nos servem de pontos de referência. As noções de tempo e espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado, à medida que as localizações espacial e temporal das lembranças são a essência da memória.¹

O método da história oral é usado como possibilidade de nova investigação do material trazido com base nas narrativas, não com uma finalidade terapêutica, como é o caso da psicanálise, mas com o objetivo de privilegiar a expressão e a interpretação das vivências passadas e das práticas sociais do indivíduo. À medida que fala, o sujeito expressa não apenas suas vivências, mas e principalmente suas emoções, sentimentos, desejos, sonhos e fantasias.

Então aparece não apenas o relato, mas o discurso como expressão da subjetividade de alguém que viveu, sonhou, sofreu e viveu experiências. Mas tudo isso deixou marcas; foram caminhos percorridos que formaram também cicatrizes. Aí estão expectativas, desejos, realizações, conquistas, frustrações e perdas.

As entrevistas permitiram que se falasse da própria experiência da vida em Olinda. A terra natal, a cidade que cada um pode dizer “minha cidade” é algo muito particular, porque estão aí operando os mecanismos psíquicos de idealização e identificação. A cidade passa a

¹ BERNARDO, Terezinha. *Memória em branco e negro: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: EDUC; Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 32.

ser um contínuo do sujeito. Ele passa a ser o representante da cidade, mas a cidade também o representa. Sua vida está ali. Os laços sociais são ali realizados. Mas o único mecanismo que torna possível a transmissão das vivências é a linguagem, que possibilita a narrativa das vivências. É pela linguagem, pelos efeitos das cadeias significantes, que os seres falantes estabelecem a comunicação e tornam possível o laço social.

A preocupação de ouvir propiciou aos moradores adultos e idosos da cidade de Olinda uma reconstrução de seu passado “[...] muitos trabalhos de história oral cuidam de registrar trajetória de pessoas idosas e por meio delas recompor aspectos da vida individual, do grupo em que estão inseridas ou da conjuntura que as acolhe [...]”² Esta escuta possibilitou que a identidade cultural, social, política, afetiva e os valores históricos sobre Olinda pudessem ser revelados, promovendo uma reflexão sobre a cidade e a realidade nas quais os moradores estão inseridos. As representações de sua cidade, de ontem e de hoje, reveladas pelos processos de rememoração, levou-nos à seguinte questão: *eu, como olindense, como vejo a minha cidade?*

Muitas vezes os pontos de vista sobre Olinda são repetidos e recorrentes, porque estão matizadas pelos afetos. É de “amor” e de “apaixonamento” a relação que os olindenses revelaram sobre a cidade. Então se pode ver, e mais ainda falar, das coisas boas da cidade. Muitas vezes era a cidade dos sonhos, da perfeição e da felicidade. Outras vezes, era a cidade e a realidade da pobreza, da violência e das drogas, que também chegaram lá.

Na prática, colhemos, com o recurso da gravação e transcrição, os depoimentos. Em seguida, ordenamos, sistematizamos, analisamos e criticamos a produção recolhida. Importante é situar historicamente os depoimentos, buscar as evidências orais pelas confrontações com as outras fontes documentais tradicionais do trabalho historiográfico. Utilizamos a literatura existente sobre o tema e a documentação encontrada principalmente no Arquivo Público Municipal de Olinda, nas Secretarias Municipais da Prefeitura, no Instituto Histórico de Olinda e nos jornais de Olinda e Recife.

Para a análise do material coletado nas entrevistas, utilizamos a técnica de análise do discurso, considerando que o uso da linguagem permite ao sujeito expressar sua subjetividade e suas representações sociais, sua singularidade e sua visão de mundo por meio das narrativas. A utilização dessa técnica permitiu captar, de maneira mais aprofundada, concepções, valores, pressupostos, crenças e ideais. Possibilitou ainda revelar as mensagens, suas características, suas causas e os efeitos de comunicação dos discursos produzidos. Destacou os aspectos

² MEIHY, José Carlos S.B. *Manual de história oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 32.

manifestos e latentes, ou seja, o que se encontra oculto, o não aparente, o escondido nas entrelinhas, o não dito, o silêncio ao lado do mais explícito nas declarações dos sujeitos. Surgiram assim, pelas narrativas, os traços mais marcantes e identitários da cidade de Olinda.

O relato possibilitou o estudo do contexto social e histórico das vivências dos sujeitos em questão, pois, como esclarece Walter Benjamin:³ “[...] a narrativa, operando a partir da referência a um fundo de horizonte da experiência, abre ou dimensiona um certo campo da experiência.” A narrativa permitiu que surgissem expressões mais livremente apresentadas, “[...] o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros [...]”⁴

Surgiu, portanto, espaço para que o relato imaginário dos sujeitos pudesse vir a ser construído nas lembranças de sua própria vida, em forma de suas mensagens. Como diz Paul Thompson:⁵ “[...] a narrativa como a forma primordial pela qual os seres humanos dão sentido à própria experiência [...]” Deu espaço para que a subjetividade se expressasse pelos significantes privilegiados que revelaram os traços de identidade de sua cidade, pelo estudo das adjetivações, revelados em relação à cidade de Olinda.

Os dados coletados puderam ser cotejados com a documentação disponível nos Arquivos escolhidos para este fim. Para tanto, obedecemos à seguinte recomendação de Jacques Le Goff:⁶

Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: “Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória.”

Como trabalhamos com fontes orais, foi nossa intenção discutir as representações da cidade de Olinda com base nas entrevistas. Foram contatados 30 olindenses adultos e idosos, homens e mulheres, antigos moradores e residentes hoje na cidade de Olinda ou fora dela. Colocamos então as questões: como Olinda tornou-se a cidade que é hoje? O que significa sua cidade para os olindenses adultos e idosos? Qual a percepção que os olindenses têm das transformações urbanas que a cidade viveu nas últimas décadas?

Buscamos relacionar as representações por meio da memória oral e das lembranças sobre o passado, seguindo os rastros que os significantes iam abrindo. Caminhos e pistas foram

³ BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 201.

⁴ Ibidem, p. 201.

⁵ THOMPSON, Paul. *A voz do passado - história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 311.

⁶ LE GOFF, Jacques. *A nova história*. São Paulo: Martins Fonte, 1990a. p.473.

associados e se mostraram preciosos, ao cruzarmos os documentos com outras informações escritas, que ofereciam possibilidades para interpretar o material colhido nas entrevistas, nesse lembrar de um tempo já passado, mas ainda vivo nas memórias dos depoentes. Os sentimentos desses homens e mulheres por sua cidade era, antes de tudo, uma experiência de afeto intenso, que movimentou suas vidas, numa relação amorosa e de identidade com sua cidade.

A proposta deste trabalho foi dar voz à geração que vivenciou em seu cotidiano este período de mudanças na cidade. Esta Olinda encontrada nas lembranças desses olindenses, antigos habitantes da cidade, foi importante para saber como estas pessoas percebem o espaço e o tempo transcorrido onde vivem atualmente e como percebiam outrora. O trabalho busca construir esta idéia de cidade, por meio da memória de seus moradores.

É como uma cidade que, durante as voltas do trem em que a atravessamos, nos aparece ora à esquerda, ora à direita, os diversos aspectos que um mesmo personagem terá assumido aos olhos de outro, a ponto de parecer uma sucessão de personagens distintos, darão (mas não apenas isso) a sensação do tempo transcorrido. Tais personagens se revelarão mais tarde bem diferentes do que eles eram no volume atual [...] Desse ponto de vista, meu livro talvez seria uma série de “romances do inconsciente”: eu não teria a menor vergonha de chamá-los de “bergsonianos” se eu acreditasse nisso, pois em toda época a literatura procura ligar-se — naturalmente a reboque — à filosofia reinante. Mas eu não estaria sendo preciso, pois minha obra involuntária e a memória involuntária, distinção que apenas inexiste na filosofia de Bergson, não é contradita por ela.⁷

A presente tese trata da história da cidade de Olinda e de suas transformações, percebidas pela memória de mais de uma geração de olindenses. A idéia da pesquisa ocorreu após ouvir o relato de um olindense idoso, que vem a ser o quinto filho do casal homenageado, que, ao retornar a Olinda, andando pelas velhas ladeiras, exatamente como fizera no passado, foi surpreendido com o retorno a sua consciência das lembranças de sua infância e adolescência. Eram relatos de experiências vividas nessa cidade. Essas lembranças traziam informações detalhadas, que o surpreendiam, sobre Olinda de uma época anterior à chegada da televisão e do computador.

A escuta dessas lembranças, pôde mostrar que a cidade de Olinda havia mudado de tal maneira, que era difícil reconhecê-la. Os fatos evidenciavam que, num espaço de tempo relativamente curto — cinco décadas — ocorreu um processo de transformação histórico, social e urbano de grande significado e que seria possível dar espaço de escuta às gerações que viveram e eram testemunhas vivas das modificações na cidade.

Resolvemos arregaçar as mangas e pesquisar. Para isso, precisamos tomar olindenses como informantes da pesquisa, visando estabelecer uma aproximação entre os campos da

⁷ PROUST, Marcel. Entrevista. Tradução Marcelo Coutinho Vargas. *Espaço e Debates: Revista de Estudos Regionais*, São Paulo, p. 80-81, 1981. p. 81.

História e da Psicanálise, em torno da questão da memória, num processo de valorização da interdisciplinaridade. A idéia era buscar, com base na investigação, um novo olhar sobre a cidade de Olinda, pela memória de seus moradores e pela construção de suas representações sociais, possibilitando assim que fossem reveladas a identidade cultural, as práticas sociais, a relação e o vínculo com a cidade, bem como a percepção sobre os processos acontecidos no transcorrer de sua história.

Ouvimos diversas pessoas de idades, profissões, níveis de vida e experiências as mais diversas, tendo em comum a cidade de Olinda, para obter uma visão de como é Olinda hoje e como seu passado é visto por seus filhos. Foram inúmeros relatos e horas de entrevistas e de escuta dessas narrativas, para poder desenhar estes textos e entender como se desenvolveram os vínculos nesta cidade, como vive sua população, como são as relações entre vizinhos, onde trabalham, como se deslocam, como vivem na cidade, o que ela oferece de trabalho, lazer, cultura e educação. Principalmente saber por que o olindense é um “apaixonado” por sua cidade e dela tanto se “orgulha”.

A cidade, estruturada ao longo de séculos, tem uma nova organização. Antigas residências se apresentam hoje como estabelecimentos comerciais voltados ao turismo: hotéis, pousadas, bares, restaurantes, lojas de artesanato, ateliês de artistas. As cadeiras dispostas à frente das casas, à noite, importantes pontos de encontro das famílias, vizinhos e amigos, ainda são vistas na parte central da cidade, porém sem tanta frequência. Isso porque a televisão chegou e a família se reúne em sua frente e também por conta da violência, que também chegou à cidade.

Hoje, circulam nas ruas de Olinda, grupos de visitantes que contemplam a beleza de sua arquitetura, suas ladeiras e seus sobrados, como se olhassem para o passado, ao lado de pessoas interessadas, não apenas em conhecê-la, mas também em comprar seu artesanato e suas obras de arte.

As ruas estreitas receberam automóveis e ônibus de turistas em visita à cidade que os olindenses souberam preservar o Sítio Histórico. Os brasileiros e pernambucanos a reverenciam por seu passado, pelo patrimônio urbanístico que testemunhou o próprio início da história do Brasil, além de sua excepcional localização geográfica, construída num belo sítio, sobre sete colinas à beira-mar. “Essa é a imortal Olinda, relíquia da história do Brasil, encanto dos pintores e poetas, conhecida mundialmente pela sua beleza colonial e barroca.”⁸

A cidade ouvida nos relatos dos depoentes era a Olinda antiga, chamada por sua população de “coração da cidade” ou Sítio Histórico. Esta região é formada pela parte alta e antiga da cidade, onde se conservam as construções seculares de suas igrejas, mosteiros, conventos e o casario da época do Brasil colônia. Inclui as ruas do Amparo, Vinte e Sete de Janeiro, São Bento, Ribeira, Prudente de Moraes, Ladeiras da Misericórdia, da Ribeira e da Sé e adjacências, interligadas por becos e ruelas, vias de acesso da população às igrejas, escolas,

⁸ BARBOSA, Pe Antonio. *Relíquias de Pernambuco: guia aos monumentos históricos de Olinda e Recife*. São Paulo: Fundo Educativo Brasileiro, 1983. p. 4.

comércio, praças e aos meios de transportes da cidade. Na região do entorno do Sítio Histórico, as residências foram construídas com estilos arquitetônicos variados e em épocas distintas.

A representação de Olinda, construída pelo processo de rememoração, levou-nos à seguinte questão: *como os olindenses, hoje, vêem sua cidade?*

É possível, pelo diálogo entre a História e a Psicanálise, captar os significados relativos aos processos históricos, socioeconômicos e culturais na cidade de Olinda, escutar as informações dos olindenses, confrontá-las com os documentos e perceber a rede de significantes construída nesses relatos, desde a história de sua fundação, com seu mito de origem transmitido oralmente pelas gerações, até as maneiras de viver e as formas de pensar de seus habitantes. Olinda aparece, assim, como um painel, uma cidade singular, pelas fases de história que encerra.

Podemos assinalar que a história de Olinda se mistura com a própria história do país. E o olindense é consciente e orgulhoso disso; sabe que Olinda é plena de significados em seu passado e isso é refletido em seu presente. As palavras escolhidas para descrevê-la — os significantes privilegiados — revelam o imaginário e, principalmente, a relação de amor à cidade onde vivem e vão continuar a criar sua história

A idéia da história como história do homem foi substituída pela idéia da história como história dos homens em sociedade [...] Assim, a história começou como um *relato*, a narração daquele que pode dizer “Eu vi, senti”. Este aspecto da história-relato, da história-testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica.⁹

Por que trabalhar com a História e a Psicanálise? A psicanálise trabalha com o método privilegiado: a associação de idéias que o paciente produz em suas rememorações. As idéias aqui apresentadas foram concebidas com base na longa experiência nas escutas das rememorações nas sessões psicanalíticas. As narrativas também escutadas sobre a relação do sujeito com sua cidade e sua memória sobre suas experiências de vida oferecem um meio de expressão dos sentimentos e afetos para os entrevistados. Haverá espaço para que o relato dos sujeitos possa vir a ser construído nas rememorações de sua própria vida em forma de mensagens.

O uso da história oral, para Paul Thompson,¹⁰

[...] é uma tarefa essencial para que a história possa proporcionar uma interpretação significativa da experiência da vida comum. E, nesta tarefa, a história oral desempenhará papel fundamental. A evidência que utiliza associa intrinsecamente o objetivo com o subjetivo, e nos conduz por entre os mundos público e privado.

A utilização da memória é um recurso comum nos dois campos de trabalho citados — a História e a Psicanálise —, com finalidades distintas, mas imprescindível para seus fins. A

⁹ LE GOFF, 1990a, p. 8-9.

¹⁰ THOMPSON, 1992, p. 333.

tradição do relato oral é antiga e de ampla utilização, pois a ela devemos o conhecimento que a humanidade hoje dispõe dos chamados povos primitivos, que foi documentado e organizado graças ao uso das técnicas da oralidade, quer pela História, quer pelos trabalhos da Antropologia. Daí o interesse da aproximação desses dois campos de estudos.

O objetivo da pesquisa foi construir a história da cidade de Olinda com base nas representações e nas lembranças dos olindenses de gerações distintas, para que, relacionando-as com as fontes selecionadas, fosse possível construir um painel sobre os fatos da história da cidade. Assim seriam evidenciados, pela memória pessoal, os aspectos sociais das vivências nessa cidade, destacando nas narrativas as representações e as identificações com a cidade, os traços comuns encontrados nos diversos depoentes e as narrativas e informações relacionadas às transformações sociais, históricas, políticas, econômicas e culturais.

A necessidade de realização desta pesquisa visou o resgate da história de Olinda, em função não apenas da importância histórica da própria cidade, mas, e principalmente, para preencher uma lacuna, uma vez que os trabalhos sobre a cidade, em sua quase totalidade, voltam-se para o período colonial.

A presente pesquisa visou estudar uma outra história. Trabalhamos com o passado dessas pessoas e, por serem adultas, sua relação com o tempo é especial. Deste modo, o passado orienta a temporalidade do discurso em relação ao futuro. Já em relação ao idoso, diz o psicanalista Alfredo Jerusalinsky:¹¹ “[...] está-se diante de uma curiosa contração do tempo: uma minimização do futuro, da qual se extraem as principais significações da vida que ainda resta [...]”

As entrevistas realizadas foram gravadas e transcritas e serviram de base para os trabalhos aqui apresentados. Ao todo foram entrevistados 14 homens e 16 mulheres, todos adultos, entre 30 e 80 anos de idade. Trata-se de uma pesquisa empírica, com trabalho de campo e entrevistas semidirigidas realizadas em Olinda. A opção pela metodologia da História Oral decorreu do fato de se tratar de um recurso próprio para documentação e estudos referentes à experiência social da pessoa.

Segundo Paul Thompson:¹² “A vida individual é o veículo concreto da experiência histórica”. O autor defende que as experiências se exercem inevitavelmente no contexto social e político, a despeito de individuais, sendo o mérito da história oral sua amplitude em relação à maioria das fontes, pois permite criar uma multiplicidade original de pontos de vista.

As verdades que amparam a história oral são as retidas na memória das pessoas, forjadas em imaginários construídos; são as que circulam no cotidiano ou passam formal ou informalmente de uma geração para outra, poucas vezes podendo ser equiparadas aos documentos de arquivo [...] Ela é sempre uma *história do tempo presente* e também conhecida como *história viva*.¹³

¹¹ JERUSALISKY, Alfredo. Sobre lembranças e outros esquecimento. *Envelhecimento: uma Perspectiva Psicanalítica*, Curitiba, Ano V, p. 11-26, dez. 2001. p. 17.

¹² THOMPSON, 1992, p. 302.

¹³ MEIHY, 2002, p. 9; 13, grifos do autor.

Para formarmos a rede de depoentes, foram necessárias várias visitas à cidade de Olinda e contar com a fundamental ajuda de ex-colegas da Academia de Santa Gertrudes de Olinda, que indicaram pessoas, e do corpo de técnicos do Arquivo Público Municipal Antonino Guimarães de Olinda. Esta instituição, além de ajudar na formação da rede de nomes, disponibilizou seu acervo e ofereceu suas instalações para que pudéssemos proceder às entrevistas, quando não era possível fazê-las nos domicílios. Contamos também com a colaboração de parentes, que foram dando sugestões, para que uma ampla e variada rede de depoentes, com o perfil necessário, fosse efetivada.

A seleção e a triagem dos sujeitos foram realizadas pelos contatos pessoais. Inicialmente foi aplicada uma entrevista piloto, devidamente discutida e avaliada. As entrevistas foram realizadas segundo a orientação de José Carlos Sebe Bom Meihy.¹⁴ Para atender aos aspectos éticos da pesquisa, foram transmitidas as informações sobre seus objetivos e solicitadas as assinaturas daqueles que participaram em carta de cessão. Com este procedimento, também definimos, explicitamente, os critérios do uso da entrevista.

Sabemos que em pesquisa é importante a especificidade do contato entre entrevistador e entrevistado, permitida pelas técnicas da história oral. Para seu desenvolvimento, é preciso estabelecer uma relação baseada na identificação e empatia, procurando extrair o máximo de informações e veracidade nas narrativas, pelos processos sincrônicos e diacrônicos, próprios das relações sociais e temporais permeados pela palavra. Deste modo, os depoimentos autorizados são gravados, transcritos, transformados em documentos históricos e publicados. Poderão ser consultados em bibliotecas, exatamente como qualquer outra fonte documental. Neste sentido, é completamente diferente da prática psicanalítica, que tem uma finalidade terapêutica, cujo material de relato das sessões é, por princípio, determinado pelo sigilo e pela não publicação.

A análise do material coletado, considerando que a linguagem permite ao sujeito expressar suas representações sociais, sua singularidade e sua visão de mundo, possibilitou que fosse tecido o texto aqui apresentado. A cidade surgiu cheia de significações e lembranças, porque tem vida; as próprias histórias individuais dos moradores foram construídas naquelas casas, ruas e ladeiras, onde sentimentos foram também vividos e são agora relatados. Os relatos possibilitaram o estudo do contexto social e histórico das vivências dos sujeitos em questão, “[...] a narrativa, operando a partir da referência a um fundo de horizonte da experiência, abre ou dimensiona um certo campo da experiência”.¹⁵

¹⁴ MEIHY, 2002.

¹⁵ BARBOSA, Márcio. *Experiência e narrativa*. Salvador: EDUFBA, 2003. p. 92.

A narrativa permite que surjam expressões mais livremente apresentadas. Há, portanto, espaço para que o relato imaginário dos sujeitos seja construído nas lembranças de sua própria vida, sob a forma de mensagens que revelam suas experiências subjetivas, ligadas aos sentimentos e afetos. É, portanto, pela palavra que se interpreta a realidade. A narrativa é construída individualmente, com base na relação com os objetos, eventos e pessoas, porém é socialmente compartilhada pela linguagem, por aqueles que vivenciam o mesmo espaço e tempo sociocultural. Conforme esclarece Antonio Montenegro:¹⁶ “[...] tempo histórico não é o tempo vivido. A história escrita, documentada, distingue-se do acontecido; é uma representação. E neste hiato entre o vivido e o narrado localiza-se o fazer próprio do historiador.”

Na história do tempo presente, como é o caso da construção da história desta cidade, o pesquisador é contemporâneo de seu objeto de estudo. Com isto, pretendemos privilegiar os depoimentos da memória histórica, familiar, pessoal e também pública dos acontecimentos vividos na cidade de Olinda.

Assim, foram reveladas as experiências de vida em Olinda, a relação com a cidade e os vínculos sociais ali desenvolvidos. Foi possível perceber concepções, valores, pressupostos, crenças e ideais. O relato permitiu o estudo do contexto social e histórico das vivências dos sujeitos na cidade de Olinda. Os dados coletados nas entrevistas foram cotejados com a documentação disponível, listada no final da tese.

O material obtido foi revelando a relação dos sujeitos com a cidade, através do tempo, e foi possível perceber a visão das transformações que Olinda experimentou nessas últimas décadas. Também mostrou os dados da história antiga da cidade e seu efeito no imaginário da população. Os heróis, os mitos, os fatos que permaneceram gravados na memória dos depoentes. É a história antiga da cidade que é repassada oralmente entre as gerações. Os acontecimentos passados e a forma de retorno das histórias da cidade fazem parte da identificação do olindense com a cidade.

Segundo a historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto,¹⁷ as narrativas permitem:

Trilhar outros caminhos e poder se debruçar sobre as janelas das pequenas cidades, conhecer um pouco de sua vida — trechos fragmentários —, esmiuçando práticas, maneiras de viver de pensar de seus habitantes. Por meio de condições muitas vezes previsíveis e outras completamente adversas e inesperadas, consegue-se perceber, nos meandros de suas narrativas e mesmo de outros registros, tempos de ousadias e também tempos de vigilâncias; tempos de trabalho e tempos de invenções e

¹⁶ MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória*. São Paulo: Contexto, 1991. p. 10.

¹⁷ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidade da mineração: memória e práticas culturais*. Cuiabá: EDUFMT, 2006. p. 21.

estratégias cotidianas de enfrentamento do mundo, tornando as experiências passíveis de serem escutadas.

O material coletado e analisado foi transformado em um texto, cujos capítulos expuseram o assunto ordenada e pormenorizadamente na seguinte seqüência:

O primeiro foi dedicado a uma apresentação das teorias sobre a memória, tomando como eixo central as teorias do sociólogo Maurice Halbwachs, do filósofo Henri Bergson, por tratar-se de teorias classicamente aceitas no campo das humanidades. Do psicanalista Sigmund Freud, criador da Psicanálise, sua teoria serviu-nos de referência sobre a própria concepção psíquica sobre o homem e sua memória.

A memória, diz-nos Henri BÉrgson,¹⁸ é a conservação do passado. O autor estabelece as relações entre a conservação do passado e o presente, e a relação da memória com a percepção. Antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança continua em estado latente, porque está abaixo da consciência atual e potencial. Esse estado inconsciente foi concebido por Sigmund Freud,¹⁹ para quem as representações são marcadas pelo desejo, que é a mola mestra propulsora do psiquismo, e também podem ser reprimidas.

Importante destacar que a memória é uma construção do sujeito, utilizando suas representações mentais, por meio de suas lembranças. A memória individual possui uma relação de dependência com o outro e com os grupos com os quais o indivíduo está integrado. Assim pensa Maurice Halbwachs,²⁰ quando diz: “A lembrança é em larga medida a reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifesta-se já bem alterada.” Como destaca Walter Benjamim:²¹ “Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem viveu.”. A lembrança é, portanto, um trabalho da rememoração e não a simples repetição; é o trabalho da memória.

No segundo capítulo, tomamos a relação entre memória e identidade para os sujeitos, com base em sua relação com o outro, o semelhante e o Outro da linguagem, seu lugar e sua relação com a cidade. A organização da memória e da identidade está marcada pelas condições subjetivas e sociais em que o indivíduo está inserido. Elas são os fios condutores no estudo aqui apresentado:

¹⁸ BERGSON, Henri. *Matéria e memória* - ensaio sobre a relação do corpo com e espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

¹⁹ FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. 1895 [1950], v. I.

²⁰ HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Librairie Felix Alcan, 1925. p. 71.

²¹ BENJAMIN, 1994, p. 37.

Na constituição da memória individual e familiar são importantes os contatos com outros grupos. Uma família pode ter morado longos anos num mesmo bairro, formado vínculos estreitos com a vizinhança; a criança sente incluída no grupo familiar e no da vizinhança, suas lembranças brotam de um e outro, dada a íntima vivência com ambos. Se podemos reagrupar em nossa subjetividade lembranças de espaços sociais diferentes, podemos também sobrepor imagens do mesmo espaço social.²²

As identidades tomam forma e se estruturam com a entrada do sujeito na dimensão simbólica, por meio da linguagem, inicialmente em suas relações familiares, no mundo das representações conscientes e inconscientes, mas sempre ligadas a um espaço e a um tempo, específicos na história de cada um, e na presente tese com a cidade de Olinda, porque são vivências em campos sociais. Por isso, destacamos a identificação de alguns significantes privilegiados que marcam a constituição do sujeito também como cidadão de Olinda. Suas palavras revelam sua relação com a cidade onde nasceu, morou, cresceu e aprendeu a reconhecer e a se reconhecer nela.

No Capítulo 3, voltamos no tempo, apresentando um resumo da história antiga de Olinda e seu documento fundador, o *Foral de Olinda*. Destacamos sua importância para a colônia como vila próspera e a mais importante da Capitania de Pernambuco. Ouvimos nos depoimentos a relação de Olinda com a religião trazida pelos portugueses e sua influência sobre a identidade dos olindenses, que permanece muito presente. Apresentamos imagens sobre a evolução da ocupação de Olinda e dos casarões coloniais que foram preservados.

Já no capítulo seguinte, o quarto, ainda sobre o período colonial, destacamos a invasão e a destruição de Olinda pelos holandeses, fato escutado como traumático, que retorna ainda hoje à memória dos olindenses e foi o momento histórico mais lembrado e comentado. Uma verdadeira “ferida narcísica” para o orgulho e o amor de seus moradores, que viram a vila ser invadida e destruída por um incêndio. Tempos de guerra e de sofrimento de sua população. Período histórico importante, porque foram muitas as batalhas e as mortes entre os luso-brasileiros e os holandeses. Isto está marcado na memória popular e é passado de geração a geração e foi muito lembrado. Foi um luto que não foi possível ser elaborado, pelas terríveis perdas subjetivas vivenciadas pela população. Foi o período de maiores perdas e de total declínio para Olinda.

Continuamos, no Capítulo 5, a acompanhar as fases que Olinda vivenciou, de apogeu e de declínio, principalmente quando foi escolhida pela população abastada de Recife como cidade balneária. Olinda vivenciaria uma nova fase, e a cidade se engalanaria para receber os veranistas. Foi um tempo de festas, retretas, jornais de moda e alegria. Isso a fez acordar para

²² BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*; lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 431.

essa nova realidade, já que dispunha de boas praias e o banho salgado era muito recomendado pelos médicos na época, influenciados pela Medicina Higienista, que pregava as maravilhas dos banhos como prática saudável para a população. Mas isso não durou para sempre.

Apresentamos então o que a cidade viveu como outro ciclo de declínio, quando foi invadida, não mais pelo fogo, mas agora pelo mar, as chamadas *ressacas* sobre suas praias, destruindo-as. Foi o tempo em que Boa Viagem, ao Sul do Recife, se instalou e tomou seu lugar, como centro de recreação e balneário preferido pelos pernambucanos. Olinda ainda vivenciou uma nova dimensão de perdas, por ter ruas e casas, bem como suas praias atingidas pela violência das ondas. Ao serem construídos diques de proteção, as praias de Olinda do entorno do Sítio Histórico deixaram de ser apropriadas para banho, e ela perdeu o posto de cidade balneária.

São destacadas, no Capítulo 6, as relações entre as cidades de Olinda e de Recife, e entre os olindenses e os recifenses, com sua histórica rivalidade fraterna permeada de ciúmes, disputas e hostilidades. Também os ciclos de apogeu e declínio da cidade de Olinda, pois são duas cidades muito próximas; apenas 6 km as separam. Foram muito grandes as disputas pelo poder, já que Olinda foi a principal vila no período anterior à invasão da Capitania pelos holandeses, que elegeram Recife como centro. Desde então Olinda entrou em um longo período de declínio e viu Recife se desenvolver, fato que permanece até os dias atuais.

Ao ouvir os depoimentos sobre estes fatos, pudemos perceber a relação entre olindenses e recifenses. Mostramos, por meio dos depoimentos, como Olinda se transformou e cresceu a partir dos anos de 1950. Temos uma apresentação de como os olindenses perceberam as mudanças ocorridas na cidade, principalmente seu crescimento com a construção dos conjuntos habitacionais, que deram origem a novos bairros e promoveram o crescimento dos já existentes.

A expansão urbana verificada nesse período apresenta imóveis com padrões arquitetônicos contemporâneos, situados na parte baixa da cidade, em sua orla: o Bairro Novo, o Jardim Atlântico e Casa Caiada. Os moradores da parte antiga da cidade transferiram-se para esses novos bairros, os primeiros de uma série. Era a expansão imobiliária que Olinda vivenciava: “Essa urbanização de Olinda prosseguia, sem que fosse criada uma infra-estrutura capaz de lhe dar vida própria. Continuava a ser a cidade dormitório, com a quase totalidade de sua população ativa trabalhando no Recife.”²³

²³ NOVAES, Fernando. *Olinda, evolução urbana*. Recife: FUNDARPE, 1990. p. 53.

Na realidade surgia uma nova Olinda, revelada pelos mapas da época. Vamos enfocar ainda o crescimento da cidade do Recife. Olinda, como não conseguiu acompanhar esta evolução, foi se transformando numa cidade dormitório, dependente do Recife, de seus empregos e serviços. Recife cresceu e se transformou em metrópole regional. Olinda passou a ser uma das regiões conurbadas ao Recife, ao lado de outras cidades, em sua região metropolitana. A diferença entre as duas fica bastante acentuada. Olinda parou no tempo?

No Capítulo 7, veremos como Olinda dá a volta por cima, nesse seu movimento histórico de fases de apogeu e de declínio, encontra sua nova vocação, a partir dos anos 1950, e se transforma num imenso pólo de produção artística e cultural, que lhe dá uma nova identidade. Supera assim suas dificuldades, quando revela intensa resistência para não perder sua singularidade. A memória dos olindenses foi uma ferramenta importante para que fosse revelada essa tendência para ser uma cidade diferente.

Apresentamos assim o trabalho realizado sobre a cidade de Olinda, nossas conclusões em relação aos objetivos propostos inicialmente e apontamos novas possibilidades de desenvolvimento de pesquisas que permitam a compreensão cada vez mais aprofundada sobre o tema estudado.

1 MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO NARRATIVA

“Ela é dona de sete colinas
Debruçadas na beira do mar
Transparente, solar, cristalina
Feminina, muito mais que
linda...
Alceu Valença¹



Figura 1 – Vista do Seminário de Olinda²

Qualquer pessoa que visita a cidade de Olinda, em Pernambuco, é rotineiramente abordada por seus guias, que se oferecem para contar a história da cidade, enquanto acompanham os turistas pelas ladeiras, mostrando seus principais pontos de atração. Eles fazem parte do cenário da cidade e costumam acompanhar os visitantes que chegam de carro, de ônibus de turismo ou mesmo a pé. Eram grupos de crianças que, uniformizadas, se dirigiam aos visitantes. Hoje em dia já não são tão jovens assim. Há trinta anos atrás, o Padre Marcelo Carvalheiro reuniu um grupo de garotos, no alto da Sé, e ensinava-lhes a história da

¹ Alceu Valença, canção popular de sua autoria.

² Antigo Colégio Real Jesuíta, uma das mais importantes e antigas construções religiosas do Brasil Colônia, de estilo renascentista, datado do século XVI, com a igreja de N. S. das Graças. Ao fundo, a vista da cidade do Recife. Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Olinda.

cidade. Eram 31 meninos, de oito a dez anos de idade, que trabalhavam como guias-mirim de turismo e eram preparados para acompanhar os turistas, contando a história antiga de Olinda.³

Algum tempo depois, a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) adotou os guias-mirins e manteve uma casa no Alto da Sé para o treinamento deles. Hoje a prefeitura de Olinda tem um Centro de Treinamento dos Guias, que funciona na sede da Biblioteca do Município, situada à Av. Liberdade nº. 100, no bairro do Carmo, onde dá cursos de línguas, fardamento e crachá. Assim, Marcelino João Gomes Lobo,⁴ inicia seu depoimento sobre suas lembranças de menino, como guia-mirim na cidade de Olinda:

O meu pai era biscateiro e minha mãe lavava roupa de ganho. Eu trabalhava como guia turístico desde os 8 a 10 anos de idade. O padre Carvalheiro falava das igrejas, dos monumentos históricos, foi ele quem me educou, na verdade. Eu aprendi tudo e assim caminhava com os turistas. Eles pagavam [correspondente] R\$ 5,00 a R\$15,00, isso ajudava a família. Fiz até a quinta série, mas ia a escola por causa do lanche. Lembro que quando chegava o navio de turistas, os outros meninos me avisavam, eu fugia da escola pulando o muro. Fiquei trabalhando uns quinze anos nisso e dava todo dinheiro para minha mãe.

Sobre seu bairro e as experiências na cidade, as que mais lhe marcaram foram as vividas em Amaro Branco, bairro popular no Sítio Histórico da cidade, onde mora toda a sua família e onde ele nasceu, cresceu e ainda reside. Hoje, adulto, as lembranças vão lhe chegando à medida que fala e vai desfilando suas experiências marcantes, que a memória preservou e que ele narra com emoção:

Nós sempre vivemos bem, como pobres, a vida era muito difícil, mas gostamos do nosso bairro. Morávamos em casebres, os vizinhos eram pessoas humildes, mas decentes. Lá tem a vista do mar, é próximo do Farol e os vizinhos têm boa convivência. Lembro que não tinha caderno e certa vez a diretora exigiu que viesse de farda; meus pais não tinham condições de comprar. Eu ia largar a escola, mas meus colegas e vizinhos me deram, cada um uma peça sua e eu continuei na escola. Eu não

³ GOMEZE, Ana Paula. *Olinda recebe executivos da General Eletric*. Disponível em: <<http://www.olinda.pe.gov.br/portal/noticias.php?cod=190>> Acesso em: 10 set. 2008.

⁴ Marcelino João Gusmão Lobo, 43 anos, depoente da pesquisa, olindense, ex-guia-mirim de turismo na década de 1970, atualmente é funcionário da Prefeitura de Olinda, trabalha com serviços gerais. Filho de pais também olindenses e moradores do bairro popular de Amaro Branco no Sítio Histórico de Olinda. Tem cinco irmãos. Nas horas vagas trabalha como pedreiro. Hoje é casado e tem filhos.

esqueço isso nunca. Outra coisa, eu estava com 13 anos, quando um casal de São Paulo quis me levar com ele, foi até em minha casa pedir para minha mãe, pois lá teria mais futuro e ela não deixou. Aconteceu mais de uma vez. Alguns meninos foram com os turistas morar em outros lugares.

Em relação à cidade, ele destaca o que percebe como uma mudança:

Atualmente há guias que são adultos, por causa do desemprego, eles continuaram nesse trabalho. Antes, as igrejas todas ficavam abertas para a visitação dos turistas, tinha a hora certa de abrir e fechar. Os guias ficavam com as chaves de algumas, e abria para a visitação, depois entregavam. Havia confianç a. Hoje tudo   fechado por causa da violência e dos assaltos.   uma pena!

As lembranças do que aprendeu e usava em suas informações para os turistas que guiava pelas ruas de Olinda, ele foi capaz de reproduzir na íntegra, porque estavam preservadas. O texto memorizado se manteve totalmente conservado. Abaixo, transcrevemos toda a sua narrativa, em que levava cerca de 20 minutos apresentando a história da cidade aos turistas, caminhando pelas ladeiras, parando e mostrando os monumentos, quando era um garoto e guia-mirim:

Moça, quer ouvir a história de Olinda?

Lá no alto da Sé fica a catedral da Sé de Olinda... o ano dela é de 1537... é a segunda igreja mais velha de Olinda... seguindo em frente, vamos encontrar um prédio quadrado, que é a antiga caixa d'água, onde abastece água para toda a população de Olinda... próximo a ele tem uma pedra, em forma de um charuto, que é o primeiro marco e lá tem escrito: 'aqui passagem de Vênus pelo disco solar em 5 a 6 de dezembro de 1882 – Comissão Brasileira'. Mais em frente vamos encontrar a igreja da Misericórdia, fundada em 1540, onde funcionou a primeira Santa Casa de Misericórdia do Brasil. Do lado do muro que vão ver, tem o terceiro marco e lá tem escrito 'aqui no adro desta igreja, morreu o Capitão André Pereira Telmudo, seguido de um punhado de bravos pernambucanos, que sacrificou heroicamente a sua vida para vingar os ultrajes que faziam à pátria e à religião todos criminosos invasores holandeses em 1630'. Descendo a rua vão encontrar a igreja do Amparo, fundada em 1640, a igreja que tem de frente, a igreja de São João dos Militares, a única que

escapou do incêndio holandês, fundada em 1581. Mais adiante tem a igreja de Nossa Senhora do Monte, a mais antiga de Olinda, fundada em 1535, da ordem das beneditinas. Seguindo em frente aqui nesta rua, vocês vão sair no mercado dos escravos, atual Mercado da Ribeira, onde vendia-se escravos e era mercado também de legumes, frutas, verduras e grãos. Passando também esta rua, vão encontrar o Mosteiro de São Bento, fundado em 1582. Foi do lado do Mosteiro, onde tem aquele convento, que funcionou a primeira Faculdade de Direito do Brasil. A Faculdade funcionou de 11 de agosto de 1827 e terminou em 11 de agosto de 1927. Passou um século funcionando. Este aqui na frente, que vocês vão passar por lá, é o antigo palácio dos governadores, atualmente a Prefeitura de Olinda.

Descendo aqui esta rua, aí vamos passar pela igreja da Matriz de São Pedro, onde se realizam quase todos os casamentos e batizados de Olinda, fundada em 1590. Mais em frente vendo, aquela lá é a igreja de Nossa Senhora do Carmo, Convento das Carmelitas, primeiro Convento das Carmelitas no Brasil, fundado em 1720. Se subirem à rua, vão encontrar o Convento de São Francisco, o primeiro convento dos franciscanos no Brasil, fundado em 1577. Esta parte ao lado, é a Capela de Santa Ana, fundada em 1754, toda em azulejos portugueses, com desenhos que contam toda a história de Santa Ana e sua filha. Ao lado tem uma igreja, que é a igreja de Nossa Senhora das Neves, fundada em 1585, que é também em azulejos portugueses que contam toda a história da vida de Nossa Senhora; e ao lado tem a Ordem Terceira de São Francisco, fundada em 1811 e que por trás tem um cemitério de onde todos os que são da Ordem Terceira, se enterram aqui. No Alto da Sé, o português Duarte Coelho Pereira, olhou a vista, foi o primeiro Donatário da Capitania de Pernambuco, olhou a vista e fez esta exclamação: Oh! Linda situação para se construir uma vila... isto em 1537 e foi por isto que ficou com o nome de Olinda.

*Nós temos uma Associação de trinta e um garotos que é para guiar os turistas.
Terminou!”*

Para entender os mecanismos que organizam as lembranças e estruturam a memória, tão claramente apresentadas pelo depoente ao falar de suas experiências da infância, vividas em Olinda, passamos aos estudos que fundamentam teoricamente seu funcionamento, às leis que regem sua organização e sua relação com a linguagem, nas construções das narrativas apresentadas pelos depoentes desta pesquisa. Para isso, a presente tese visa estabelecer a fundamentação teórica da memória individual e coletiva, como ilustramos no relato do ex-

guia-mirim sobre a cidade de Olinda. Ele não só resume alguns fatos históricos, as datas de construção dos templos, como apresenta a versão para o nome da cidade, dado que faz parte de uma memória coletiva em Olinda.

Tentando evidenciar relações e interdependências no estudo sobre a memória, com base em uma leitura que possibilite o debate interdisciplinar, buscando na Filosofia, na Psicanálise e na História a identificação dos mecanismos de conservação e operação e de que forma elas são historicamente construídas. Para isso, destacamos as teorias do filósofo Henri Bergson, do psicanalista Sigmund Freud e do sociólogo Maurice Halbwachs e as relações da linguagem com o campo da história oral, por meio das construções das narrativas.

Trabalhar com o tema da memória é uma tarefa complexa, uma vez que, ao mesmo tempo em que ela se mostra como algo muito próximo e familiar, se apresenta também como um desafio para os teóricos que se debruçaram para explicá-la, tentando sistematizar seu funcionamento, partindo de bases mais rigorosas e científicas. Não há dúvida de que a memória encontra-se entre os mecanismos mentais, fazendo parte do funcionamento psíquico do homem ao lado de outros processos, tais como o pensamento, a percepção, o raciocínio e a consciência, para destacar apenas alguns.

Quando utilizamos a memória oral como metodologia para a pesquisa em história, confrontamo-nos com a narrativa daqueles que foram sujeitos dos acontecimentos, e nos relatam suas experiências. Suas vozes podem se juntar as outras vozes, para construir, por meio de seus discursos individuais, uma produção social da memória, como veremos a seguir, sobre a história da cidade de Olinda. Sabemos que esta memória relatada não é apenas uma conquista da metodologia da história oral; é uma nova fonte de trabalho, de documentação e pesquisa. A tradição do relato oral é de antiga utilização e de amplo conhecimento, pois a ela devemos o conhecimento que a humanidade hoje dispõe dos chamados povos primitivos, que foi documentado e organizado graças ao uso das técnicas da oralidade, quer pela História, quer pelos trabalhos da Antropologia.

As sociedades que não estão mais sob a ótica da oralidade, cuja história passa a ser documentada, também passam a ter sua memória coletiva registrada nos arquivos. Esta passagem do oral ao escrito é importante para a memória das sociedades e para a história que a documenta. A história escrita, documentada, distingue-se do acontecido.⁵ É, portanto, uma representação, uma construção. É nesse hiato entre o vivido por um povo e o narrado por este

⁵ MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.

povo que se localiza o fazer próprio do historiador. Mas não há sociedade sem história, como nos assinala muito bem Le Goff⁶, independente de ter atingido o estágio da escrita.

Mas o que queremos dizer, quando nos referimos à memória? “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas ou que ele representa como passadas.”⁷ O estudo da memória revela sua ampla utilização em diversos campos do saber das humanidades e também uma multiplicidade de teorias que a embasam, mostrando o quanto de enigmático ainda há em relação ao conhecimento de seu funcionamento. A memória oscila nesta zona do psiquismo individual, por sua empiria demonstrável, tanto ao nível das recordações como dos esquecimentos, constatado pelo senso comum:

A medida que as pesquisas neurocientíficas relativas à memória avançam (sendo inegáveis os progressos obtidos), explicita-se a dupla natureza humana – simbólica e biológica – demonstrada no enigma que se abre quando a atenção volta-se para os processos de recordação, mais especificamente à memória autobiográfica-reconhecida pelos cientistas do cérebro como um dos tipos fundamentais, ao lado de outros como, por exemplo, a memória semântica e a operacional.⁸

Buscaremos demonstrar os pontos teóricos convergentes e também divergentes contidos nas obras dos autores supracitados, relativos às memórias, tanto individual como coletiva. Pretendemos ainda destacar o papel da linguagem como mecanismo fundamental nas construções das narrativas históricas.

1.1 MEMÓRIA EM UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA E PSICANALÍTICA

Desde as explicações encontradas na Filosofia Clássica até as mais recentes teorias psicanalíticas, são várias as tentativas de explicações teóricas sobre a memória. Os avanços e descobertas, também das neurociências, principalmente no final do século XX, com o aparecimento de novas tecnologias do campo da informática, possibilitaram, cada vez mais, a observação do cérebro em funcionamento, levando os cientistas à tentativa de compreender e demonstrar como funciona a mente e qual a natureza de seus processos.

⁶ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Campinas, 1990b.

⁷ *Ibidem*, p. 423.

⁸ PINTO, Graziela. Editorial. *Insight Psicoterapia e Psicanálise*, São Paulo, v.11, n.118, p.3, jun. 2001. p.3.

A demonstração do funcionamento do cérebro, mediante a visão de suas regiões, é coisa recente. Elas são iluminadas num *scanner*, apresentadas pelo computador e pelas radiografias computadorizadas, conduzindo muitos estudiosos às tentativas de também localizar a base fisiológica neuronal de seu funcionamento e encontrar explicações para os mecanismos da memória. “De fato, as neurociências estão apenas começando a compreender a importância da imprecisão da memória, ou seja, que a memória não é rememoração precisa, mas reconstrução.”⁹

Com a possibilidade do estudo da inteligência artificial pelas máquinas que simulam funções mentais, os cientistas investem na descoberta da fisiologia cerebral, na tentativa de colher dados observáveis, passíveis de mensuração e capazes de serem situados numa relação rigorosa de causa e efeito, bases do conhecimento positivista dominante no meio científico desde o final do século XIX e começo do século XX.

A memória entra como algo que é passível de estudos mais empiristas, como aquilo que pode ser observado, percebido, experimentado, portanto, que pode ser tratado como objeto para as ciências, com *status* científico. Por outro lado, paradoxalmente, é possível pensarmos na memória exatamente como algo mais intangível, mais fluido, mais efêmero e que pode ser fragmentado e mesmo esquecido ou perdido.

A natureza da memória coloca-nos frente a uma questão fascinante e enigmática: por que nos lembramos, por que nos esquecemos? O que é lembrado e o que é esquecido pelas pessoas é um desafio às várias teorias sobre a memória, quer no campo da Psicologia, quer no campo da Psicanálise e da História. As pesquisas sobre a memória, nesses diversos campos do saber, se defrontam sempre com a questão do funcionamento mental, entendido como a base neurofisiológica cerebral e os mecanismos psíquicos dos processos mnemônicos, dos quais os indivíduos são seus próprios testemunhos. Explicita-se aí a dupla natureza do objeto, biológica e simbólica, que se revela nas experiências cotidianas das pessoas:

A memória é um processo complexo, não um simples acto mental; até as palavras que usamos para a descrever (reconhecer, recordar, evocar, registrar, comemorar, etc.) mostram que “memória” pode incluir tudo, desde uma sensação mental altamente privada e espontânea, possivelmente muda, até uma cerimônia pública solenizada.¹⁰

As diversas teorias sobre a memória, disponíveis na área da Psicanálise, tentam dar conta desta questão. Até hoje, porém, permanece o enigma do acesso às reminiscências

⁹ ROSENFELD, Israel. Um manuscrito para Freud. *Insight Psicoterapia e Psicanálise*, São Paulo, v. 11, n. 118, p. 4-8, jun. 2001. p. 6.

¹⁰ ROMA, Birmingham. Prefácio. In: FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória Social*. Lisboa: Teorema, 1992. p.7-11. p. 8.

infantis da história do sujeito, ante a dificuldade de rememoração. A memória autobiográfica é, portanto, mutilada do registro de fatos da primeira infância, ante a impossibilidade do sujeito ter acesso espontâneo a ela por causa dos mecanismos da amnésia infantil e pela construção que faz das experiências destes primeiros anos de vida com outras posteriores. Não se tem acesso às experiências do homem referentes às sensações mentais privadas, relativas a seus primeiros anos de vida. Haverá sempre um resto, esquecido, sempre inacessível. Vejamos o que Freud¹¹ nos diz a respeito:

Até agora nenhuma teoria psicológica conseguiu dar uma explicação geral do fenômeno fundamental de lembrar e esquecer; de fato a análise completa daquilo que realmente ainda pode ser observado mal começou a ser feita. Hoje em dia, o esquecimento talvez se tenha tornado um enigma maior do que o lembrar-se, desde que o estudo dos sonhos e dos fenômenos patológicos nos ensinou que mesmo que algo que pensávamos ter esquecido há muito tempo pode, repentinamente, vir à tona de novo, na consciência.

Há, portanto, uma distância entre o recordado e o vivido, quanto ao resgate da memória das experiências de vida de um sujeito. Isto é evidenciado pelas tentativas espontâneas que qualquer pessoa possa fazer para levantar a história completa de sua vida, partindo unicamente de seus dados de lembrança.

A despeito de serem estudiosos que construíram suas teorias num mesmo período histórico — Henri Bergson (1859-1941), Sigmund Freud (1856-1939) e Maurice Halbwachs (1877-1945) —, em uma época em que os avanços científicos positivistas predominavam, o aceito no meio científico era o conhecimento baseado nos métodos experimentais e que pudesse ser demonstrado. Após um século das produções teórico-filosóficas de Henri Bergson, dos estudos sobre psiquismo de Sigmund Freud, da teoria sociológica sobre a memória coletiva de Maurice Halbwachs, teorias que marcaram uma ruptura com o pensamento positivista e com o objetivismo cientificista dominantes na época, vemos que seus textos ainda são atuais e ajudaram na compreensão dos mecanismos da memória que dispomos hoje.

Mesmo na área da literatura, Marcel Proust, um dos mais famosos memorialistas, criou um novo ciclo narrativo romanesco da memória. É também o mais destacado escritor dedicado à reconstrução da memória. “Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como de fato ela foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu.”¹² Em seu trabalho *O*

¹¹ FREUD, Sigmund. A psicopatologia da vida cotidiana. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974b, 1901, v. VI. p. 169.

¹² BENJAMIN, 1994, p.37.

caminho de Swann, Proust¹³ descreve a memória involuntária que acomete o sujeito que passa a ser tomado pelas lembranças de seu passado. Para o autor, a memória se impõe ao sujeito de tal forma que lhe invade, como vindo de fora, fruto do esmaecimento a que estão sujeitas as experiências da existência.

Acho muito razoável a crença céltica de que as almas daqueles a quem perdemos se acham cativas nalgum ser inferior, num animal, um vegetal, uma coisa inanimada, efetivamente perdidas para nós até o dia, que para muitos nunca chega, em que nos sucede passar por perto da árvore, entrar na posse do objeto que lhe serve de prisão. Então elas palpitam, nos chamam, e, logo que as reconhecemos, está quebrado o encanto. Libertada por nós, venceram a morte e voltam a viver conosco.¹⁴

Henri Bergson¹⁵, em seu texto *Matéria e Memória* apresenta sua teorização sobre a memória e o funcionamento da mente, em especial a relação com a percepção, pelos processos de conservação dos registros mnemônicos. Em seus trabalhos, ele desenvolveu uma visão da memória como um dos elementos importantes, com base em alguns conceitos utilizados em sua construção teórica, a saber: a noção do eu profundo, do eu superficial, da consciência e do inconsciente. Apresenta-nos uma teoria complexa sobre o funcionamento de nosso psiquismo, em particular como são conservados os registros pelo funcionamento da memória.

Para esse filósofo¹⁶, a memória teria uma função unificadora, entre as aparentes situações descontínuas do eu superficial e a fluência do eu profundo, como uma característica da perpétua mudança típica da vida mental. É importante salientar que esta visão bergsoniana do superficial e do profundo na concepção do eu foi preponderante durante o desenvolvimento das teorias clássicas da Psicologia, no início do século XIX. Esta metáfora topológica, em que o autor apresenta os estudos sobre a consciência e o inconsciente, é um tema também trabalhado na teoria freudiana. “Por trás das cristalizações e das aparentes situações descontínuas do eu superficial, o eu profundo flui como uma unidade em perpétua mudança. Mas esse progresso na continuidade supõe uma atividade unificadora: a memória.”¹⁷

Henri Bergson¹⁸ destaca que a duração interior é a vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente. Neste sentido, ele vê uma ligação radical entre as experiências de vida do sujeito e suas memórias. Vai então caracterizar a memória em dois tipos: 1) memória hábito, voltada para nossos automatismos e repetições, que se organiza com base em nossas

¹³ PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

¹⁴ *Ibidem*, p. 31.

¹⁵ BERGSON, 1990.

¹⁶ BERGSON, Henri. *Cartas, conferências e outros escritos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

¹⁷ *Ibidem*, p. XII.

¹⁸ *Idem*, 1990.

experiências e aprendizagens. É a responsável por nossa vida prática do dia-a-dia e pelos comportamentos que realizamos automaticamente; 2) memória verdadeira coextensiva à consciência, voltada para o registro de imagens-lembranças dos acontecimentos gerais de nossa vida. É o domínio de nosso acervo de memória de nossa própria história de vida. Cada sujeito organizaria o seu, pela própria trajetória de vida. É o que também lhe possibilita a vivência de mesmidade.

Seu pensamento sobre o funcionamento da memória é ilustrado com a utilização da figura topológica de um “cone”. Ele vai mostrar o dinamismo da vida mental por meio da concepção de dois pólos capazes de, diretamente, se intercambiarem. A base do cone representaria aquisições de novas experiências. Seria já o pólo oposto, o vértice, que representaria o momento presente, vivido pelo indivíduo. O filósofo atribui à memória a função especial de conservação subliminar, portanto, subconsciente, das experiências vividas. Neste sentido, temos uma idéia de um grande acervo mnemônico dos registros da história de vida de cada indivíduo, portanto, uma produção altamente individual. Isto pressupõe que a memória permitiria uma ligação do passado com o presente, fazendo um interjogo, em que o tempo é deslocado e as representações podem ocupar a consciência a cada momento e podem ser registradas no nível subconsciente. Henri Bergson¹⁹ destaca a função da consciência como a da escolha, frente às multiplicidades de representações: “[...] o poder de escolha do ser vivo é coextensivo à franja de ação possível que envolve a ação real: *consciência* é sinônimo de invenção e liberdade.”

Para esse autor, a memória ocupa uma função central, ao lado da consciência e do conhecimento na organização mental do indivíduo. Henri Bergson²⁰ distingue percepção pura e memória, em contrapartida da percepção, que estaria também impregnada de lembranças em seu próprio funcionamento. A conservação dos estados psíquicos residiria na funcionalidade dos registros do vivido e permitiria a escolha entre os diversos estímulos possíveis. Vejamos como é tratada esta questão no âmbito da Psicanálise.

Sigmund Freud (1895[1950]), médico neurologista e criador da psicanálise, trabalha com a idéia de dois sistemas distintos: a consciência/pré-consciente e o inconsciente. Desde o início do desenvolvimento de sua teoria, ele se ocupou do tema memória, um dos mais importantes mecanismos do funcionamento mental, em sua concepção. Há, para ele, uma distinção entre o que chama mente ou aparelho psíquico e sua base neurológica cerebral. A distinção entre estes dois níveis é calcada no pressuposto de que há duas ordens distintas de

¹⁹ BERGSON, Henri. *L'Évolution créatrice*. Paris: PUF, 1969. p. 264 (tradução nossa).

²⁰ Idem, 1990.

funcionamento de nosso psiquismo: a mente, que possui uma organização dos registros simbólicos, e o cérebro, base do funcionamento anátomo-fisiológico do organismo.

Sigmund Freud vai, portanto, supor um funcionamento da mente com base nas representações, tomando este conceito da filosofia clássica. *Representação* é o termo clássico, usado na filosofia e na psicanálise. Etimologicamente, a palavra, oriunda do latim *repraesentatio*, indica a imagem, ou a idéia, ou ambas as coisas. Nicola Abbagnano²¹ apresenta três significações fundamentais, expostas por Ockham:

Em primeiro lugar, entende-se por este termo aquilo por meio de que se conhece algo e nesse sentido o conhecimento é representativo e representar significa ser aquilo por meio de que se conhece alguma coisa. Em segundo lugar, entende-se por representar o fato de se conhecer alguma coisa, conhecida a qual conhece-se outra coisa; e neste sentido a imagem representa aquilo de que é imagem, no ato da lembrança. Em terceiro lugar entende-se por representar causar o conhecimento, da maneira como o objeto causa o conhecimento [...] No primeiro sentido a R. é a *idéia* no sentido mais geral; no segundo sentido é a *imagem*; no terceiro, é o próprio *objeto*.

Percebemos que as diferentes significações do termo podem abranger três sentidos, a saber: a representação sendo a própria idéia como produção do pensamento, no sentido mais amplo possível; a representação para englobar a imagem no campo do imaginário; e também como o objeto em si. Neste último sentido está incluída a ligação entre a representação e o que ela representa, ou seja, o referente.

Sigmund Freud²² fez uma nova leitura da enfermidade da fala chamada *afasia*, cujo portador perde sua autonomia quanto à expressão verbal. Centra seus estudos na estrutura do funcionamento cerebral em sua totalidade e explica as afasias, não pela existência de lesões localizadas, mas por perturbações funcionais gerais. Demonstra que há uma relação de paralelismo entre o fisiológico e o psicológico nesta patologia. Toma como ponto de partida o estudo da fala, destacando a palavra como uma representação complexa de origem visual, acústica, tátil e cinestésica ao mesmo tempo. Ou seja, imagem acústica da palavra, imagem motora, imagem da leitura e imagem da escrita.

Por representação, ele vai definir o que seria a matéria que constitui o próprio aparelho psíquico ao nível da vida mental. Para Sigmund Freud²³, as representações são marcadas pelo afeto, que é a mola propulsora do psiquismo. A representação mental é organizada pela idéia, que é movida por uma carga, intensidade de afeto — a libido — que ele denominou de energia psíquica. As organizações das representações em cadeias associativas possibilitam o

²¹ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982. p. 821, grifos do autor.

²² FREUD, Sigmund. *La Afasia*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1973.

²³ Idem, 1974a.

funcionamento do pensamento, quer consciente, quer inconsciente do indivíduo. Nesta lógica, as representações conscientes e inconscientes organizam os sistemas de memória e de interpretações da realidade do sujeito.

Ele vai dividi-las em dois tipos: as representações coisas e as representações palavras. A primeira seria da ordem das relações dos objetos, das imagens visuais, acústicas, táteis, que chegariam à mente. As representações de palavras seriam as imagens acústicas da palavra, imagem motora da leitura e da escrita, da ordem do símbolo. O que lhe permite chegar a essa compreensão da representação como um processo associativo é seu estudo sobre a linguagem a partir das afasias. Em seu entendimento, os elementos vão se associar para organizar a representação de palavra e representação de coisa e o processo de significação que vai ser a relação entre as duas representações. Sigmund Freud²⁴ cria a idéia de um aparelho de linguagem que, para se organizar, precisa da relação com o outro. Isso permitiria as trocas simbólicas, entendidas como outro aparelho de linguagem, já numa relação estabelecida com o outro social.

No texto de 1915, *O Inconsciente*,²⁵ ele estabelece o funcionamento do inconsciente. Nessa obra, as representações estão assim divididas: as representações coisas seriam próprias do registro inconsciente; e no registro da consciência estariam tanto as representações de palavras como também as representações coisas.

Agora parece que sabemos de imediato qual a diferença entre uma apresentação consciente e uma apresentação inconsciente. As duas não são, como supúnhamos, registros diferentes do mesmo conteúdo em diferentes localidades psíquicas [...] mas a representação consciente abrange a representação-coisa mais a representação-palavra que pertence a ela, ao passo que a representação inconsciente é a representação-coisa apenas.²⁶

A representação, que é fundante do psíquico, confere-nos a possibilidade de pensar que algo do nosso corpo se inscreve sob a forma de linguagem, sob a forma de palavra. Para Sigmund Freud²⁷, o aparelho psíquico se organizaria com base nas representações que se ligariam nas diversas cadeias associativas da memória — fundante da própria vida psíquica, pois não há mente sem memória —, para cada indivíduo. São os traços que, fixados novamente pela repetição das próprias experiências de vida, promovem as marcas das impressões captadas pela percepção, vindas do mundo exterior ou do próprio interior do organismo — os estímulos endógenos, com base nas necessidades orgânicas.

²⁴ FREUD, 1973.

²⁵ FREUD, Sigmund. O inconsciente. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974e. 1915, v. XIV.

²⁶ FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974d, 1914. vol. XII. p.229; 230.

²⁷ Idem, 1974a.

São esses traços mnêmicos que se fixam no psiquismo como memória e, desta maneira, pode manter seus efeitos. Neste sentido, poderíamos estabelecer uma relação com a conservação, proposta por Henri Bergson,²⁸ como a propriedade mais importante da memória, distinguindo-a do funcionamento da percepção-idéia.

A noção de inconsciente em Sigmund Freud remete a sua teoria da memória distinta da função da percepção, uma vez que os traços fixados na mente se ligam aos traços posteriores, unindo as experiências entre si, principalmente em torno da experiência de satisfação. Esta implica a relação entre uma necessidade e um objeto que lhe satisfaria, deixando organizado na mente o trilhamento dessa rede de experiências e impressões do indivíduo. Sigmund Freud,²⁹ como Henri Bergson,³⁰ diferencia os sistemas perceptivos e o sistema mnêmico como funcionalmente distintos. Os trilhamentos ou caminhos facilitadores para esta rede criam o caminho da excitação neuronal.

Para Sigmund Freud,³¹ a memória vai se organizando e “[...] é representada pelas diferenças nas facilitações entre os neurônios”. Uma vez trilhado o caminho pelo qual a estimulação vinda da percepção fixa a marca da memória, abre o caminho para que as próximas estimulações e experiências se organizem. Também está aberta a possibilidade de novos caminhos possíveis nesta complexa rede de marcas e caminhos trilhados. É a própria organização do acervo mnemônico, pensado por Sigmund Freud, que é a base da vida psíquica inconsciente e consciente dos indivíduos.

O relato do guia-mirim, apresentado acima, deixa bem claro como ele organizou seu acervo mnemônico e suas redes de marcas e caminhos trilhados pelas lembranças. Agora já adulto, é capaz de reproduzir o texto, que ficou conservado em sua memória desde a infância até o momento atual.

As facilitações são trilhas que se entrecruzam, formando uma rede especial de todos os vestígios das experiências, desde o início da vida. O bebê humano registra suas vivências em suas primeiras relações sociais com a genitora, ou substituta, no seio da família, nas interações com seu entorno sociofamiliar. São as marcas mais primitivas, no sentido de primeiras, da organização psíquica, e que irá carregar os traços de memória, fixando-os permanentemente. A memória é esta rede, não estática, mas diferencial, e seus traços não são inalteráveis para sempre. Segundo Sigmund Freud,³² podem ser reescritos com as novas experiências

²⁸ BERGSON, 1990.

²⁹ FREUD, 1974a.

³⁰ BERGSON, op. cit.

³¹ FREUD, op. cit., p. 401.

³² Ibidem.

vivenciadas ao logo da vida de cada um, modificando-se no tempo, ampliando-se, enriquecendo-se. Como diz Sigmund Freud:³³

Somos, portanto, forçados por diversas considerações, a suspeitar que nas chamadas primeiras lembranças da infância não possuímos os vestígios genuínos de lembranças, mas sim uma revisão posterior delas, uma revisão que pode ter sido sujeita a influência de uma diversidade de forças psíquicas posteriores. Assim as “lembranças da infância” dos indivíduos passam em geral a adquirir o significado de “lembranças encobridoras” e nisto eles oferecem uma notável analogia com as lembranças da infância dos povos preservadas nas lendas e mitos.

Mas a memória a que Sigmund Freud³⁴ se refere não é apenas a memória consciente e voluntária, mas também os processos mentais inconscientes. Não é a lembrança em si de algo factual apenas, mas os traços que se fixam com base nas experiências de vida de cada indivíduo, ligadas às experiências de satisfação que estão irremediavelmente associadas aos traços anteriormente deixados na memória pelo desejo e pelas experiências de prazer e de desprazer.

Esse traço é a marca de uma impressão que se dá pela estimulação perceptiva, que se transforma em um traço mnêmico. Esta memória não é isolada, é diferencial, e se organiza em cadeia em cada um, pelas próprias experiências de vida, que vão formando a história pessoal de cada indivíduo. Alguns desses traços podem ser desinvestidos, esquecidos e perder importância ao longo da vida do sujeito. Assim, há constantes mudanças operacionais nesta rede. Outros traços mais privilegiados são reinscritos constantemente, já que, para Sigmund Freud,³⁵ a memória de uma experiência depende, por exemplo, do fator que se pode chamar de magnitude de impressão da experiência e da frequência com que a mesma impressão se repete. Sigmund Freud pensa, então, na organização da memória por estratificação e também em sua retranscrição. A organização se dá por novas inscrições, em que os sistemas perceptivos, cuja função é receptora e não retêm nenhum traço, recebem os estímulos e estes são gravados pela memória que os armazenam, associando-se aos traços já existentes.

Sendo assim, para Henri Bergson³⁶ e Sigmund Freud,³⁷ memória e percepção são excludentes. Neste sentido, as duas teorias se aproximam conceitualmente. Para Sigmund Freud,³⁸ os traços de memória tendem a se agrupar associando-se em grandes cadeias ou feixes, organizando-se por simultaneidade ou por contigüidade, à medida que vão ocorrendo as

³³ FREUD 1974b, p. 72.

³⁴ Ibidem.

³⁵ Idem, 1974a.

³⁶ BERGSON, 1990.

³⁷ FREUD, 1974a.

³⁸ Ibidem.

experiências de vida do sujeito e são registradas na mente. Como Henri Bergson,³⁹ Sigmund Freud⁴⁰ coloca em espaços distintos o que ele vai chamar de consciente e inconsciente. Vejamos: agrupados de um lado e com funcionamento distinto, temos as marcas que irão fundar o inconsciente; de outro, as marcas que irão organizar a vida consciente do indivíduo.

Deste modo, os feixes de traços de memória que estão livres de acesso à consciência, fornecem outro sistema distintivo de funcionamento mental, sob o comando de nosso eu, que ele nomeia de consciente. Memória e percepção estão diretamente vinculadas ao funcionamento do eu consciente, também assim explicitado:

[...] a maneira como nos apresentamos nas nossas memórias, a maneira como definimos as nossas identidades pessoais e colectivas [sic] através das nossas memórias, a maneira como ordenamos e estruturamos as nossas idéias nas nossas memórias e a maneira como transmitimos essas memórias a outros – é o estudo da maneira como somos.⁴¹

A memória, parte essencial de nossa organização psíquica, não nos está totalmente disponível para nossas reminiscências, conforme a teorização freudiana. A teoria bergsoniana, com seu esquema didático, apoiado na metáfora do cone, vai nos explicitar também o funcionamento da memória na mente. Vejamos como ele desenvolve sua teorização: a percepção, pura diferença, está sempre intermediada pela imagem do próprio corpo daquele que percebe. Essa percepção é sempre presente e constante, em relação à percepção do meio social em que vive o sujeito.

A corporeidade vai marcar a relação das ações deste corpo sobre o ambiente, sua auto-imagem. As experiências de vida vão estar sempre relacionadas para cada indivíduo. Henri Bergson⁴², no entanto, opõe as percepções atuais às lembranças. Há, aí, um princípio de diferenças: de um lado, a percepção; e do outro, a memória. Mas a dinâmica de suas operações é por ele ilustrada da seguinte maneira: a memória relaciona o corpo no presente com o passado e, ao mesmo tempo, relaciona as experiências atuais.

O corpo é, portanto, uma imagem que atua junto a outras imagens, recebendo e devolvendo movimentos. “Pode dizer que meu corpo é matéria ou que ele é imagem, pouco importa a palavra. Se é matéria, ele faz parte do mundo material, e o mundo material, conseqüentemente, existe em torno dele e fora dele.”⁴³

³⁹ BERGSON, 1990.

⁴⁰ FREUD, 1974a.

⁴¹ FENDRESS, James; WICKHAN, Chris. *Memória social*. Lisboa: Teorema, 1992. p. 20.

⁴² BERGSON, op. cit.

⁴³ *Ibidem*, p.11.

A ação da memória pode ser representada na ilustração bergsoniana pela base do cone, onde se situa o inconsciente, sempre possível de novas aquisições, de novas experiências, sempre se tornando ampliada. O vértice do cone representaria o presente vivido, as percepções atuais, as experiências do momento. O movimento dinâmico no interior do cone, aqui entendido como a própria organização psíquica, apresenta duplo movimento, da base para o vértice, a emergência do inconsciente, atuando na vida consciente, e do vértice para a base, as experiências vividas no presente que podem ser armazenadas e passar ao inconsciente.

Na teoria bergsoniana, este cone representaria o passado que cada um carrega, como sua própria história autobiográfica, que vai se ampliando e se enriquecendo, fazendo o cone crescer incessantemente. Porém, nesta metáfora do cone, Henri Bergson⁴⁴ defende, como Sigmund Freud⁴⁵, que a memória é organizada e conserva integralmente as experiências de vida de cada sujeito individualmente. Para Henri Bergson,⁴⁶ o grande problema não era relativo a esta conservação e permanência dos registros em forma de memória, mas como se dava o esquecimento do que se armazena e se conserva por inteiro nas pessoas. Em Sigmund Freud,⁴⁷ o esquecimento está irremediavelmente marcado pela operação de recalque, que seleciona e retira de circulação os registros proibidos, que impedem ao sujeito o livre acesso a suas representações inconscientes. O recalque é entendido como a:

Operação por meio da qual o sujeito tenta rejeitar ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. A repressão se produz naqueles casos em que a satisfação de uma pulsão (susceptível de provocar por si mesma prazer) ofereceria o perigo de provocar desprazer em virtude de outras exigências.⁴⁸

Com base na idéia da repressão dos desejos edípicos, incestuosos e proibidos, Sigmund Freud⁴⁹ teoriza a respeito das específicas formas de retorno do material recalcado. Portanto, ainda que estejam armazenadas todas as experiências de vida do sujeito, ele não tem acesso diretamente a elas. Jacques Le Goff⁵⁰ destaca:

Freud não tem a tentação de tratar a memória como uma coisa, como um vaso reservatório. Mas, ligando o sonho à memória latente e não à *memória consciente* e insistindo na importância da infância na constituição desta memória, contribui, ao

⁴⁴ BERGSON, 1990.

⁴⁵ FREUD, 1974a.

⁴⁶ BERGSON, op. cit.

⁴⁷ FREUD, 1974e.

⁴⁸ LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Diccionario de Psicoanálisis*. Barcelona: Editorial Labor, 1971. p. 391.

⁴⁹ FREUD, 1974e.

⁵⁰ LE GOFF, 1990b, p. 472.

mesmo tempo que Bergson, para aprofundar o domínio da memória e para esclarecer, pelo menos ao nível da memória individual, esta censura da memória, tão importante nas manifestações da memória coletiva. A memória coletiva sofreu grandes transformações com a constituição das ciências sociais e desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas.

1.2 MEMÓRIA DO PONTO DE VISTA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Como então o social pode ajudar no reencontro do material que se encontra registrado na memória dos indivíduos? O conceito de representação social ou coletiva foi uma contribuição de Émile Durkheim,⁵¹ criador da sociologia moderna, no final do século XIX. Ele tomou a representação em sua dimensão social. Para ele, a sociedade pensa, portanto, as representações não são necessariamente conscientes. A sociedade exerce coerção sobre os indivíduos e os grupos. Isto marca um diferencial entre as especificidades do pensamento social em relação ao pensamento individual. “Não é necessário sustentar que a vida social seja constituída por algo mais do que representações, individuais ou coletivas, só podem ser estudadas cientificamente na condição de o serem objetivamente.”⁵² Neste sentido, Maurice Halbwachs,⁵³ importante sociólogo francês e discípulo de Émile Durkheim, apresentou sua teoria, trazendo-nos idéias a respeito de uma memória coletiva, ponto de vital importância para as construções das memórias essenciais para o campo da História. Vejamos como pensa esse autor, que teve o mérito de trazer este tema para a área dos estudos sociais.

Ele trabalha a idéia de uma memória construída com base nas vivências de grupos sociais concretos. Para ele: “A memória só começa no ponto onde termina a tradição, no instante em que se apaga ou se decompõe a memória social.”⁵⁴ O que está em jogo é o processo de transmissão das experiências de vida que se desenvolvem entre as gerações no interior dos grupos sociais. O autor define grupo como um campo social: família, comunidades, trabalho, escola, numa referência aos quadros sociais da memória. Ele explica:

[...] a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a

⁵¹ DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

⁵² *Ibidem*, p. 77.

⁵³ HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

⁵⁴ *Ibidem*, p.80.

memória coletiva e que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.⁵⁵

No entanto, para ele, o grupo não é somente uma reunião de indivíduos definidos em sua realidade social. O que vai caracterizar a identidade do grupo é essencialmente o interesse comum, as idéias, as preocupações que irão refletir a própria personalidade de seus membros: Diz Maurice Halbwachs:⁵⁶ “[...] há tantos grupos quantos são as origens dos diferentes tempos. Não há nenhum deles que se imponha a todos os grupos.”

O autor assinala que nossas lembranças permanecem coletivas e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, porque, para ele, nunca estamos sós. O indivíduo é um ser eminentemente social. Pode não lembrar fatos experimentados, mas se há testemunhos, seu papel seria o de complementar as lembranças ora esquecidas. Portanto seria o grupo que guardaria a memória. Este depoimento, porém, não possibilitará recordar de nada se o fato não estiver guardado na memória e registrado. O trabalho individual se impõe na rememoração como trabalho complementar, realizado pelo grupo. Este grupo tem a tarefa de complementar as rememorações do vivido individual.

Para Maurice Halbwachs,⁵⁷ a memória individual não se opõe à memória coletiva, pois é uma condição necessária e suficiente do ato de lembrar e do reconhecimento das lembranças, operação que só pode ser pensada no âmbito individual. Mas o grupo entra como testemunha e operadora, porque: “[...] só se tem capacidade de lembrar quando se coloca do ponto de vista de um ou mais grupos, para que se possa situar em mais de uma corrente do pensamento coletivo.”⁵⁸ Portanto, para o autor, a memória é construída pelo grupo. Ele destaca ainda: “[...] a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membro do grupo.”⁵⁹

Michael Pollack⁶⁰ faz uma crítica à idéia de Maurice Halbwachs de uma memória coletiva, cuja expressão mais ampla seria a memória nacional e o risco de uma imposição, dominação ou mesmo violência simbólica na própria noção de coesão social que a noção de memória coletiva carrega: “Halbwachs longe de ver nessa memória coletiva uma imposição acentuava as funções positivas desempenhadas pela memória comum.”⁶¹ Destaca ainda que na

⁵⁵ HALBWACHS, 1990, p. 51.

⁵⁶ Ibidem, p. 113.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Ibidem, p. 113.

⁵⁹ Ibidem, p. 113.

⁶⁰ POLLACK, Michael. Memória e esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

⁶¹ Ibidem, p.3.

época que viveu Maurice Halbwachs, o período do nazismo na Europa, a memória nacional era vista como a forma mais completa da memória coletiva.

A memória de uma sociedade qualquer pode se estender bastante, segundo Maurice Halbwachs. Isto porque, atinge a memória dos grupos que a compõem. As sociedades se organizam em torno de lugares e estes marcam as histórias dos grupos sociais, principalmente das famílias. Os grupos estão inseridos numa parte do espaço, seja rural, seja urbano, e este é por ele transformado. As imagens espaciais desempenham um importante papel na memória coletiva. Segundo este autor: “[...] os grupos estão naturalmente ligados a um lugar – é o fato de estarem próximos no espaço que criou entre seus membros relações sociais.”⁶² Em contrapartida, destacamos o trabalho de Pierre Nora,⁶³ que trabalhou esta questão e mostrou a importância dos *lugares de memória* para a reconstrução das lembranças, principalmente no campo da História. Diz o autor:

Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração [...] São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional [...] Os três aspectos coexistem sempre [...] Diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não tem referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro.⁶⁴

Já Maurice Halbwachs⁶⁵ defende que o passado se conserva pelos grupos, num meio material: cidades, bairros, ruas, que cercam o indivíduo. É no espaço que o pensamento pode se fixar, para que possa reaparecer em forma de lembranças. Os lugares participam da estabilidade do mundo pessoal dos indivíduos; os espaços remontam aos acontecimentos, geralmente, da vida passada, da infância, que aconteceram em lugares significativos para cada um. Esta é, portanto, uma condição da memória.

A organização da memória e da identidade, para Ecléa Bosi,⁶⁶ está marcada pelas condições subjetivas e sociais em que o indivíduo está inserido.

Na constituição da memória individual e familiar são importantes os contatos com outros grupos. Uma família pode ter morado longos anos num mesmo bairro, formado vínculos estreitos com a vizinhança: a criança sente-se incluída no grupo familiar e no da vizinhança, suas lembranças brotam de um e outro, dada a íntima

⁶² HALBWACHS, 1990, p. 139.

⁶³ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC, São Paulo*, n.10, p.7-28, 1993. p.21-22.

⁶⁴ Ibidem, p. 21; 22; p.27.

⁶⁵ HALBAWACHS, op. cit.

⁶⁶ BOSI, 1994.

vivência com ambos. Se podemos reagrupar em nossa subjetividade lembranças de espaços sociais diferentes, podemos sobrepor imagens do mesmo espaço social.⁶⁷

Para Maurice Halbwachs:⁶⁸ “Cada sociedade recorta o espaço a seu modo [...] de modo a constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças.” Tanto as pessoas que habitam as áreas urbanas como aquelas que habitam o campo constroem suas memórias no espaço, pelas ruas, praças, cidades ou morros, colinas, riachos. James Fendress e Chris Wickhan⁶⁹ argumentam que esta geografia internalizada é inteiramente construída socialmente pelas pessoas da cidade e do campo e “[...] costumam também apresentar uma geografia inteiramente simbólica do desenho das ruas em torno da habitação familiar, que representa a lenta aprendizagem do mundo exterior durante a infância e a adolescência.”⁷⁰ Como muito bem destacam os autores:

[...] por certo é a importância constantemente recorrente da geografia local como estrutura de memorização: montes, grutas, casas de lavoura e campos todos têm as suas memórias para os camponeses falarem delas [...] mas o espaço geográfico da comunidade é por sua vez socializado segundo esta mesma via, conferindo-lhe as suas associações passadas um significado que faz sentido para os seus habitantes [...] espaço e tempo firmam-se na construção da identidade comunitária.⁷¹

Em sua construção teórica, Maurice Halbwachs⁷² defende que o homem participa de dois tipos específicos de memória: uma pessoal e individual e outra coletiva e social. Numa constrói a história de sua própria vida, suas lembranças mais íntimas, que formatam sua personalidade. Noutra, as lembranças são divididas também por outras pessoas que participaram de grupos sociais comuns, cujas histórias são partilhadas e conjuntamente rememoradas, mas se tornam também impessoais. Estas são as memórias coletivas. “Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, a uma interior ou interna, a outra exterior: ou então a uma memória pessoal, a outra memória social.”⁷³

Está claro que o autor trata da possibilidade de rememoração de dados da história do indivíduo, ou mesmo da história do grupo do qual ele fez parte, mas, à medida que defende a idéia de uma memória social, ele está tratando da *reconstrução*, com base nos relatos de dados da experiência de vida que foi partilhada e que pode ser rememorada por mais de uma pessoa. É, portanto, um movimento de rememoração pelo trabalho da lembrança. A lembrança, neste

⁶⁷ BOSI, 1994, p. 431.

⁶⁸ HALBWACHS, 1990, p.160.

⁶⁹ FENDRESS; WICKHAN, 1992.

⁷⁰ Ibidem, p.150.

⁷¹ Ibidem, p.141.

⁷² HALBWACHS, op. cit.

⁷³ Ibidem, p. 55.

sentido, seria uma operação eminentemente individual. A rememoração, por sua vez, seria um trabalho coletivo, que teria também como ponto central o inevitável trabalho do esquecimento, que é inegavelmente individual, ainda que o autor centralize a esfera grupal, para justificar o esquecimento. Argumenta Maurice Halbwachs:⁷⁴

Quando dizemos que um depoimento não nos lembrará nada se não permanecer em *nosso espírito* algum traço do acontecimento passado que se trata de evocar [...] é preciso que desde esse momento não tenhamos perdido o hábito nem o poder de pensar e de nos lembrar como membro do grupo do qual essa testemunha e nós mesmos fazíamos parte [...] Esquecer um período da vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam.

Citamos Maurice Halbwachs,⁷⁵ ao se referir à própria lembrança: “[...] se as *imagens* se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar a estas sua *substância*, é que nossa memória não é uma tabula rasa [...]” De que substância está falando o autor para se referir às imagens e às lembranças? Encontramos em seu texto a idéia de *espírito*, *alma* ou mesmo *substância*, quando quer se referir ao interjogo de lembranças, quer no âmbito individual, quer no âmbito coletivo, ao destacar as imagens que compõem as lembranças. Se os relatos das rememorações são feitos basicamente pelos discursos, o autor estará se referindo às trocas simbólicas que se dão na própria linguagem? A linguagem seria um dos elementos que permeia as relações sociais, estabelece os laços sociais e fundamenta a troca que o autor defende, na manutenção das imagens e lembranças, na rememoração possível aos próprios grupos.

A despeito de constatar a amnésia infantil, a leitura do esquecimento dos primeiros anos de vida, para o autor, está baseada na possibilidade de o indivíduo tornar-se um ser social: “Se não recordamos de nossa primeira infância, é, com efeito, porque nossas impressões não se podem relacionar com esteio nenhum, enquanto não somos ainda um ente social.”⁷⁶

Falar em uma memória coletiva é defender a possibilidade de vivências serem compartilhadas, mas também veiculadas pela linguagem, numa reconstrução coletiva de experiências comuns. Isto se torna claro, quando o autor coloca: “[...] sentimentos e imagens que formam a *substância* mesmo de seu pensamento.”⁷⁷ Podemos também entender que esta é uma maneira de explicitar o que ele chama de substância da memória. O que seria a substância do pensamento? Seria o pensamento organizado pela linguagem, com um sistema

⁷⁴ HALBWACHS, 1990, p. 28-29; 32, grifo nosso.

⁷⁵ Ibidem, p. 32, grifos nossos.

⁷⁶ Ibidem, p.27.

⁷⁷ Ibidem, p.87.

de representações, com um código simbólico próprio a cada língua, ao qual o indivíduo está referendado não apenas como fato de comunicação, mas como possibilidade de organização do pensamento?

Vejamos o que dizem James Fendress e Chris Wickhan:⁷⁸

Em si e por si, a memória é subjectiva. Ao mesmo tempo, porém, a memória é estruturada pela linguagem, pelo ensino e observação, pelas idéias colectivamente assumidas por experiências partilhadas com os outros. Também isso constrói uma memória social. Qualquer tentativa de usar a memória, de uma maneira sagaz, como fonte histórica, tem que se confrontar à partida com o carácter subjectivo, embora social, da memória.

Jean Duvignaud⁷⁹ destaca no prefácio do livro *Memória Coletiva*, de Maurice Halbwachs, que a sociologia moderna encontra uma nova vocação, não mais tentando “reduzir” o individual ao coletivo, mas tentando saber por que, no meio da trama coletiva da existência, surge e se impõe a individuação.

1.3 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL

A memória e a história têm uma relação de proximidade e de dependência, pois não se pode pensar na História sem que se faça referência às grandes construções rememorativas de que dispõe hoje a humanidade sobre a própria trajetória do homem em sua existência. “[...] os historiadores se interessam cada vez mais pelas relações entre a história e a memória [...] Já com o iluminismo afirmou-se uma visão otimista da história a partir da idéia de progresso, que agora conhece, na segunda metade do século XX, uma crise.”⁸⁰

Assim como a humanidade produziu suas construções imaginárias nas obras literárias e míticas, surgiram os deuses e os heróis dotados de poderes especiais. Na mitologia greco-romana, como nos ensina Thomas Bulfinch⁸¹, as musas filhas de Júpiter (pai dos deuses) e de Mnemósine (Memória), eram as deusas do canto e da memória. Cada uma tinha sob sua responsabilidade um ramo especial da literatura, das ciências e das artes, sendo Clio a musa responsável pela história. “Mnemósine, era a deusa da reminiscência [...] a reminiscência

⁷⁸ FENDRESS; WICKAN, 1992, p.20.

⁷⁹ DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. In: HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p.9-17.

⁸⁰ LE GOFF, 1990b, p. 7; 8.

⁸¹ BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia - histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração.”⁸² Portanto, na mitologia, elas já estavam interligadas em seus aspectos mais primordiais, pois vinham marcadas pela filiação, ou seja, portadoras de uma herança que nos revela como era a ligação entre Menmósine e Clio, respectivamente, a representante da memória e da história.

Antes do surgimento da escrita, a história da humanidade se constituiu pelos relatos orais daqueles que eram os responsáveis pela transmissão da memória e pela difusão dos conhecimentos. O que sabemos hoje das histórias dos povos ditos primitivos deve-se às técnicas de oralidade largamente difundidas. A história, como disciplina, tem como patrono Heródoto, historiador grego que viveu no século V a.C. e documentou em seus livros a história dos usos, costumes e tradições dos povos que conheceu. Por isso ele é considerado o pai da história.

Com o advento da imprensa, principalmente com sua difusão após a criação dos tipos móveis por Gutenberg, em 1456, a escrita sofreu um grande impulso e o documento escrito conheceu um desenvolvimento espetacular, sobrepujando em prestígio as técnicas milenares da oralidade.

É claro que a passagem do oral ao escrito é muito importante, quer para a memória, quer para a história. Mas não devemos esquecer que: 1) oralidade e escrita coexistem em geral nas sociedades e esta coexistência é muito importante para a história. 2) a história, se tem como etapa decisiva a escrita, não é anulada por ela, pois não há sociedade sem história.⁸³

A História é construída pela linguagem que possibilita a transmissão entre as gerações que narram os fatos e estes são então documentados. A transmissão é feita de geração a geração pelos discursos, pela tradição oral e pelo documento escrito. Por meio da história, as pessoas têm informações sobre seu passado, sua origem, a de seu país e das mudanças que se processaram nele. Entender os grandes períodos da história ajuda as pessoas a se situarem no mundo em que vivem. Portanto a história possibilita que o homem entenda a história de sua própria existência.

A história enquanto ciência tem uma longa tradição. No entanto tem tido uma evolução recente muito importante, a partir do final do século XIX e começo do século XX, após ter percorrido um longo caminho de produção e estabelecido seus princípios metodológicos de pesquisa e documentação classicamente reconhecidos e aceitos. A partir desse período experimentou grandes mudanças. A história clássica tinha como objetivo, apoiada em documentos, identificar os *fatos históricos*, precisar as causas dos acontecimentos,

⁸² BENJAMIN, 1994, p. 211.

⁸³ LE GOFF, 1990b, p. 53.

estabelecer os critérios de sua veracidade e documentá-los. Estes fatos poderiam ser políticos, diplomáticos, militares ou religiosos. Este era o fazer do historiador.

No começo deste século o panorama da historiografia era dominado por concepção, herdada do século XIX, denominada de “história historizante” (Henri Berr), ou “história episódica [...]” Segundo esta concepção, a missão do historiador consistiria em estabelecer – a partir dos documentos – os “fatos históricos”, coordená-los e, finalmente, expô-los corretamente.⁸⁴

O iluminismo, movimento que surgiu nos fins do século XVII e se desenvolveu durante o século XVIII na Europa, hoje chamado século das luzes, caracterizou-se pela valorização da razão e abandono de crenças e valores tradicionais ligados às correntes religiosas e a mitos, negando preconceitos estabelecidos. Este movimento teve repercussão em todos os ramos do conhecimento, notadamente nas humanidades, com seu ideário que contrapunha os discursos da ciência *versus* o da religião.⁸⁵

Na Filosofia, encontramos os ensinamentos de Immanuel Kant que, por meio de seu método crítico e racionalista, teve uma influência decisiva para o surgimento do movimento. Como decorrência do iluminismo há um desenvolvimento das ciências, cuja máxima era a crença na razão, nos conhecimentos científicos e a concepção de que o homem poderia alcançar um progresso que conduziria a um domínio sobre a natureza cada vez maior. Havia já uma ruptura entre o ideário da ciência e as crenças religiosas; a ciência despontava como a única capaz de, rigorosamente, explicar os fenômenos da natureza, estabelecendo, além das leis e dos princípios que os regiam, os próprios métodos de pesquisas científicas. O discurso científico seria constitutivo da verdade e trazia uma promessa de desenvolvimento e de progresso para a humanidade.⁸⁶

Os discursos científicos se voltaram para um referencial filosófico centrado em Kant, na medida em que possibilitava uma leitura parcial e delimitada do real. Como filosofia crítica, que procurava fundar as condições de possibilidade da razão pura e da razão prática, o discurso kantiano permitia delinear os limites dos conhecimentos científicos e metafísicos.⁸⁷

O saber só era considerado válido e, portanto, aceito nos meios acadêmicos, se estivesse pautado nas leis e princípios das pesquisas científicas, como a experimentação, repetição e verificação das experiências, baseado nos métodos das ciências exatas. Todas as

⁸⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Os métodos da história*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p. 21.

⁸⁵ BIRMAN, Joel. *Estilo e modernidade em Psicanálise*. São Paulo: Ed. 34, 1997.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 81.

ciências humanas sofreram com as mudanças daí decorrentes e a história também foi fortemente influenciada pelas idéias do cientificismo que o início do século XX vivenciou. Como se deu o impacto deste movimento no campo da História? Como se deu então a evolução da ciência histórica? Qual sua relação com a memória? Segundo Le Goff:⁸⁸ “Desde o início do século e, sobretudo nos últimos vinte anos, vem se desenvolvendo um ramo da ciência histórica que estuda a evolução da própria ciência histórica no interior do desenvolvimento histórico global: a historiografia, ou história da história.”

Por que a história passou a se preocupar com sua própria história a ponto de ser criado um ramo para dar conta de sua própria evolução? A história passou a se desenvolver sob o impacto da idéia de progresso e seus métodos também começaram a ser questionados, inclusive a imparcialidade e neutralidade do historiador, a objetividade e exterioridade do “fato histórico”. Passaram a ser vistos como um “mito”. É claro que não estava posta em questão a necessidade de utilização de um método crítico nos estudos e pesquisas no campo da história, como o trabalho de situar o documento no tempo, no espaço, classificá-lo, demonstrar sua autenticidade, revelar suas evidências e publicá-lo; isto é trabalho do pesquisador em história. Mas algo novo se impunha e novas influências nos domínios da história foram surgindo, principalmente aquelas advindas de outros campos do saber.

Surgiu então um movimento de criação de nova visão da história com um posicionamento crítico sob a forma tradicional de como fazê-la. Este movimento de renovação teve seu centro difusor na França e ficou conhecido como a *Nova História*. Surgiu com as contribuições e a criação da revista chamada *Annales*, que mudaram os rumos dos estudos e trabalhos da história até os nossos dias.

A história foi também influenciada pelo desenvolvimento das ciências políticas e econômicas, a partir do início do século XX, cujos estudos sobre as sociedades passaram a exercer grande influência no campo da história, principalmente pela utilização dos métodos estatísticos e dos dados quantitativos daí resultantes nos estudos dos fenômenos sociais, notadamente sobre as produções apresentadas pelas sociedades fabris. Os estudos econômicos das sociedades de consumo, com o desenvolvimento das sociedades industriais, começaram a ser divulgados cientificamente.⁸⁹

O fator de grande mudança que ocorreu na história foi, sem sombra de dúvidas, motivado pelo desenvolvimento vivido pelas demais ciências do homem. Outro fator importante foi o surgimento de novas disciplinas e temas como a Antropologia Moderna, a

⁸⁸ LE GOFF, 1990b, p. 7.

⁸⁹ Ibidem.

Lingüística, a Semiótica, o Estruturalismo, o Marxismo e a Psicanálise, que apareceram exatamente no final do século XIX. Surgiram, então, novas concepções sobre o homem, sobre a linguagem e as comunicações e sobre as relações sociais, trazendo novas modalidades de pesquisa que experimentaram um grande impulso no início do século XX.

Ampliou-se com isto o próprio campo de estudo das sociedades humanas, surgindo como conseqüência a história econômica, a história demográfica e o campo da própria história social torna-se mais vasto. Deixa de ser restrita a fatos ligados a questões diplomáticas, batalhas, guerras, fatos militares ou a grande vultos e personagens da história. Importante destacar também as contribuições de Fernand Braudel, que em 1966 propôs, nos *Annales*, nova forma de investigação histórica, com base na idéia de que a história poderia ser decomposta em três planos sobrepostos, a saber: o tempo geográfico, o tempo social e o tempo individual. Isso possibilitou uma nova leitura sobre os fenômenos sociais e a investigação histórica subsequente.

Um pouco por toda parte, nos anos 70, colóquios e obras, na sua maioria coletivas, fizeram o balanço das novas orientações da história. Um trabalho conjunto [Le Goff e Nora, 1974] apresentou, com o título *Faire de l'histoire*, os “novos problemas”, as “novas abordagens” e os “novos objetivos” da história.⁹⁰

É neste contexto que surgiram nos Estados Unidos, em 1948, as primeiras experiências da história oral como atividade de pesquisa sobre a memória, com o lançamento do *The Oral History Project* da Universidade da Colúmbia, pelo professor Allan Nevi, que proporcionou um desenvolvimento muito grande do que conhecemos hoje como a História Oral. Paul Thompson,⁹¹ historiador social na década de 1960, descobriu a importância da memória nos relatos de testemunhas sobre seu próprio passado e ao ouvi-las percebeu, que elas têm sempre alguma coisa importante a relatar.

Além de utilizar os documentos de que dispunha para o estudo da história, esse historiador passou a utilizar o modelo de entrevistas com bases sociológicas e a escutar sujeitos anônimos que falavam de seu passado, apresentando suas reconstruções mnemônicas, pelas representações de suas lembranças. Com isso, fez ampla utilização das narrativas, cujo modelo é a documentação dos discursos dos depoentes, tendo a linguagem como forma privilegiada de expressão e a memória como mecanismo central utilizado.

Por outro lado, Paul Thompson⁹² trabalha com os relatos de vida, trazendo para o primeiro plano aspectos da experiência de vida individual e da vivência social dos grupos. O

⁹⁰ LE GOFF, 1990b, p. 130.

⁹¹ THOMPSON, 1992.

⁹² Ibidem.

resultado disto foi criar um importante contraponto ao que se costuma chamar de história oficial. Pela primeira vez, a população simples, *ordinary people*, e também pessoas idosas e marginalizadas pelo poder, eram ouvidas; percebeu-se a importância do relato dessas pessoas, por meio de seus discursos, para esta nova história que estava sendo gerada. Segundo o autor, esta experiência tornou-se modelo adotado por historiadores orais de diversos países.

O mérito da história oral não é o de trazer em si, necessariamente, esta ou aquela postura política, mas sim o de levar os historiadores a tomarem consciência de que sua atividade se exerce, inevitavelmente, dentro de um contexto social e que tem implicações políticas.⁹³

Destacamos ainda os trabalhos desenvolvidos na França pelo sociólogo Michael Pollak⁹⁴ que, ao dar voz às mulheres sobreviventes de campos de concentração, percebeu a possibilidade de aprofundar-se nos estudos mediante o uso das técnicas da oralidade, documentando as histórias de vida, e chegar a determinadas informações, por meio do que ele nomeou de *memória subterrânea*. O que ele destaca é que há lembranças de vivências traumáticas que, embora não sejam verbalizadas, permanecem vivas, circulando apenas no âmbito privado, e podem nunca ir a público; podem, em algum momento, retornar e novamente entrar no circuito das trocas que a linguagem possibilita. As técnicas da história oral possibilitam, segundo o autor:

[...] privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, no caso a memória nacional.⁹⁵

No Brasil, a história oral teve suas primeiras experiências datadas da década de setenta com a criação do grupo de Documentação em Ciências Sociais, visando à preservação de documentos necessários às pesquisas das Ciências Sociais no Brasil. Em 1990 foi criada a Associação Brasileira de História Oral, com um crescente número de trabalhos apresentados em encontros. Sua expansão e consolidação tem se mostrado importante no país.

O método da história oral deu grande contribuição para o resgate da memória em diversos níveis — a memória nacional, a memória da história recente das sociedades, a memória popular e a memória das minorias —, evidenciando os fatos coletivos em sociedade e trazendo as experiências de comunidades, que passaram a ser documentadas.

⁹³ THOMPSON, 1992, p. 15.

⁹⁴ POLLAK, 1989.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 4.

[...] o que importa na história oral não são os fatos acerca do passado, mas todo o caminho em que a memória popular é construída e reconstruída como parte da consciência contemporânea, a questão de como os historiadores vão usar suas fontes é um problema da história oral como das ciências afins.⁹⁶

A metodologia da história oral, basicamente decorrente da documentação da memória, coletada nas narrativas dos sujeitos entrevistados, não é aceita universalmente entre os historiadores. Sua maior crítica é quanto aos aspectos de credibilidade em relação aos critérios utilizados para a escolha dos depoentes, tidos como fontes altamente marcadas por aspectos subjetivos e emocionais. Portanto, muito distanciadas das fontes documentais escritas, sempre vistas como maior confiabilidade e objetividade. Além disto, a história oral é também marcada pela falibilidade da própria memória, recurso fundamental dos trabalhos da história oral.

A história oral tem sido alvo de muitas críticas de alguns historiadores, que só aceitam e utilizam como fontes os documentos escritos. Também não é aceito que o documento escrito, tradicionalmente aceito como fonte documental por excelência, seja colocado ao lado dos documentos organizados com base na construção das narrativas dos depoentes. A questão é o envolvimento subjetivo do depoente na construção de suas narrativas e a dificuldade de se creditar ao relato objetividade e neutralidade. A história oral como procedimento metodológico foi intensamente debatido e foi questionado seu próprio estatuto; tratava-se de uma metodologia, de uma disciplina ou de uma técnica de obtenção de informações? Não obstante todas as críticas, a metodologia da história oral conheceu um grande desenvolvimento a partir da segunda metade do século XX.

A grande valorização da história oral acontece quando paradigmas científicos outrora inquestionáveis passaram a ser questionados, como neutralidade, objetividade, verdade e precisão. Após a revisão de tais paradigmas, não apenas pela história oral, mas, também, por outras perspectivas teórico-metodológicas que questionavam os pressupostos positivistas, os historiadores orais alargaram seu campo de discussão, resgatando, entre outros objetos de estudo, a relação entre memória e história.⁹⁷

Como são então organizadas as pesquisas e a documentação pela metodologia da história oral? “História Oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupo. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva.”⁹⁸

⁹⁶ MONTENEGRO, 1992, p. 16.

⁹⁷ MENEZES, Maria Aparecida. História Oral: uma metodologia para o estudo da memória. *Vivência*, UFRN/CCHLA, Natal, v. 1, p. 23-36, jan./jun. 2005. p. 31.

⁹⁸ MEIHY, 2002, p. 13.

A narrativa, técnica utilizada pela metodologia da história oral, é a reconstrução da memória, das representações que o narrador apresenta no presente em seus relatos, de experiências vividas em seu passado que se materializam na produção de um texto escrito, na transcrição das informações verbais, no recurso de gravações. A memória, a imaginação e a representação, conscientes e inconscientes, são as bases que sustentam qualquer narrativa que é construída segundo as leis da linguagem, no interjogo dos significantes e significados. “A história opera sempre com o que está dito, com o que é colocado *para e pela* sociedade, em algum momento, em algum lugar. Desses elementos o historiador constrói sua narrativa, sua versão, seu mosaico.”⁹⁹

A veracidade que se busca nesta metodologia são as retidas na própria memória das pessoas, forjadas em seu imaginário, em sua vida cotidiana, que circulam pela linguagem e são transmitidas de maneira formal ou informalmente de uma geração a outra, bastante diferentes da documentação de arquivos. Muitas vezes os trabalhos de história oral cuidam de documentar os depoimentos de pessoas idosas e de recompor aspectos da vida individual, do grupo e da sociedade em que vivem estas pessoas que conjuntamente a documentam.

Segundo Paul Thompson,¹⁰⁰ há procedimentos metodológicos específicos aplicados à história oral. É possível documentar a história de uma única vida, como também uma coletânea de narrativas, quando várias pessoas serão agrupadas sob um tema comum, como histórias de famílias ou de comunidades. Também deve ser utilizada a documentação disponível, como pesquisas em arquivo, jornais, literatura sobre o assunto, para, junto às informações orais, buscar as evidências.

Para esse autor, é preciso proceder às análises cruzadas das informações obtidas para o desenvolvimento sistemático da interpretação histórica, para que dela possa surgir a lógica interna da exposição. Para isso, o historiador dispõe das grandes teorias sociológicas da organização social, do controle social, da divisão do trabalho, disponíveis, ao lado das teorias da personalidade individual, com os aspectos conscientes e inconscientes da teoria psicanalítica e das teorias sobre a linguagem. Portanto as narrativas estarão sujeitas às leis que regem os mecanismos psíquicos, tanto conscientes como inconscientes, e se manifestam na linguagem oral, por meio da produção dos discursos no dia-a-dia das comunicações e interações humanas.

⁹⁹ MONTENEGRO, 1992, p. 19, grifo do autor.

¹⁰⁰ THOMPSON, 1992.

Sigmund Freud¹⁰¹ nos ensinou os mecanismos presentes nos relatos das narrativas, a saber: os *lapsus*, os *atos falhos*, os silêncios, os não-ditos, as duplas mensagens, os esquecimentos. A história oral, utilizando os mecanismos próprios da linguagem, as leis dos significantes e dos significados, transita entre os dois pólos: o consciente e o inconsciente. Como tem a memória como sua fonte, estará sempre marcada pelas esferas do objetivo e do subjetivo, do público e do privado.

1.4 MEMÓRIA E LINGUAGEM

O desenvolvimento dos conhecimentos da lingüística moderna como um novo campo de saber, aconteceu no início do século XX com os trabalhos de Ferdinand Saussure¹⁰², e de Roman Jakobson,¹⁰³ influenciando muito a psicanálise. Esses autores desenvolveram trabalhos consistentes, abrindo novos conhecimentos sobre a estrutura da linguagem, sua organização e aquisição. O primeiro distingue a língua da fala. Para ele, a linguagem é um todo multiforme e heteróclito. A língua é um sistema de classificação da linguagem. Representa este lado social da linguagem. Já a fala é sempre função individual e voluntária do indivíduo falante. O signo lingüístico é uma entidade psíquica de dupla face, o conceito e a imagem acústica que se relaciona e se opõe: o significante e o significado.

Ao estabelecer os elementos componentes do signo lingüístico, o significante e o significado, sua relação aos referentes, suas leis e propriedades, a Lingüística Moderna também auxilia na compreensão da organização dos discursos e, conseqüentemente, do papel da organização não apenas da fala, mas também das lembranças, rememorações e da possibilidade de compreensão de seu funcionamento.

Uma vez que o código lingüístico é partilhado por todos, é possível estabelecer uma relação entre o que Maurice Halbwachs¹⁰⁴ defendia como memória coletiva e o uso comum da linguagem por uma comunidade, base única e exclusiva de sua possibilidade de comunicação e evocação dos *quadros sociais* que lhes são inerentes. O movimento da rememoração se dá,

¹⁰¹ FREUD, 1974b. Em 1901, em seu texto intitulado *Psicopatologia da vida cotidiana*, Freud demonstrou que os “lapsus” e os “atos falhos” são, como os sintomas, formações de compromissos entre a intenção consciente do sujeito e o reprimido inconsciente, e estão presentes na vida de todos os sujeitos falantes e se apresentam em seus discursos.

¹⁰² SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1990.

¹⁰³ JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Vértice, 1970.

¹⁰⁴ HALBWACHS, 1925.

por meio da linguagem e das lembranças que chegam aos indivíduos. A memória é, então, inseparável do trabalho da rememoração e do esquecimento, como dois pólos da mesma moeda, numa incessante dialética entre o lembrar e o esquecer. Segundo Pierre Nora:¹⁰⁵ “[...] o que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar.”

Jacques Lacan,¹⁰⁶ psicanalista francês contemporâneo, entende que nosso psiquismo se organiza em três níveis que funcionam sempre interligados: o simbólico, o imaginário e o real. O mundo real, da natureza, dos instintos, do gozo, dos desejos inconscientes é sempre mediado pelo imaginário e pelo simbólico.

O aparelho de linguagem vai ser repensado por Jacques Lacan,¹⁰⁷ quando se interessa pela linguagem não apenas como instrumentos de comunicação, como em Ferdinand Saussure, mas pela linguagem como estrutura da própria constituição do sujeito, no campo do Outro. O Outro, conceito introduzido por este psicanalista “[...] é o lugar em que se situa a cadeia dos significantes que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer”.¹⁰⁸ É o lugar do código lingüístico. Portanto, é o próprio campo da linguagem e do discurso do sujeito que ele nos aponta.

Jacques Lacan¹⁰⁹ defende, então, que se os significantes inicialmente estão no Outro, é neste lugar que se articula a estrutura discursiva que engendra o próprio sujeito. E o inconsciente se funda como a linguagem, como uma estrutura que preexiste à entrada mesmo do sujeito na linguagem. Para o autor, vivemos todo o tempo num mundo simbólico do código lingüístico, das regras, das convenções sociais e da cultura.

Pagamos um preço pela passagem do mundo real da natureza ao mundo simbólico da cultura e pela repressão de instintos, como nos mostrou Sigmund Freud,¹¹⁰ em seu texto *O Mal Estar da Civilização*, que permanece muito atual. Para conviver com esta realidade, podemos nos refugiar em nosso mundo imaginário, no qual podemos fantasiar, criar, como fazem os artistas. Projetamos em nossas vidas nossos sonhos, desejos e fantasias. Elas estão

¹⁰⁵ NORA, 1993, p.15.

¹⁰⁶ LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 1 - Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. (Primeira edição de 1953).

¹⁰⁷ LACAN, Jacques. Conferência em Genebra sobre o Sintoma. *Opção Lacaniana*, Genebra, n. 23, p. 6-16, dez. 1998b.

¹⁰⁸ Idem, 1998a, p. 193-194.

¹⁰⁹ LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

¹¹⁰ FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974L. (1930[1929]) vol. XXI.

presentes também em nossas lembranças, mesclando sempre lembranças e devaneios conscientes e inconscientes. Como nos aponta Michael Pollack:¹¹¹

[...] a memória é um fenômeno construído. Quando falo de construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização [...] a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.

A discussão do tema memória individual *versus* memória coletiva é complexa e não há uma posição unânime entre os estudiosos do campo da história. Vejamos a posição de Alessandro Portelli¹¹² a respeito:

Não se deve esquecer que a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais: pessoas, e não grupos se lembram. Mesmo quando Maurice Halbwachs afirma que a memória individual não existe, sempre escreve “eu me lembro”. Por outro lado, Halbwachs descreve como um processo individual, até solitário, uma atividade essencial da memória: o esquecimento [...] Se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira; sabemos que não é assim. Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernos, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. Como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser compartilhada (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história “social”); mas do mesmo modo que a *langue* se opõe a *parole* ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais.

François Dosse,¹¹³ apoiado em uma leitura baseada na psicanálise, destaca a especificidade do lugar que o psicanalista ocupa na escuta de seu paciente, como aquele que autoriza sua narrativa. Destaca a linguagem como a comunicação singular da cada discurso. Estas duas mediações, para o autor, dão ao relato um enraizamento social:

Quanto à fala do paciente em si, suas narrativas entrelaçadas de narrativas que a precedem estão, portanto, ancoradas em uma memória coletiva. O paciente exprime uma interiorização da memória coletiva que cruza sua memória pessoal [...] Essa memória consiste, portanto, em uma trama ao mesmo tempo privada e pública.¹¹⁴

O autor entende a produção mnemônica quando afirma: “A memória é, portanto como a história, um modo de seleção no passado, uma construção intelectual, e não um fluxo

¹¹¹ POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p.200-212, 1988. p. 204.

¹¹² PORTELLI, Alessandro. O massacre de *Civitella Val di Chiana* (Toscana: 29de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 103-130. p. 127.

¹¹³ DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. São Paulo: EDUSC, 2004.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 181.

externo ao pensamento.”¹¹⁵ A especificidade do contato entrevistado e entrevistador, permitida pelas técnicas da história oral, estabelece uma relação baseada na identificação e empatia, procurando extrair o máximo de informações e veracidade, pelos processos sincrônicos e diacrônicos, próprios das relações sociais e temporais permeados pela palavra.

A utilização da linguagem e da memória é um recurso comum nos dois campos de trabalho — História e Psicanálise —, com finalidades distintas, mas imprescindíveis para seus fins. A prática psicanalítica tem uma finalidade terapêutica, cujo material de relato das sessões é baseada nos discursos dos analisandos, que reconstroem suas histórias, por meio da técnica da associação livre e da rememoração de suas vidas. A prática da História tem uma finalidade social, que compreende o passado e o articula com o presente, numa reconstrução: “[...] o passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história.”¹¹⁶

Como foi possível demonstrar, o tema memória suscita grandes debates e variados níveis de interpretação entre os estudiosos.

[...] seja qual for a natureza da memória enquanto objeto puramente neurológico ou puramente epistemológico, não podemos conhecer nem sentir as nossas recordações a não ser que as “pensemos” primeiro; e quando “pensamos” as nossas recordações, evocando-as e articulando-as, elas deixam de ser objectos e passam a ser parte de nós.¹¹⁷

Poderíamos afirmar que o trabalho com o tema memória impõe a necessidade de pensarmos numa teorização sobre o eu como ponto central e unificador do sujeito e na possibilidade de acesso à consciência. Neste sentido, vemos que Henri Bergson¹¹⁸ desenvolveu sua teoria sobre o eu, relacionada ao consciente e inconsciente, quando nos fala do “eu profundo”, bem como Sigmund Freud,¹¹⁹ principalmente em seu texto *O Ego e o Id*, desenvolveu uma teorização sobre a instância egóica, sua relação com a consciência e o inconsciente. Mesmo a memória sendo uma construção social, permite uma ligação entre as rememorações individuais possíveis de uma construção social.

James Fendress e Chris Wickhan¹²⁰ apontam que “[...] a memória desempenha um imenso papel social. Diz-nos quem somos, integrando nosso presente em nosso passado e dando assim fundamento a todos os aspectos daquilo a que os historiadores chamam hoje as

¹¹⁵ DOSSE, 2004, p. 183.

¹¹⁶ LE GOFF, 1990b, p. 24.

¹¹⁷ DOSSE, op. cit., p. 184.

¹¹⁸ BERGSON, 1990.

¹¹⁹ FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: 1974k. 1923, v. XIX.

¹²⁰ FENDRESS; WICKHAN, 1992, p. 242.

mentalités”. A Memória Oral também utiliza o relato do depoente por meio da linguagem, na construção das narrativas. Como diz Jacques Le Goff:¹²¹ “[...] a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” Essas funções psíquicas estão demarcadas pelo funcionamento da própria linguagem, meio possível de expressão das impressões e informações do passado, ou seja, as lembranças, quando os depoentes reconstróem suas histórias de vida pelas representações que vão selecionando nas construções de suas narrativas.

Para Paul Thompson¹²² “[...] a narrativa como forma principal pela qual os seres humanos dão sentido a própria experiência”, é também um testemunho que contém afirmações dos depoentes, por meio da linguagem. Daí a importância do trabalho de análise e documentação da história oral realizada pelo historiador, referente aos aspectos sociais e políticos das narrativas. O autor ainda afirma: “O mérito da história oral não é do de trazer em si, necessariamente, esta ou aquela postura política, mas sim o de levar os historiadores a tomarem consciência de que sua atividade se exerce, inevitavelmente, dentro de um contexto social e que tem implicações políticas.”¹²³

Com base nas teorizações da memória desenvolvidas por Henri Bergson no campo da Filosofia e por Sigmund Freud no campo da Psicanálise, como podemos então pensar numa construção social da memória no campo da História? É o que Michael Pollack,¹²⁴ se pergunta em seu texto:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível ela saber se participou ou não.

Encontramos em Jacques Le Goff¹²⁵ uma interessante articulação, que poderia resumir a relação entre memória, construção subjetiva de identidade, individual e social, quando nos ensina com muita propriedade: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos

¹²¹ LE GOFF, 1990b, p. 423.

¹²² THOMPSON, 1992, p. 311.

¹²³ Ibidem, p. 10.

¹²⁴ POLLACK, 1988, p. 201.

¹²⁵ LE GOFF, op. cit., p. 476.

indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” Mas a memória se coloca como um desafio ou como um limite para as próprias teorias que tentam dar conta dela:

Para Freud os fenômenos sociais são percebidos pelo indivíduo, que filtra tudo e se relaciona com a sociedade segundo suas condições biopsíquicas. Para Halbwachs, a sociedade molda as pessoas definindo a maneira de ver as coisas. Em comum, Freud e Halbwachs enfrentam o limite da narrativa, sempre filtrada pelos possíveis da memória. Aí atuam as representações e os bloqueios.¹²⁶

Ao contrário de Sigmund Freud, Maurice Halbwachs¹²⁷ advoga que toda memória é sempre um produto social. Para ele a memória pessoal é uma retomada de outras memórias, anteriores, projetadas na vida comunitária de uma coletividade. Para Sigmund Freud a memória reflete a organização psíquica do sujeito e está submetida às leis do recalque que organiza o funcionamento mental consciente e inconsciente, retirando de circulação as representações que estão recalçadas, portanto proibidas.

Para se trabalhar com a metodologia da memória oral, escuta-se o indivíduo em sua vida cotidiana como um elemento particular, mas numa situação sócio-histórico-cultural determinada. A presente tese procura destacar a questão mais contemporânea, a interdisciplinaridade, que envolve a leitura das relações entre os saberes e os campos afins. Isto está no centro dos debates, suas bases epistêmicas.

O que se impõe agora é outra interpretação da pesquisa interdisciplinar, através da qual os diferentes saberes realizem recortes no campo de um dado problema, recortes que se estruturaram nas linhas de força de seus objetos teóricos e de seus conceitos fundamentais. Para marcar esta ruptura interpretativa, alguns autores preferem se referir, nesta modalidade de pesquisa, à idéia de transdisciplinaridade em vez de interdisciplinaridade. Portanto, o problema escolhido pelos diferentes saberes que será o canal para o diálogo entre as disciplinas, enquanto essas impõem a construção de problemáticas pela mediação de seus conceitos específicos. Com isso, pode-se realizar a produção de conhecimento, a constituição de positivities inéditas e a elaboração de novos conceitos.¹²⁸

A opção pela metodologia da História Oral torna imprescindível o contato pessoal para a coleta das narrativas dos sujeitos informantes. Os discursos, pelas palavras daqueles que narram, são estudados por vários campos do saber. A partir da palavra, há uma multiplicidade de fios que servem de trama para a organização das narrativas, das representações sociais e das rememorações. É pela palavra que se interpreta a realidade. A narrativa é construída

¹²⁶ MEIHY, 2002, p. 67.

¹²⁷ HALBWACHS, 1990.

¹²⁸ BIRMAN, Joel. *Psicanálise, Ciência e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 9.

individualmente, pela linguagem, por aqueles que vivenciam o mesmo espaço e tempo sociocultural.¹²⁹

A linguagem é um meio de estabelecer o laço social. O discurso, para Jacques Lacan,¹³⁰ é um meio de efetivação deste vínculo. É pelo uso da linguagem que, pelos efeitos das cadeias significantes, os seres falantes estabelecem a comunicação. É ainda a linguagem que faz o ordenamento e inscreve os sujeitos na cultura e eles podem contar suas histórias de vida. Isto tanto para um trabalho em história oral, que possibilita, por meio da memória, construir suas representações nas narrativas, quanto em psicanálise, na construção das associações livres nas sessões psicanalíticas.

É importante, portanto, destacar as contribuições que as três teorias apresentadas, a de Henri Bergson, a de Sigmund Freud e a de Maurice Halbwachs, trouxeram para o campo da História Oral e o impacto que as descobertas da lingüística moderna, no nosso século, trouxeram para as humanidades, particularmente para a História Oral, por meio dos estudos sobre a linguagem nas narrativas. É possível que as teorias aqui apresentadas tenham também contribuído para o debate em torno das concepções sobre o sujeito de uma maneira ampla e sobre o sujeito histórico de uma maneira particular, ressaltando suas relações com a linguagem nas narrativas:

[...] é a reconstrução da biografia que se dá no tratamento psicanalítico. O paciente traz para as sessões “migalhas de histórias vividas, sonhos, ‘cenas primitivas’, episódios conflituais”, e o trabalho analítico consiste em tirar desses fragmentos uma história mais coerente (e provavelmente menos suportável). Uma tal interpretação narrativa do trabalho psicanalítico.¹³¹

É ainda a *palavra* e somente a *palavra*, por meio da linguagem, que pode transformar o vivido individual no processo de rememorações coletivas ou sociais nas construções das narrativas. Como esclarece Walter Benjamin¹³² “[...] o narrador retira da experiência o que ele conta; sua própria experiência ou a relatada pelos outros [...]” Mas o único mecanismo nesta transmissão, entre quem fala e aquele que escuta, nas narrativas, são possibilitados pela linguagem, por meio da palavra.

Exatamente como vimos no relato do ex-guia-mirim, no início do capítulo, a memória individual e social está claramente colocada, quando, já adulto, rememora a narrativa que

¹²⁹ MEIHY, 2002.

¹³⁰ LACAN, 1978.

¹³¹ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1994. Tomo I. p. 115. Apud BARBOSA, Márcio. *Experiência e narrativa*. Salvador: EDUFBA, 2003. p. 85.

¹³² BENJAMIN, 1994, p. 201.

usava em sua profissão quando criança. Este relato, que circula no imaginário popular dos olindenses, sobre a cidade de Olinda, sua história, seus monumentos, seus mitos de fundação, fazem parte de seu imaginário coletivo e do acervo de sua memória coletiva. Esta é transmitida e reproduzida como um texto oral, pelo ex-guia-mirim e traz a marca das lembranças, que só são possíveis pela *palavra*.

Assim o memorialista Beltrão¹³³ descreve esses guias-mirins e seus trabalhos de transmissão da história de Olinda pela palavra:

Prontos na enunciação de suas informações, são os guias-mirins de Olinda, aquele bando de crianças que, do largo da Sé ao alto da Misericórdia, abordam os turistas, como um enxame de abelhas, à cata de pólen, recitando-lhes, em sua cantilena, mais folclórica do que histórica, a odisséia do burgo duartino, através dos seus monumentos.

Iremos ver, no próximo capítulo, como estão guardadas, nas memórias dos depoentes, suas vivências na cidade e a história de Olinda. Quais as representações sociais construídas por suas lembranças, que revelam a relação afetiva com a cidade. Quais os significantes privilegiados nas cadeias associativas de seus discursos, que são reveladores dos vínculos afetivos que desenvolveram, através dos tempos, com Olinda, que demonstram os traços identificatórios dos olindenses com sua cidade natal.

¹³³ BELTRÃO, 1996, p. 48.

2 CIDADE, MEMÓRIA E IDENTIDADE

“Hoje-em-dia em Olinda,
E não só nas igrejas,
Viver-se de alma e corpo,
Se pode que se veja:
Se pode em qualquer casa
E contemplando-a apenas;”

João Cabral Melo Neto¹



Figura 2 – Vista da cidade do Recife e da parte de Olinda²

¹ MELO NETO, João Cabral. Olinda revisited. In: _____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 431.

² Tomada da ladeira da Misericórdia. Litografia de W. Bassler, na oficina de J. Braunsdorf, Dresden, 1847. Fonte: FERREZ, Gilberto. *Raras e preciosas vistas e panoramas do Recife – 1855-1857*. Rio de Janeiro: Fundação Pró-Memória; Recife: FUNDARPE, 1984, p. 67. (coleção Pernambucana, 2ª fase). Fonte: Acervo do Arquivo Municipal Antonino Guimarães, Olinda. Na ilustração, é possível identificar o antigo prédio onde funcionou o Senado, em Olinda, onde foi dado o primeiro grito de República, por Bernardo Vieira de Melo, em 1710. Pode-se ver, à esquerda, a antiga Igreja de São Pedro Velho, demolida posteriormente. Atualmente, restam apenas as antigas ruínas do prédio do Senado, localizadas em frente ao Mercado da Ribeira.

Olinda foi uma das primeiras vilas a serem construídas no Brasil Colônia e faz parte de sua história, já que tem mais de 400 anos de sua fundação. É berço da cultura e da nacionalidade brasileira, por sua importância nos acontecimentos históricos. Podemos chamá-la hoje de “cidade museu”, pelo rico acervo arquitetônico que conseguiu preservar e que testemunham sua própria história. A antiga capital de Pernambuco, antes a “pérola da Colônia”, de fato foi a mais importante vila da Capitania de Pernambuco, teve uma história de glórias, perdas e sofrimentos e se fez bonita, opulenta e disputada.

Para entender como Olinda surgiu, se desenvolveu e enfrentou suas fases de riqueza e de adversidade, voltemos no tempo e aos estudos de especialistas que nos mostram como surgiram e se organizaram as primeiras aglomerações humanas, as aldeias, vilas e cidades, no transcorrer dos séculos.

As Ciências Sociais estudam os vários agrupamentos humanos, seguindo a cronologia dos tempos e as perspectivas de formação das cidades, como uma das mais importantes formas de organização social. A História, por meio da memória e de outros registros, documenta o surgimento destes primeiros agrupamentos, desde a antiguidade até a época atual, e também como se deu a trajetória humana nelas.

Os homens foram construindo suas cidades, mas o que ficou na memória e o que foi registrado pela História dessa trajetória? Como a cidade surgiu e se desenvolveu ao longo dos tempos, até chegar ao que é no tempo presente, esta imensa trama que, cada vez mais complexa, chamamos hoje de metrópole e megalópole? Como nos apontam os clássicos estudos de história de Jacques Le Goff:³ “[...] a matéria fundamental da história é o tempo; portanto não é de hoje que a cronologia desempenha um papel essencial como fio condutor.”

A história humana, por meio do fio condutor do tempo, deixou os registros na memória dessas organizações sociais produzidas pelo homem. Olinda é um exemplo disso. As informações chegaram por meio de relatos orais, de estudos e documentos escritos, principalmente a partir do final do século XIX e início do século XX, quando a população mundial passou a procurar expressivamente os centros urbanos, deixando para trás o espaço do campo, onde antes, majoritariamente, se dedicava às atividades agrícolas.

Façamos um percurso pelo tempo para entendermos como se deu a construção destes primeiros agrupamentos humanos, das vilas até o surgimento das cidades, pois esta é uma das questões centrais deste capítulo. Como destaca o historiador José Barros:⁴

³ LE GOFF, 1990a, p. 12.

⁴ BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9.

A moderna reflexão sobre a cidade como forma mais específica de organização social data do século XIX, seja na área da historiografia, seja no campo do pensamento sociológico. Não que nos tempos antigos, no período medieval e no início da Idade Moderna os homens tenham deixado de pensar a cidade e de expressar os seus anseios e expectativas sobre ela [...] Pensar e sentir a cidade fora muitas vezes uma tarefa dos poetas, dos cronistas e romancistas, dos teólogos, também dos arquitetos e dos filósofos.

O surgimento dos aglomerados humanos urbanos é um fato com repercussões históricas, geográficas, sociais e psicológicas. Historicamente, as cidades foram sendo formadas com base nas necessidades humanas de se agrupar, em bandos ou em grupos, em aldeias, em vilas e em cidades, motivadas pela própria sobrevivência para o acesso ao alimento e à defesa contra os possíveis ataques. As organizações das cidades foram iniciadas em épocas remotas, até onde foi possível se documentar por meio de registros históricos. Foi na Antiguidade que surgiram as primeiras cidades.

Por Antiguidade entendemos o período anterior à era cristã. Isso compreende uma faixa de quinze a cinco mil anos passados, quando começaram a ser documentados os primeiros agrupamentos humanos. As principais atividades destes agrupamentos eram ligadas ao trabalho agrário e ao pastoreio. Ou seja, o homem não apresentava mais nomadismo, e sim uma fixação de moradia na região, principalmente pelas atividades que nela realizava. Porém, seguindo Lewis Mumford⁵ em seu célebre e clássico estudo sobre o tema, observamos:

Antes da cidade, houve a pequena povoação, o santuário e a aldeia; antes da aldeia, o acampamento, o esconderijo, a caverna, o montão de pedras; e antes de tudo isso, houve certa predisposição para a vida social que o homem compartilha, evidentemente, com diversas outras espécies animais.

O primeiro indício da cidade, para este autor, foi um ponto de encontro que pode ser entendido como o de um cerimonial aos mortos, uma necessidade mais subjetiva, que podia servir de meta para a peregrinação ao local de encontro ao qual, periodicamente, as pessoas voltavam. No entendimento do autor, o estímulo “espiritual” pode ter sido a grande motivação para as formas iniciais de fixação do homem. Importante destacar que uma das principais características citadas pelo autor era a necessidade que os grupos tivessem uma linguagem comum, a mesma língua, como fator fundamental e possibilitador dos primeiros agrupamentos humanos.

José Barros⁶ faz referência à obra *A Cidade Antiga*, de Fustel de Coulanges, importante historiador, para apontar três coisas que desde a idade mais antiga encontram-se

⁵ MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, suas transformações, suas perspectivas*. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Limitada, 1965. v. 1. p. 13.

⁶ BARROS, 2007.

solidamente fundadas e estabelecidas nas cidades: a religião, a família e o direito à propriedade. Destaca ainda o fato de ter sido o sentimento religioso o que levava os homens a estabelecer relações de solidariedade:

[...] o culto dos antepassados agrupou a família à volta de um altar. Daí a primeira religião, mas também a propriedade estabelecida, a ordem fixa da sucessão. Depois a crença alargou-se e, da mesma forma e ao mesmo tempo, associação. À medida em que os homens sentem que existem para eles divindades comuns, vão se unindo em grupos cada vez mais extensos. As mesmas regras encontradas e estabelecidas para a família aplicam-se sucessivamente à pátria, à tribo, à cidade.⁷

É importante lembrar que Olinda, desde sua fundação, foi envolvida pelos aspectos religiosos, uma vez que o português colonizador, com seu apego extremado à religião católica, pois a fé cristã foi fortalecida pelas lutas contra os mouros, introduziu sua crença nas terras que colonizou. Em relação ao surgimento das religiões, sua prática permanecia no nível social e familiar e os mais velhos eram responsáveis por sua transmissão, numa cultura eminentemente oral. Lewis Mumford⁸ destacava que, na escala das funções sociais, o homem, desde os tempos remotos, apresentava um particular interesse pelos mistérios da vida e rituais da morte. Nos espaços sepulcrais poderiam ser encontrados os primeiros indícios de vida cívica humana, muito antes de o homem se fixar nas aldeias e vilas. Vejamos como, por meio da História, esse autor nos explica:

[...] a religião permaneceu no nível familiar, humano. Embora cada aldeia pudesse ter seu santuário e seu culto local, comuns a todos os vizinhos, havia uma difusão maior do sentimento religioso por meio do *totem* e do culto dos antepassados: cada casa possuía seus próprios deuses, como sua propriedade verdadeira e inalienável, e o chefe da casa desempenhava funções sacerdotais de sacrifícios e oração.⁹

Mas o que é um totem? Vejamos o que Sigmund Freud¹⁰ diz a respeito: “Via de regra é um animal (comível e inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou fenômeno natural (como a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã.” Simboliza um ancestral poderoso para toda a coletividade, sendo por isso tomado como um protetor. Teria a função de ser reverenciado e de promover deveres para seus seguidores. É também fonte de tabu e de proibições de determinados comportamentos restritivos em relação às trocas sexuais dentro das coletividades tribais.

⁷ BARROS, 2007, p. 14-15.

⁸ MUMFORD, 1965.

⁹ Ibidem, p. 33, grifo nosso.

¹⁰ FREUD, Sigmund. Lição XVIII. A fixação ao trauma - o inconsciente. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974i. (1916-1917), v. XVI. p. 21.

As mais antigas organizações humanas com características de aldeias remontam à Antiguidade. Seus habitantes, que antes buscavam alimentação e água, deslocando-se de região a região, começaram a encontrar alguns locais em que havia água e alimento em maior abundância, fato que os levou a permanecer neles. Daí advém os primeiros núcleos de habitações. Estas primeiras aldeias não eram muito grandes, o que permitia e facilitava a seus membros desenvolverem algum tipo de organização.

No campo também havia a necessidade de troca entre aqueles que se dedicavam à agricultura e os que se dedicavam ao pastoreio. Surgiram então os intercâmbios de mercadorias que gestaram a vida nestes primeiros núcleos. Nestas aglomerações, foram surgindo as primeiras especializações de produção, que poderiam ser agrícolas ou de criação e pastoreio, com as diversificações de atividades. Posteriormente, surgiram as especializações das ocupações — os artesões, os agricultores, os ferreiros, os padeiros, os combatentes —, que caracterizavam a vida nestes primeiros agrupamentos urbanos.¹¹

A diversidade de atividades propiciou o desenvolvimento das trocas de forma mais organizada e, além do escambo, surgiram a moeda e o comércio das produções excedentes. Para Max Weber,¹² importante sociólogo alemão, o estabelecimento regular de trocas seria uma das principais hipóteses para o surgimento das cidades. Com isto se dá a separação entre a agricultura e a criação de animais para fins de consumo e de venda, conseqüentemente, a primeira divisão social do trabalho, entre o homem que habita o campo e o homem que passa a habitar as cidades. Destaca-se assim que o homem da cidade precisava da produção do homem do campo para sua sobrevivência, uma vez que era no campo que se produzia o alimento.

As cidades são, por vezes, consideradas grandes agrupamentos humanos em uma mesma região, onde há permanência das moradias e onde já havia alguma organização interna, regras e princípios normativos ou restritivos. Isso mostra já uma passagem, como a mudança da descentralização desses primeiros agrupamentos humanos para as formações das aldeias, vilas e cidades. Já Olinda foi fundada como uma vila.¹³

Cidades são produtos de maior mobilização e vitalidade. Nas primeiras cidades constituídas alguma ordem de poder já estava estabelecida e era representada pelos elementos sagrados ou pela figura dos mais velhos, que ocupavam o lugar da sabedoria e de mando, representado pela figura do chefe. Tinham senso de isolamento defensivo, conjugado com sua superfície, numa pretensão já de territorialidade. Assim, a mudança de aldeia para cidade não

¹¹ MUMFORD, 1965.

¹² WEBER, Max. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 68-89.

¹³ DUARTE, 1976.

foi uma mera modificação de espaço ou de localização. Foi fruto de uma nova forma de organização. Como diz Lewis Mumford:¹⁴

Essa grande transformação urbana teve lugar no limiar da história escrita. A “pequena cidade”, ou cidadela, alteou-se acima da aldeia e dominou seus humildes hábitos [...] a cidadela não foi na sua origem, principalmente um lugar defensivo de refúgio para o aldeão, ameaçado por “nômades invasores”. Tão logo a guerra se tornou uma instituição estabelecida, não há dúvida que a fortaleza, cada vez mais, prestou essa modalidade de serviços. Entretanto o fato de serem as cidadelas rodeadas por muralhas, mesmo quando não o são as cidades, não dá primado no tempo às suas funções militares, pois a primeira utilização da muralha pode ter sido de natureza religiosa: defender os sagrados limites do *témenos* e manter à distância antes os maus espíritos do que os inimigos humanos.

Para uma economia organizada pelo surgimento das cidades, impôs-se a formação da figura do chefe, do rei, com poder e dever de proteger os habitantes e defender seus bens e suas terras. O rei se colocava no centro e era responsável pelas fortificações de seus territórios.¹⁵

A construção de fortalezas para defesa desses primeiros núcleos urbanos foi feita para proteger de ataques de outros povos e foram muito utilizadas no século XVI, quando os portugueses chegaram às terras ameríndias e ali instalaram sua colônia. As vilas e cidades, como Olinda, foram se formando em torno de grandes construções, cujo objetivo era defender as populações dos ataques: fortes, grandes muralhas ou paliçadas. Foram assim se organizando as cidades-fortaleza, que tinham características próprias e se apoiavam no burgo de um rei, que mantinha nele uma guarnição de mercenários, vassalos ou servidores. Há, entretanto, especificidades, como aponta Max Weber:¹⁶

Nem toda cidade no sentido econômico, nem toda fortaleza que, no sentido político-administrativo, supunha um direito particular dos habitantes, constitui uma ‘comunidade’. A comunidade urbana, no sentido pleno da palavra, existe como fenômeno extenso unicamente no Ocidente.

Este autor destaca ainda:

Uma cidade pode fundar-se de dois modos. Seja, a) existindo previamente algum domínio territorial, ou, sobretudo, uma sede de principado como centro de um lugar [...] Outra característica que se teria que acrescentar para se poder falar em “cidade” seria a existência de um intercâmbio regular e não ocasional de mercadorias na localidade, como elemento essencial da atividade lucrativa e do abastecimento de seus habitantes, portanto de um mercado.¹⁷

¹⁴ MUMFORD, 1965, p. 53-54.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ WEBER, 1976, p. 82.

¹⁷ *Ibidem*, p. 69.

Para o autor citado, a cidade se opõe ao campo no sentido de que o habitante da cidade é aquele que não cobre suas próprias necessidades com o cultivo de seu próprio alimento. Há, portanto, um intercâmbio inevitável entre os habitantes da cidade e aqueles do campo. Este autor vai definir a “cidade”, de diversas formas. Mas, para ser compreendida como cidade e ter vida urbana, seria necessário que já existisse algum tipo de troca de mercadorias entre seus habitantes. Para ele é uma localidade e não apenas casarios mais ou menos dispersos. Nas cidades, as casas estão sempre muito juntas ou próximas, formando os arruados, as ruelas, ruas e avenidas, como é bem típico em Olinda. Neste caso só localidades muito grandes seriam cidades. Como podemos especificar isto? Para Max Weber¹⁸ isto seria demarcado pelas condições culturais da população.

O tamanho por si só não pode ser definidor de cidade, pois existiram “aldeias” com vários milhares de habitantes. Max Weber¹⁹ estabeleceu como característica necessária, para que a comunidade urbana fosse vista como cidade, ter caráter industrial e comercial predominante e nela existir: a) uma fortaleza; b) um mercado; c) um tribunal próprio e direito ao menos parcialmente próprio; d) um caráter de associação, autonomia e autocefalia parcial. Olinda foi fundada como vila. Suas fortalezas foram construídas ao lado de outras edificações, como as igrejas e o casario.

O sociólogo define ainda que a cidade depende das condições culturais, da diversidade de ocupações industriais, do domínio territorial e de ter uma sede. A cidade é, em maior ou menor grau, segundo as circunstâncias, “[...] a cidade dos consumidores, ou temos ainda o oposto: assim como a cidade é dos produtores”.²⁰ Neste ponto parece haver concordância entre os estudiosos sobre o tema. Podemos afirmar, apoiadas em Milton Santos,²¹ importante geógrafo brasileiro, que foi determinante para a formação dos agrupamentos humanos a proximidade entre os indivíduos possibilitada pela vida nas cidades, o que foi muito marcante em Olinda. Para esse autor:

[...] a proximidade que interessa [...] tem a ver com a contigüidade física entre pessoas numa mesma extensão, num mesmo conjunto de pontos contínuos, vivendo com as inter-relações [...] É assim que a proximidade [...] pode criar a solidariedade, laços culturais e desse modo identidade.²²

¹⁸ WEBER, 1976.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Ibidem, p.72.

²¹ SANTOS, Milton. A natureza do espaço, técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

²² Ibidem, p. 255.

O autor citado destaca a importância da proximidade entre as pessoas, propiciada pelas ruas, bairros e a vida na cidade:

[...] em todos os casos, a cidade é um grande sistema, produto de superposição de subsistemas diversos de cooperação que criam outros sistemas de solidariedade [...] no lugar um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são à base da vida em comum.²³

Vimos, no capítulo anterior, que as características das casas de Olinda, que são conjugadas, permitiam uma proximidade física muito grande entre seus moradores e vizinhos, como revelou o ex-guia-mirim de turismo, em seu depoimento.

Enfim, como vemos, há múltiplas maneiras de entendermos o fenômeno urbano e a cidade. Como argumenta José Barros:²⁴ “[...] o século XX trouxe à tona uma série de novas preocupações, considerando-se ainda os esforços em produzir teorias globais sobre a cidade.” O autor destaca ainda que a cidade pode ser concebida como artefato, recipiente, obra de arte, produto da natureza, organismo, célula, sistema, texto e ambiente ecológico. Podemos pensar que a própria materialidade das cidades pode contribuir para participar como narradora de sua própria história. A cidade então poderia ser entendida como uma complexidade de dimensões a serem compreendidas, a saber: histórica, populacional, econômica, morfológica, organizacional, política, sociológica, psicológica, cultural e imaginária. A cidade é também vista como um texto a ser lido e decifrado. É o que destaca o historiador José Barros,²⁵ em seu amplo trabalho sobre as cidades:

Diante desta percepção da cidade como escrita que tem algo a dizer, surgiu concomitantemente um esforço de conservação do patrimônio arquitetônico que encontra uma de suas expressões nos tombamentos históricos, os monumentos e as construções antigas passam a ser consideradas como registros da memória coletiva.

Portanto algumas funções se destacam habitualmente nos estudos sobre as urbes e são vistas pelos autores na perspectiva dos vários tipos de concepções construídas sobre elas. A cidade também foi pensada como um sistema orgânico e isto é muito presente quando estamos diante dos grandes complexos urbanos da atualidade, descritos como redes multifuncionais orgânicas, “artérias”, “circulação”, “coração” da cidade etc. A Historiografia e o Urbanismo estudam o fenômeno sob várias perspectivas; há fatores fundamentais, como a espacialidade, a

²³ SANTOS, 1996, p. 257-259.

²⁴ BARROS, 2007, p. 49.

²⁵ *Ibidem*, p. 42.

população, formas de organização política, propriedade e organização social, linhas básicas para que possamos falar da realidade de uma cidade.

No caso da cidade de Olinda, além dos aspectos destacados acima, há o fato de sua monumentalidade, pois os portugueses trouxeram, para apoiar o povoamento e ocupação da colônia, as mais importantes ordens religiosas católicas européias, que a partir do século XVI construíram suas igrejas, seus conventos, mosteiros e seminários nas terras recém-descobertas. Foram se instalando em Olinda, inicialmente, os Jesuítas e Franciscanos, depois os Beneditinos e os Capuchinhos que, nos séculos XVIII e XIX, transformaram seus templos em grandes monumentos religiosos, verdadeiros tesouros artísticos de estilo barroco brasileiro, preservados até o momento atual.

Esta é a marca principal de Olinda, e assim ela é percebida na construção imaginária do próprio cidadão que nela nasce, como uma cidade que guarda um precioso acervo artístico e arquitetônico. O Sítio Histórico de Olinda também é conhecido como o *coração da cidade*. Como é então que o olindense constrói a representação sobre sua cidade?

A Sociologia e a Psicologia Social vêm produzindo conhecimentos sobre a representação social. É o estudo de como o homem percebe sua vida cotidiana e cria sua representação da realidade social, por meio da cognição, da linguagem e do conhecimento dado pelo senso comum. Como é construída a representação social e como são interligadas e produzidas as construções simbólicas? É o que está no centro dessa discussão bastante atual, no terreno da interdisciplinaridade. As representações têm como característica mais importante serem compartilhadas pelo grupo. Suas construções se dão nos processos de comunicação nas inter-relações sociais. Os estudos das representações sociais foram iniciados, principalmente, com os trabalhos de Serge Moscovici²⁶, psicólogo social francês, nascido em 1928, que concebe:

Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum.

Já a psicanalista baiana Maria de Lourdes Ornellas,²⁷ destaca que “[...] as categorias da representação social são definidas pelos atores sociais, como um conjunto de atributos e se revelam componentes indispensáveis à objetivação da realidade, pois materializam-se sob a

²⁶ MOSCOVI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 181.

²⁷ ORNELLAS, Maria de Lourdes. *Afetos manifestos na sala de aula*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 44.

forma de falas e de palavras”. Neste ponto, remetemo-nos à concepção de Sigmund Freud,²⁸ já descrita acima, sobre as representações psíquicas, em que ele as divide em representação de coisa e representação de palavra, para dar conta dos intrincados processos psíquicos conscientes e inconscientes, na construção dos discursos e da realidade. O que podemos verificar é que tanto as Ciências Sociais como a Psicologia Social vêm estudando as relações dos indivíduos e dos grupos em seus espaços urbanos. Como destaca Denise Jodelet,²⁹ em seus trabalhos em Psicologia Social: “[...] essas duas abordagens estão vinculadas às representações socioespaciais e à memória dos lugares, que envolve a identidade dos indivíduos e dos grupos.”

A cidade deve ser estudada também com base na perspectiva em que o homem comum a vê e a representa, em sua imaginação, como a transforma em nomeação e como constrói suas narrativas em relação a ela. Foi por isso que, nesta pesquisa, buscamos, no relato oral dos olindenses depoentes da pesquisa, a memória e a construção de uma representação social sobre Olinda, cidade foco deste trabalho.

Kevin Lynch,³⁰ americano estudioso do fenômeno urbano, em seu livro *A Imagem da Cidade*, traz uma rica contribuição sobre esta questão e destaca ainda a legibilidade e imaginabilidade iconográfica que a cidade permite para seus cidadãos e para os estudiosos deste tema. A cidade possibilita que se produzam outras imagens e se organize a memória com base na percepção que se tenha dela e do que nela se projeta, como algo idealizado com seus afetos, valores e cultura. A cidade permite representações e ela mesma é geradora de representações e cultura, por meio das lembranças, memórias e imaginário de seus moradores.

O psicanalista francês Jacques Lacan,³¹ destaca na teoria psicanalítica o imaginário como um dos três registros fundamentais do psiquismo humano, ao lado do real e do simbólico. O imaginário estaria ligado ao predomínio da relação com a imagem, principalmente a imagem do semelhante e seus efeitos estruturantes para a subjetivação. Importante mecanismo nos processos identificatórios do sujeito, em suas relações com o outro e com o “Outro”.³² Isso é ainda mais importante quando se trata não apenas da identificação do nome próprio, mas também em relação à identificação de sua cidade. No caso da identificação imaginária, ela é prevalente numa cidade histórica, cujo acervo monumental é

²⁸ FREUD, 1974a.

²⁹ JODELET, Denise. A cidade e a memória. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso (Orgs.). *Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002. p. 31-43. p. 34.

³⁰ LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

³¹ LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

³² “O Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer.” Ibidem, p. 193-194.

precioso e muito valorizado pelo turismo, como é o caso da cidade de Olinda, que reúne um rico acervo arquitetônico, ao lado de uma localização geográfica privilegiada, pois foi construída em cima de colinas e à beira-mar, e tem uma vegetação exuberante. Vejamos:

A História do Imaginário estuda as imagens produzidas por uma sociedade, mas não apenas as imagens visuais, como também as imagens verbais e, em última instância, as imagens mentais. O imaginário será visto como uma realidade tão presente quanto aquilo que poderíamos chamar de “vida concreta”.³³

Como destacam ainda Eloísa Pinheiro e Marco Gomes,³⁴ nas cidades atuais, no mundo das informações e do consumo em que vivemos, com o processo de globalização, as informações rapidamente são veiculadas pelos meios midiáticos. A preponderância das imagens visuais é evidente hoje em dia, nos veículos de informação de massa, como televisão, jornais, revistas, rádio e computador, que estão presentes na vida social e cultural, como marcas da contemporaneidade.

O desenvolvimento do turismo em cidades históricas como Olinda é também estimulado pelos meios de comunicação de massa, o que gera um aumento significativo de pessoas no local, que se deslocam para visitar os sítios e monumentos das cidades históricas e tornam assim a história e a cultura um dos elementos centrais de mobilização econômica, social e cultural. Também se reflete na identidade e na relação dos cidadãos com as cidades em que nasceram. Não foi diferente com Olinda:

Repensar a cidade a partir da história e da cultura é, com toda certeza desafio instigante [...] Ora o interesse pelo passado e pela memória traduz-se pela preservação de monumentos, centro e bairros antigos, reciclados e transformados em âncora de planejamentos estratégicos comumente associados ao consumo (“cultural”) e ao turismo; ora ele toma a forma de recuperação idealizada pelo desenho urbano tradicional – [...] a de um “sentido de comunidade” para a cidade contemporânea.³⁵

Além de todas as condições acima apontadas, é importante destacar, do ponto de vista psicanalítico, uma das mais importantes características das cidades através dos tempos: o homem sentiu a necessidade de nomeá-las, atribuindo um significante particular a cada uma delas. Assim, cada cidade foi sendo “batizada” com os mais diversos nomes próprios. A origem

³³ BARROS, José D’Assunção. *O campo da história: especialidade e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 91.

³⁴ PINHEIRO, Eloísa; GOMES, Marco. Os arquitetos, a cidade e o fascínio pela história. In: PINHEIRO, Eloísa; GOMES, Marco (Orgs.). *A cidade como história: os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo*. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 9-18.

³⁵ *Ibidem*, p. 11-12.

dos nomes próprios das cidades é a mais diversa; muitas vezes está ligada aos mitos fundadores das cidades, outras vezes são particularidades de sua localização, às vezes tem o nome de algum de seus filhos mais ilustres, outras vezes toma o nome de algo sagrado ou representação da natureza.

Com a pessoa, nada a identifica mais que seu nome próprio ou o patronímico. É com o nome próprio e sobrenome que as pessoas são identificadas, quer socialmente, quer juridicamente. Nossa existência está inexoravelmente ligada a uma palavra, um significante, podendo ser Maria, José, qualquer um. Normalmente, os nomes próprios têm a função de nomear, marcar a posição do sujeito numa linhagem geracional e sua filiação, não sendo necessário que se remeta a outras significações. Em alguns casos a escolha, normalmente feita pelos pais, remete a alguma significação particular: ou é um nome de santo, nome de parente, a repetição dos nomes dos pais ou os dois nomes dos pais juntos, formando um novo nome, ou um nome que simplesmente agradou e proporcionou a escolha para a nomeação do filho. É freqüente a escolha do nome do filho anteceder a seu próprio nascimento; ele já é nomeado antes mesmo de vir ao mundo. Assim são feitas as escolhas dos nomes próprios. Cabe ao sujeito a ele aderir, no sentido mesmo de incorporar e não ter dúvidas de sua nomeação. Não é permitido ao sujeito claudicar diante do nome próprio. É preciso ter a certeza de quem se é, e essa identificação passa pelo processo de subjetivação e pelo nome próprio, sacralizado pelo batismo e outros atos litúrgicos, ou juramentado pelo Registro de Nascimento, que o oficializa. Aí se instala o processo de identificação individual também como cidadão. “No que há de concreto em nossa experiência referente a identificação — é uma identificação de significantes.”³⁶

Não é diferente com as cidades. A nomeação das cidades está diretamente relacionada à história de sua fundação. Como as pessoas, elas têm seus nomes, suas histórias e suas memórias que são únicas e insubstituíveis. As cidades também têm sua nomeação e por ela são identificadas e com Olinda não foi diferente:

A identificação é nele considerada como “identificação de significante” [...] Na língua, o significante é um cruzamento entre a palavra e a linguagem [...] O significante como a diferença em estado puro; a letra, que o manifesta na escrita, distingue-o radicalmente do signo.³⁷

³⁶ LACAN, Jacques. *Identificação*. Seminário Inédito. Centro de Estudos Freudianos do Recife. Publicação Interna, 1961-1962. p.12.

³⁷ DORGEUILLE, Claude. Identificação. In: CHEMAMA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995. p. 103-104.

As cidades têm um nome que é um significante e, portanto, possibilita uma identificação. Os fatos ocorridos nelas são importantes e são registrados na memória dos moradores e fundamentam suas próprias histórias. Como em psicanálise, não se pode pensar num sujeito sem seu passado, sua história gravada, suas lembranças, que constituem sua própria subjetividade e identidade.

Não se pode deixar de pensar também na importância do papel do outro na organização da subjetividade e da identidade do sujeito. Esta questão Sigmund Freud³⁸ traz muito claramente delimitada em seu clássico estudo *Sobre o Narcisismo – uma Introdução*, em que este outro se oferece como espelho, modelo identificatório que lhe é antecipado. O sujeito está inserido numa ordem simbólica que lhe é anterior e numa cultura à qual terá de se introduzir. A cidade faz parte deste entorno que, ao nascer, a criança se defronta, como um elemento construído, fruto de uma cultura à qual irá pertencer, e que se oferece à criança como mais um elemento entre vários aos quais irá se identificar.

Os modelos identificatórios passam a ser elementos constitutivos do próprio sujeito, consciente e inconscientemente. A isto Sigmund Freud chama o “Eu”. É a partir daí que o indivíduo desenvolverá sua auto-referência e sua relação com a auto-imagem e a auto-estima e seus modelos ideais. Constrói também sua relação com a realidade que o cerca, com suas representações conscientes e com suas fantasias inconscientes. É a partir daí que desenvolve o interjogo de investimentos libidinais, tanto narcísicos, no próprio “Eu”, como investimentos objetivos, nos objetos de seus desejos. Ambas vão estar sempre fusionadas e são determinantes em todos os processos psíquicos humanos. É por meio destes mecanismos que o homem constrói seu espaço e as representações sobre sua cidade. Esses espaços serão privilegiados, pois serão espaços de relações afetivas — seus grupos familiares, sociais e de trabalho — e a esses grupos e seus espaços — a casa, a escola, o trabalho, a cidade — se ligará afetivamente e se identificará. A “casa dos pais”, a “casa da infância”, ficará como uma grande marca em seu acervo mnemônico, por ter sido objeto de intensos investimentos libidinais.

Sigmund Freud,³⁹ dedicou-se a teorizar como se funda o psiquismo humano e sua subjetivação, estudando os mecanismos específicos da organização psíquica, incluindo a memória, nessa trajetória temporal de sua existência. Em seu famoso estudo intitulado *Projeto para uma Psicologia Científica* apresentou a idéia que o homem nasce em condição de profundo *desamparo* e necessita da assistência alheia para que possa sobreviver. Ele chama a

³⁸ FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo – uma introdução. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974h. 1916, v. XIV.

³⁹ Idem, 1974a.

este outro que lhe acode nestes primeiros e determinantes momentos de vida de *nebenmensch*.⁴⁰ Esse próximo, pode ser qualquer um, mas, costumeiramente, é a mãe. Esta tem a função não só de lhe propiciar os meios de subsistência, como fornecer o alimento e tudo o mais que o bebê carece, inclusive introduzi-lo no mundo da linguagem, fornecendo os significantes que desconhece. Para Jacques Lacan,⁴¹ “[...] o homem fala, pois, mas porque o símbolo o fez homem”. Mais adiante evidencia que, além de prematuro, o ser humano é antecipado: “[...] os símbolos efetivamente envolvem a vida do homem numa rede tão total que conjugam, antes que ele venha ao mundo, ‘pelo osso e pela carne’ [...] trazem em seu nascimento [...] o desenho do seu destino.”⁴²

A mãe interpretará as necessidades do bebê e traduzirá o choro com base na leitura que fizer de suas demandas. Quando uma criança chega ao mundo, já existe um lugar, portanto, um espaço. Na linhagem que ele ocupará, terá também um nome, sobrenome, um lugar na família, mostrando aí um tempo de passagem das gerações.

As palavras fundadoras, que envolvem o sujeito, são tudo aquilo que o constitui, seus pais, seus vizinhos, toda a estrutura de comunidade, que o constituiu não somente como símbolo, mas no seu ser. São leis de nomenclatura as que determinam; ao menos até certo ponto, e canalizam as alianças a partir das quais os seres humanos copulam entre si e acabam por criar, não só outros símbolos, mas também seres reais que, ao chegar ao mundo, logo possuem essa pequena etiqueta que é seu nome, símbolo essencial do que lhes está reservado.⁴³

Estão já incluídas as duas esferas já destacadas — o espaço e o tempo —, na vida dos indivíduos. O bebê é, portanto, antecipado pela linguagem e pela cultura na qual será inserido. A cultura de seus genitores, incluindo a linguagem, os costumes, a tradição, os mitos, os valores, a religião também lhe são antecipados. Inclui-se aí toda a realidade do meio em que a família vive, seja a vila, o campo ou a cidade. Tudo lhe é antecipado, inclusive seu nome. Importante destacar a relação que o sujeito desenvolverá com o meio e o modo social da cidade no qual será necessariamente envolvido. E é nesse espaço que habitará, e só nele este bebê viverá, desenvolvendo seu ciclo vital, nascimento, crescimento e morte. Nele formará sua história, que poderá ser veiculada por seus mecanismos de lembranças e seus relatos de memória, tanto para si mesmo como para seus descendentes. Destacamos, com Denise Jodelet,⁴⁴

⁴⁰ *Nebenmensch*, termo alemão utilizado por Sigmund Freud no seu texto *Projeto para uma Psicologia Científica*, traduzido por “complexo do próximo”, significa aquele que atende o bebê ao nascer, em suas necessidades de alimentação e cuidados, normalmente função exercida pela genitora ou substitutos.

⁴¹ LACAN, 1998a, p. 280.

⁴² Idem, 1978, p. 143.

⁴³ Idem, 1998b, p. 10.

⁴⁴ JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

a importância dos estudos sobre a relação memória e cidade para a Psicologia Social, suas significações e identidades dos lugares e dos ambientes. Para a autora:

A questão da memória se torna pertinente, uma vez que esta, unindo de forma dialética o passado, o presente e o futuro, pode servir para estabelecer formas de vida sem ruptura brutal, respeitando um presente que encontra sua fundamentação no passado. Esse objetivo vale, especialmente para o estudo do modo como os indivíduos e os grupos se situam dentro de seus espaços de vida [...] a abordagem dos fenômenos psicológicos e sociais desenvolvidos no espaço construído (e, particularmente, no espaço urbano) pode ser objeto de estudos, sobretudo da relação imediata, da inter-relação causal ou significante entre espaço construído e aqueles que nele vivem, trabalham ou por ele transitam.⁴⁵

Não podemos deixar de pensar em cidades sem sua história. Existem, portanto, mecanismos psíquicos que podem ser utilizados em relação à construção das identidades individuais. Estes mesmos mecanismos são também utilizados pelo homem para estudar a história das cidades, formatando assim suas identidades sociais. A memória é um desses mecanismos.

História e memória estão intrinsecamente ligadas, tanto para os homens como para as cidades. Denise Jodelet⁴⁶ destaca ainda, em seus estudos sobre memória e representação social, os aspectos psicológicos e sociais e sua relação com o espaço criado pelo e para o homem: a casa, a rua, a vila, a cidade. Além do nome próprio, o nome de batismo, o sujeito vai se identificar e será identificado pelo resto de sua vida ao lugar em que nasceu, ao lugar em que viveu e onde construiu sua vida. É sua cidade que tem um nome próprio e é única. É seu mundo! Cada indivíduo vai construir uma representação, uma imagem de sua cidade vinculada a sua vivência, a suas experiências de vida e a sua cultura, pois “[...] entre a imagem do corpo próprio e a imagem da casa existe uma troca simbólica de natureza projetiva”.⁴⁷

Muitas vezes, o nome do lugar em que se nasceu produz uma identidade tão forte entre o filho e sua terra que ele passa a ser conhecido, quando está em outras regiões, por esses significantes — é o “baiano”, o “cearense”, o “paraibano” —, como se trouxesse gravado no próprio corpo as marcas de sua origem e passasse a ser assim conhecido e chamado. Muitas vezes isso pode tomar conotações pejorativas e preconceituosas.⁴⁸ Assim, os nomes que identificam as cidades passam a acompanhar aqueles que nascem em seus domínios e são

⁴⁵ JODELET, 2001, p. 31.

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ MACIEL, Tânia. A representação entre cognição e concepção do ambiente construído. In: RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane; RHEINGANTZ, Paula (Orgs.). *Projeto do Lugar*-colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002. p. 131-135. p. 134.

⁴⁸ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

nomeados a partir daí. São os olindenses, os recifenses, os paulistanos, “filhos”, respectivamente, das cidades de Olinda, do Recife e de São Paulo etc. É seu nome de batismo, é seu significante: podem ser brasileiros, americanos, europeus, ou ainda baianos, pernambucanos e cariocas. É este o nome que produzirá sua identidade enquanto cidadão. É um significante, mas que estará marcado na carne daquele que o traz. Ao sair de seu país para um novo país, é simplesmente brasileiro, e nada mais. Esta é a marca identificatória principal do imigrante.

É também no espaço de suas inter-relações sociais e familiares que fará sua socialização por seus vínculos com seus semelhantes. O período da vida do indivíduo é também importante porque determinará esta realidade social do meio que habitará, marcando em seu ciclo vital o início, meio e fim de sua vida e os modelos das relações sociais, os valores, os costumes, enfim, as circunstâncias históricas do momento vivido. O espaço e o tempo, bem como as características da cidade na época específica em que o indivíduo nela viveu, não são meras abstrações, como podemos constatar nas palavras de Manuel Castells:⁴⁹ “[...] o espaço, socialmente falando, assim como o tempo, é uma conjuntura, isto é, a articulação de práticas históricas concretas.”

O homem constrói relações afetivas importantes com sua cidade e estas deixam importantes marcas nas memórias por meio das representações que vão sendo organizadas e dos mecanismos identificatórios com ela estabelecidos. A cidade é um dos elementos mais importantes construídos pelo homem e é também uma construção de dimensão subjetiva e afetiva. É o espaço de todas as atividades de sua vida. É o espaço concreto de suas experiências vividas durante sua trajetória e é também um espaço constituinte para o sujeito. Vejamos por que.

A cidade é uma construção social humana que projeta o próprio homem e os grupos sociais que nela vivem: suas aspirações, suas limitações, seus cuidados, sua organização, sua desordem, seus desejos, interesses, contradições, afetos, medo, insegurança, alegria, violência, amor, carinho. Claude Lévi-Strauss,⁵⁰ importante antropólogo e criador do estruturalismo como metodologia nas ciências sociais, defende que “[...] a cidade é coisa humana por excelência, está mesclada por toda uma gama de sentimentos e por isto está sujeita a medos, desejos, interesses e contradições, próprio a tudo aquilo que é humano”.

Como entender isto com o apoio da teoria psicanalítica? O que Sigmund Freud poderia contribuir para o entendimento da relação do homem com sua cidade? Inicialmente, podemos

⁴⁹ CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 472.

⁵⁰ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 113.

entender, com base em seus textos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*⁵¹ e *Os Instintos e suas Vicissitudes*,⁵² nos quais mostra que o homem está submetido às dualidades de suas pulsões, que podem ser tanto amorosas como hostis; portanto trata-se de uma relação fusionada de afetos de Amor *versus* Ódio — Eros, pulsão de vida e Thánatos, pulsão de morte — que está na base da ambivalência dos investimentos libidinais que o homem desenvolve com seus objetos de desejo. Lucia Leitão⁵³ aborda esta questão urbanística com muita propriedade, ao se embasar na teoria psicanalítica para entender as relações humanas nas cidades:

A dimensão subjetiva da cidade, tendo como hipótese básica que, mais que cenário e abrigo para as muitas atividades humanas, o ambiente construído é elemento constituinte do ser humano [...] mais que espaço de abrigo, a cidade é espaço privilegiado do afeto [...] uma vez que a cidade é elemento constituinte do ser humano. O que lhe confere importância e significados insuspeitos na arquitetura e urbanismo.

Ao lado dos afetos, na história de um indivíduo ou na história de uma cidade, estão implícitas as idéias do tempo e do espaço, dimensões também subjetivas, que são categorias constitutivas da história de uma pessoa, como também são constitutivas da história de uma cidade, da própria História, como destacamos acima.

Há aspectos comuns na história do indivíduo e da cidade em relação à temporalidade que envolve tanto o presente, como o período que foi vivido no passado. A esta dialética própria do movimento temporal a dinâmica das cidades está também submetida. O tempo na vida dos indivíduos está marcado pelo movimento da memória de seu passado, de seu presente e o que projetará dele para seu futuro. Exatamente como na vida dos indivíduos, ocorre na vida das cidades.

O tempo traz em seu bojo a idéia da duração, perenidade, término, permanência, ciclos, início, meio e finitude. O ciclo temporal é mais estabelecido e definido em relação à existência humana, marcada pelo nascimento, crescimento, maturidade, velhice e morte. Já com as cidades, há um tempo de sua fundação, um tempo de seu desenvolvimento, às vezes um tempo de apogeu, de estagnação, de declínio, e o tempo de sua permanência. Exatamente como no homem, o tempo marca seus períodos e marca também o período da história da cidade. São os ciclos da história da cidade de Olinda. “Portanto do ponto de vista social, não

⁵¹ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro, 1974c, 1905, v. VII.

⁵² FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974g, 1915, v. XIV.

⁵³ LEITÃO, Lúcia. Espaço do abrigo? Espaço do afeto! In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso (Orgs.). *Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002. p. 365-369. p. 365.

há espaço (grandeza física, mas entidade abstrata enquanto prática), porém um espaço-tempo historicamente definido, um espaço construído, trabalhado, praticado pelas relações sociais.”⁵⁴

Podemos pensar que mecanismos psicológicos e sociais estão inevitavelmente presentes em ambos os processos. No individual e no social. Portanto a memória é um dos elementos fundamentais nos estudos tanto dos fenômenos da subjetivação no homem como na socialização de sua vida nas cidades, sua filiação, sua identidade, nessa passagem inexorável do tempo.

A questão, pois, é saber em que condições a cidade pode aparecer como um lugar que possa ser definido por seu caráter identificador: um lugar que permita que seus habitantes se reconheçam e se definam por meio dele, que, por seu caráter relacional, permita leitura da relação que os habitantes mantêm entre si, e por seu caráter histórico, possibilite que os habitantes reencontrem os vestígios de antigas implantações, seus sinais de filiação.⁵⁵

A cidade pode ser mais um elemento identificador para o homem, com base em suas relações sociais e nas construções de suas representações. É o espaço de suas relações de trocas, de seu modo de vida, de sua maneira de pensar, definindo uma identidade que perpassa pela história da família, por seu lugar numa linhagem, pela história de seus pais, de seus avós, de seus conterrâneos, num contínuo processo de subjetivação e socialização. Mediante a identificação aos modelos que lhe estão disponíveis, possibilita as construções das representações que os indivíduos organizam, tanto conscientes quanto inconscientes, em relação também ao espaço urbano que habitam — a cidade de Olinda.

Sigmund Freud⁵⁶ vê a questão da identificação e a relação dos indivíduos aos grupos sociais: “A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço social com outra pessoa.” E ele continua, esclarecendo ainda:

Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do ego segundo os modelos variados. Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais – as de sua raça, classe, credo, nacionalidade etc. – podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade.⁵⁷

No caso dos olindenses, estas representações estão ligadas a sua história, à história de sua cidade, às lembranças que registram na memória de sua casa, de sua rua, do bairro, de sua

⁵⁴ CASTELLS, 1983, p. 472.

⁵⁵ JODELET, 2002, p. 33.

⁵⁶ FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974n, 1921. v. XVIII. p. 133.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 163.

escola, do espaço de sua infância, bem como de sua família, pais, irmãos, parentes, vizinhos, colegas, amigos, enfim, do grupo social ao qual pertenceu e que são as bases dos processos identificatórios a sua cidade. As representações fazem parte dos arquivos menmônicos de cada indivíduo, possibilitando que assim seja organizada sua memória, parte essencial de sua história de vida. No caso de Olinda, é o registro da passagem do tempo na vida das pessoas que viveram nas ladeiras, ruas e becos da cidade histórica ou em seu entorno. É o que transmitem pelos relatos orais. As experiências de vida formaram o passado de cada um, quer das vivências particulares, quer das vivências em grupo, na família, na escola, no trabalho, ou seja, nos grupos de pertinência, na cidade em que viveram.

Jurandir Costa,⁵⁸ importante psicanalista brasileiro contemporâneo, destaca aspectos das relações sociais e identidade, em relação às contribuições freudianas, a respeito da identificação:

Para Freud, a identidade é um amálgama de afetos e representações que o sujeito experimenta e formula como sendo a natureza de seu Eu e do outro, do corpo-próprio e do mundo de coisas e objetos. Estas representações e afetos são transitivos, móveis e múltiplos. Mudam conforme a posição que o sujeito ocupa nas relações com os outros, posição constantemente cambiante e permutável. Só a força das identificações culturalmente normativas, impostas pelo princípio de realidade pelos processos secundários, impede o sujeito de derivar para o terreno do imaginário, onde o sentido da identidade é absolutamente subalterno ao princípio do prazer e aos processos primários.

Portanto a identificação à Olinda, cidade focalizada neste estudo, e ao significante “olindense”, marca de maneira subjetiva seus moradores, os sujeitos que ali nasceram e viveram e constitui um dos mais importantes traços identificatórios como cidadãos. Nesta cidade estão tecidas suas relações com seus primeiros modelos parentais em sua família e seus primeiros grupos sociais na comunidade à qual pertenceram.

As cidades estão sempre relacionadas, como já foi destacado, a um tempo e a um espaço, que são também duas das dimensões materiais principais da vida humana. O espaço e o tempo organizam a história da vida dos indivíduos e também organizam a história da cidade de Olinda e de sua memória. Os autores parecem concordar nas diversas interpretações sobre a concepção de cidade. As formações das cidades são sinônimas de organização e civilização. A idéia de organização pressupõe princípios, leis e delimitação e ordenamento do território. Robert Park,⁵⁹ importante estudioso americano do fenômeno urbano, destaca os aspectos da vida urbana, além de sua organização territorial ou política, suas ocupações e sua cultura. Para

⁵⁸ COSTA, Jurandir. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 87.

⁵⁹ PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. XX, p.27-67, mar. 1916.

este autor, uma cidade é muito mais que um amontoado de indivíduos e de conveniências sociais, além das ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones, ou seja, dos serviços.

Para este autor:

[...] cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição [...] envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem, é um produto da natureza e particularmente da natureza humana [...] a cidade não é apenas uma unidade geográfica e ecológica: ao mesmo tempo, é uma unidade econômica [...] existem forças que tendem a ocasionar um agrupamento típico e ordenado de sua população e instituição [...] a cidade é o habitat natural do homem civilizado.⁶⁰

Segundo o autor citado, toda cidade possui seus hábitos enraizados culturalmente pelos costumes de seus habitantes. Ele defende que as cidades têm uma organização física e também uma organização moral:

Através dos tempos todo setor e quarteirão da cidade assume algo do caráter e das qualidades de seus habitantes [...] o que a princípio era simples expressão geográfica converte-se em vizinhança, isto é, uma localidade com sentimentos, tradições e uma história só sua.⁶¹

A argumentação desses autores nos leva a observar que, cada vez mais, vão se distanciando de uma visão de uma cidade como algo puramente físico, em relação a seu aspecto geográfico apenas. O conceito de cidade vai se aproximando dos aspectos mais culturais, subjetivos e psicológicos, das relações humanas que se constituem dentro desses territórios e dos processos identificatórios que são construídos aí: “[...] a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam [...] A consequência é que a cidade possuiria também uma organização moral bem como uma organização física.”⁶² Assim, podemos entender a cidade de Olinda como algo muito mais complexo, em que está presente uma série de redes de inter-relações.

É importante também ressaltar, entre as principais características de uma cidade, não apenas o aspecto do aglomerado humano, nem seu tamanho territorial, nem seu poderio econômico e militar, mas todo o seu conjunto, incluindo as realidades sociais, culturais e psicológicas, com a produção de seus bens, não só materiais, mas principalmente culturais, sua história, seus valores, tradições, que permitem a seus habitantes encontrarem seus traços identificatórios. Isto possibilita que a memória de uma região seja resguardada por seus

⁶⁰ PARK, 1916, p. 26-27.

⁶¹ Ibidem, p. 30.

⁶² Ibidem, p. 29.

moradores. É sua marca, como destaca em seu texto clássico, o historiador Henri Lefebvre:⁶³ “[...] as cidades no seu conjunto são centros de vida social e política onde se acumulam não apenas as riquezas como também os conhecimentos, as técnicas e as obras (obras de arte, monumentos)”. Isso é fundamental no caso da cidade de Olinda, cujo acervo arquitetônico é precioso, porque documenta a própria história do país.

Vale destacar aqui, com a intenção de entender as forças que estão presentes neste conjunto que envolve a realidade social, cultural, histórica e psicológica, as especificidades da subjetividade humana. O comportamento humano em todas as cidades é marcado pelo conjunto de seus desejos, afetos, sonhos, impulsos, criatividade, fantasias e emoções. Estão aí fusionadas as pulsões de vida e de morte, tanto as sublimadas pela arte, pela ciência, pela cultura, como destaca o autor citado, como toda gama de impulsos, instintos e paixões latentes nos homens, que Sigmund Freud, em 1915, descreveu muito bem em seu texto já citado: *Os Instintos e suas Vicissitudes*. A civilização exige a repressão ou a sublimação dessas forças primitivas do homem — as pulsões, no interesse do bem-estar coletivo — e exige os modelos de condutas socialmente aceitos. As pulsões, assim nomeados os instintos humanos, são forças poderosas, tanto conscientes como inconscientes, que necessitam de liberação, sublimação e catarse, como destaca Park:⁶⁴

A civilização, no interesse do bem estar comum, requer algumas vezes a repressão, e sempre o controle, dessas disposições naturais [...] É nesse ponto que funcionam o esporte, a diversão e a arte. Permitem ao indivíduo se purgar desses impulsos selvagens e reprimidos por meio de expressão simbólica. E esta catarse de que Aristóteles escreve em sua Poética, e à qual têm sido dadas significações novas e mais positivas pelas investigações de Sigmund Freud.

Assim foram se constituindo os primitivos agrupamentos humanos e no decorrer dos séculos foram surgindo as vilas, as aldeias, as cidades, e mais recentemente as grandes cidades intituladas de metrópoles e megalópoles. O homem a constrói e a cidade revela o que o homem é capaz, tanto para o bem como para o mal. “A cidade é o espaço da história porque é ao mesmo tempo concentração do poder social que torna possível a empreitada histórica e consciência do passado.”⁶⁵

Como espaço da história, a cidade de Olinda, por ser uma das primeiras que foram fundadas no Brasil, está impregnada de fatos importantes da própria historiografia do país.

⁶³ LEFEBVRE, Henri. Industrialização e urbanização – noções preliminares. In: _____. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991. p. 3-27. p. 4.

⁶⁴ PARK, 1916, p. 65.

⁶⁵ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 116.

Sua principal característica é a beleza de sua monumentalidade e localização. Uma das vivências importantes dos olindenses é a convivência muito íntima com a beleza arquitetônica de seu patrimônio. O acesso é diário e a população freqüenta suas igrejas e monumentos e deles muito se orgulha. É uma das mais importantes cidades históricas brasileiras pela presença de seu acervo, o que atrai turistas de várias regiões, e pela excepcional posição geográfica, da qual se descortina bela paisagem com a vista do mar e de uma vegetação de intenso verde. Ao lado de Salvador e Ouro Preto, que ocuparam posição de destaque na história do Brasil Colônia, Olinda tem suas construções cercadas pelo verde exuberante da vegetação e por suas praias de mar azul.

Ao apresentar Olinda, parcialmente, podemos perceber algumas de suas características arquitetônicas e urbanísticas, como uma cidade típica do período colonial português. Eis a comparação de diversas cidades coloniais brasileiras, pela visão do geógrafo olindense Pedro Vasconcelos, que vem a ser o quinto filho do casal homenageado nesta tese:⁶⁶

Desse longo passado resultou também um patrimônio arquitetônico e urbanístico único nas metrópoles brasileiras, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, dando à paisagem do centro histórico de Salvador um “ar de família” das cidades de origem portuguesa [...] Só encontramos um conjunto arquitetônico e urbanístico semelhante em cidades menores como Ouro Preto e Olinda, ou numa capital como São Luis do Maranhão, que não tem o *status* de metrópole como Salvador.

2.1 ORIGEM DO NOME DA CIDADE DE OLINDA

Como surgiu o significante “Olinda”, nome da cidade, como foi escolhido e por quem. Vamos destacar os aspectos históricos e mitológicos desta nomeação e como isso foi veiculado imaginariamente entre seus filhos, através das gerações, constituindo os mitos fundadores da cidade de Olinda, com os quais os olindenses se identificam.

Antes da chegada do português colonizador, a região do atual Estado de Pernambuco era habitada por uma população indígena que tinha o domínio do território, no qual existiam as primitivas aldeias dos Tabajaras e dos Caetés. Sua antiga denominação mostrava esta particularidade. Chamava-se *Marim*, palavra supostamente de origem indígena, corruptela de

⁶⁶ VASCONCELOS, Pedro. *Salvador: transformações e permanências (1549-1990)*. Ilhéus: Editus, 2002. p. 13.

“Mirim”, que segundo o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre,⁶⁷ pode estar ligada à idéia de pequeno ou pequena, ou derivada de “Barim”, que significa coxo, numa referência a Duarte Coelho, donatário da Capitania de Pernambuco, que em luta com os indígenas teria sido ferido numa perna e mancava. “Marim seria a vila do coxo”.⁶⁸ Há ainda uma outra versão para o nome *Marim*, ligada a *Mayr*, que seria a expressão usada pelos indígenas para denominar os franceses. Vejamos o que indica Vanildo Cavalcanti,⁶⁹ apoiado em Adolfo de Varnhagem, em seu estudo sobre Olinda: “[...] o nome Marim ou Mar-y, que primitivamente tinha a aldeia que depois cedeu a Olinda o posto, queria com o dizer ‘Água ou Rio dos Franceses’; e denuncia-nos que foram os mesmos franceses os primeiros que aí se estabeleceram.”

Gilberto Freyre⁷⁰ destaca que o historiador Adolfo de Varnhagen havia questionado esta origem mítica do nome Olinda, porque ele “[...] limpa de toda imaginação poética e de toda tradição popular sugerir que o nome de Olinda venha de alguma quinta, casa ou burgo de Portugal”. O autor assinala assim em seu texto:

Qualquer das origens sugeridas para o nome de Olinda me parece que tem seu quê de poético – mesmo a que oferece o prosaico Varnhagen. Afinal dar-se ao lugar onde se vai levantar uma vila no Brasil de 1500 o velho nome de uma freguesia, de uma casa ou de uma quinta de Portugal é prova de muito bom sentimento e de apego saudoso à casa antiga ou ao sítio pequeno que se deixou em busca de fortuna ou glória nos ermos da América [...] Se o nome de Olinda tiver sido expressão de lirismo não de um galego qualquer vagando entre os cajueiros da praia, mas do próprio patriarca da colonização portuguesa desta parte da América, o qual tendo lido a novela famosa se apaixonara pela figura e pelo nome da heroína? Olinda talvez seja isso um nome de mulher.⁷¹

O fato é que *Marim*, primeira nomeação dada à região, seria uma palavra antiga, vinda dos árabes e tem o sentido de fortificação à beira do mar. Não há entre os estudiosos um consenso em relação à origem da nomeação *Marim* dada à antiga vila, nem à origem do nome Olinda. Para Gilberto Freyre,⁷² a versão do frei Vicente do Salvador,⁷³ que escreveu sua *História do Brasil* em 1627, não concorda com a de Adolfo de Varnhagen, autor da *História das Lutas com os Holandeses no Brasil, desde 1624 a 1654*, que defende a idéia de que a denominação *Olinda* teria origem em Portugal, associando o nome ao de alguma quinta ou

⁶⁷ FREYRE, Gilberto. *Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 4.

⁶⁹ CAVALCANTI, Vanildo. *Olinda do Salvador do mundo*. Recife: ASA Pernambuco, 1986. p. 13.

⁷⁰ FREYRE, op. cit., p. 3.

⁷¹ *Ibidem*, p. 4.

⁷² *Ibidem*.

⁷³ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil (1500-1627)*. São Paulo: Melhoramentos, 1954. Apud FREYRE, Gilberto. *Olinda: 2º guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

mesmo a um burgo português. O nome Olinda também estaria ligado ao de uma personagem de uma novela do autor português Amadis de Gaula, muito popular na época.

Há uma longa tradição romântica de se atribuir o nome de Olinda a Duarte Coelho, seu fundador, ou a um seu criado próximo, posição defendida pelo frei Vicente do Salvador e aceita pela população, pois está impregnada em seu imaginário e em sua memória, sendo motivo de orgulho e traço identitário dos olindenses. Conta a lenda que este caminhava no meio do mato à procura de uma localização para se estabelecer, e encontrou, no alto de uma colina, um sítio privilegiado para erigir sua vila e assim nomeou Olinda, em função da beleza do lugar, de onde se descortina uma linda paisagem dos arredores, com uma visão privilegiada do mar e da vegetação. Eis como reza a tradição:

Diz-se que foi assim: eu “hum Gallego criado de Duarte Coelho [...] andando com outros por entre o matto buscando o sitio em que se edificasse [a vila], achando este que he em hum monte alto, disse com exclamação de alegria: Olinda!” Foi esta a tradição que frei Vicente do Salvador recolheu nas notas de História do Brasil que acabou de escrever em 1627 [...] o beneditino Dom Domingos de Loreto Couto e, depois dele, o inglês Southey, afirmam, em seus escritos, que foi o próprio Duarte Coelho, primeiro donatário de Pernambuco, que exclamou diante do monte: “Olinda situaçam para se fundar huma villa” Oh linda teria se aquietado em Olinda.⁷⁴

Seu nome, na memória popular, está ligado a uma exclamação, referida à localização para se fundar uma vila: *Oh! Linda*. Teria sido esta a origem de seu nome. Olinda, de fato, tem uma situação geográfica privilegiada e foi construída inicialmente em cima das sete colinas, debruçando-se na beira do mar, rodeada por uma vegetação tropical que descortina uma linda paisagem de seu entorno.

É importante perceber que está em jogo aqui a memória social dos moradores de Olinda em relação à origem do nome da cidade, como nos aponta a filósofa brasileira Marilena Chauí,⁷⁵ em relação a esta questão: “[...] o nome da cidade é fixado pela população através da memória social ou histórica através dos mitos fundadores, passados através de relatos, registros, depoimentos, testemunhos, através das gerações.” Para os olindenses não há dúvida de que Olinda vem da beleza do lugar, e isto é repetido como uma cantilena pelos guias-de-turismo mirins, ao relatar a história de Olinda para os turistas que visitam a cidade, como apresentamos no texto transcrito no Capítulo 1.

⁷⁴ FREYRE, 1968, p. 3.

⁷⁵ CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995. p. 129.

Como muito bem observa Leonardo Dantas Silva,⁷⁶ o ditado popular resume o sentimento dos olindenses por sua cidade: “[...] tudo serve para explicar o que há no nome: Olinda. Os olindenses, porém, a exemplo dos seus avós, têm uma explicação própria para todo esse feitiço que toma conta de quem a conhece: *Quem não viu Olinda, não amou ainda!*”

Assim está situada a cidade de Olinda: é um município do Estado de Pernambuco, região nordeste brasileira, localizado a seis quilômetros da cidade de Recife, atualmente capital do estado. Possui área total de 40,83 km², da qual 34,54 urbana e 6,29 rural. O Sítio Histórico compreende uma área de 10,04 km². Limita-se ao Norte com o município de Paulista, ao Sul com o município de Recife, a Leste com o Oceano Atlântico e a Oeste com os municípios de Paulista e de Recife.

Está situada a 8°0′35″ (oito graus, zero minuto e trinta e cinco segundos) de latitude sul e 34°5′4″ (trinta e quatro graus, cinco minutos e quatro segundos) de longitude oeste de Greenwich, coordenadas de seu observatório no alto da Sé. Suas colinas têm apenas algumas dezenas de metros de altitude: 56 metros no alto da Misericórdia, 54 metros na base da caixa d’água (alto da Sé), 58 metros no pátio da igreja N. Sa. do Monte. O ponto culminante do município está afastado da cidade, no Monte Berenguer, com 72 metros de altitude, no vértice.⁷⁷

Sua situação possibilitava um acesso fácil da população, uma vez que as colinas são suaves, e isto facilitou o início de seu povoamento nesta parte alta da cidade. Percebemos no nome Olinda os tons poéticos, líricos e românticos sobre sua nomeação e é esta origem fortemente cultivada pela população olindense em relação à origem do nome com que a cidade foi batizada e com a qual se identificam. Mas esta localização estava muito exposta ao olhar de cobiça dos estrangeiros, principalmente os europeus que nos séculos XVI e XVII investiam nesta região em busca de suas riquezas naturais.

A cidade em que se viveu está também nos registros das lembranças, pelas memórias das passagens nela vividas, quer no âmbito individual, quer no âmbito das relações sociais, possibilitando a construção de uma identidade que faz parte da subjetividade de cada um que constrói esta cidade, com base nos vínculos com ela desenvolvidos. Conforme destaca Catarina Oliveira,⁷⁸ em seus textos sobre a cidade:

Compreendemos como as pessoas conferem memória aos lugares do território que habitam, constroem representações do tempo e do passado e definem a sua identidade [...] A forma como o homem no decurso do tempo encarou os vestígios

⁷⁶ SILVA, Leonardo Dantas. Olinda o que há no nome. *Revista Continente - Documento*, Recife, Ano, IV, n. 42, p. 4-7, 2006a. p. 7, grifo do autor.

⁷⁷ NOVAES, 1990, p. 9.

⁷⁸ OLIVEIRA, Catarina. *Lugar e memória: testemunhos megalíticos e leituras do passado*. Lisboa: Colibri, 2001. p. 110.

materiais de tempos longínquos e os articulou na sua memória coletiva, imaginário, tradição oral e necessidades cotidianas e a sua significância no quadro de uma interpretação histórica e antropológica.

Quais são então as representações que os olindenses constroem de sua cidade, lembradas nos processos de rememoração, que nos revelam os laços afetivos e identificatórios com a cidade? Isso nos leva a seguinte questão: como os olindenses hoje vêem sua cidade e como se sentem os que lá vivem? Vejamos como os olindenses foram formando sua visão e sua realidade da história social, cultural e dos aspectos psicológicos em relação à cidade em que viveram, quais os aspectos subjetivos e emocionais mais marcantes na construção de sua identidade e em sua relação com a cidade de Olinda.

2.2 O QUE SIGNIFICA “SER OLINDENSE”

Ao ouvir as entrevistas realizadas em Olinda, com olindenses, é possível destacar o que eles pensam sobre a formação de sua própria identidade cidadina, quando cada um nos responde o que é “ser olindense”. Chama atenção a presença pregnante de algumas expressões que se tornaram recorrentes ao cabo da realização do trabalho de campo, no qual documentamos os relatos orais. Ao falar de sua cidade, estão também falando de si; são sentimentos de pertencer que aí são revelados. Não apenas a cidade é vista como um espaço pessoal e uma referência de sua vida, mas também os aspectos subjetivos de suas identificações. São suas lembranças e seus afetos que mais estão presentes na descrição do que significa “ser olindense”.

É o sentimento de identificação narcísica, que leva a que cada um construa uma representação da cidade, com um grande investimento libidinal presente frente a um objeto amoroso. Os discursos revelam os afetos, nessa relação sujeito-espaço-cidade. O espaço é percebido como algo pessoal, e as falas, nos discursos, implicam em algo do sujeito. Falam da cidade como se falassem de si mesmos, os ganhos, as perdas, as conquistas, as melhoras, o desenvolvimento da cidade, como algo em que não são apenas espectadores, mas autores e atores. Os qualificativos escolhidos para ilustrar a relação com sua cidade natal são sempre adjetivos que revelam um “apaixonamento”; estão sempre colocados no superlativo, revelando uma percepção exacerbada dos encantos da cidade, como se ela fosse idealizada e fruto de seus sonhos e desejos. Estas descrições têm as cores dos afetos. Afinal o que significa “ser

olindense” para os depoentes que nasceram e ou vivem na cidade, e como descrevem a relação que desenvolveram com sua cidade, começando com Alexandre Alves Dias:⁷⁹

Primeiro eu me atrevo a me dar o título de olindense, por adoção, por ter vivido tanto tempo aqui, mas, ao mesmo tempo, ter me apegado à cidade. Eu gosto muito daqui; eu sofro com a idéia de precisar sair e me mudar, apesar de ter morado dois anos em Lisboa, ter conhecido outras cidades daqui do Brasil e de ter a certeza que eu posso viver em qualquer outro canto, porque ainda existem lugares que são tão apaixonantes como Olinda. Mas assim adotei essa cidade como minha, já que ela me recebeu tão bem, porque é gratificante viver aqui, apesar dessas dificuldades, por ser uma cidade histórica, e de ter suas restrições, mas você tem que ter em mente, que Olinda é uma cidade de 1537, e foi planejada, foi montada e foi estruturada com uma idéia do que havia da tecnologia do material e do imaterial de 1537.

Podemos observar ainda o que, em sua narrativa, destaca como da ordem do afeto, como o sentimento de algo que é “apaixonante”:

Ela é apaixonante! O fato de tudo isso que Olinda é, apenas em chegar aqui, que já é uma consequência da própria história dela, é ela ser aconchegante. Olinda é aconchegante! Ela tem os seus momentos de extrema desordem, mas que fazem parte do calendário, que é o carnaval, tirando um vizinho ou outro que perturbe um pouco, mas no geral é esse sossego que ela tem, é muito gostoso.

Neste relato, os qualificativos escolhidos revelam toda uma gama de sentimentos identificatórios e afetivos para com a cidade que o acolheu e na qual vive a vida. Estas descrições do dia-a-dia da vida da cidade, ao mesmo tempo em que nos revelam a cidade de Olinda contemporânea, sempre está nos conduzindo para uma história de Olinda de outras épocas, da época de sua fundação, que já abrange 475 anos. São, portanto, quase cinco séculos da história do Brasil que ali estão reunidos.

Destacamos aqui os significantes privilegiados “apaixonante” e “aconchegante” que implicam em qualificativos que o depoente escolhe para ilustrar seu sentimento para com a

⁷⁹ Depoimento de Alexandre Alves Dias, 42 anos, Mestre em História, Pesquisador, Arquivista e Especialista responsável por toda documentação iconográfica do Arquivo Público Antonino Guimarães de Olinda. É professor e morador de Olinda, no Centro Histórico da cidade. Participou de pesquisa histórica sobre a cidade de Olinda, em Portugal, onde residiu por dois anos.

cidade de Olinda em sua descrição do que é “ser olindense”. *Apasionante*, no Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Ferreira⁸⁰ quer dizer: “Adj. Que apaixonava, prende, cativa; aliciante: problema *apaixonante*: enredo apaixonante; beleza apaixonante.” Quanto ao termo *Apasionar*, neste mesmo dicionário, encontramos a seguinte definição: “V. t.d. [de a+ paixão + ar] 1. Inspirar paixão a; despertar amor em; 2. Entusiasmar, exaltar, arrebatado; 3. Consternar, prostrar; 4. Gostar de; apreciar; 5. Encher-se de paixão, deixar-se dominar por sentimento profundo; 6. Encolerizar-se, irar-se enfurecer-se.”⁸¹ Encontramos ainda o termo *Apasionável*, que significa: “Adj. Capaz de apaixonar-se”.⁸² No Houaiss e Villar,⁸³ o termo *Apasionado* é assim definido: “adj. s. m. 1. que ou aquele que está dominado por paixão amorosa, por amor intenso e profundo; enamorado.” Ainda neste dicionário, encontramos o termo *Paixão*, que tem o seguinte significado: “s.f. 1. Sofrimento de Jesus Cristo na cruz; 2. Grande sofrimento; martírio; 3. Sentimento, gosto ou amor intenso a ponto de ofuscar a razão; grande entusiasmo por alguma coisa; atividade, hábito ou vício dominador.”⁸⁴

Trata-se do “apaixonamento”, da mais intensa manifestação afetiva e amorosa experimentada pelo ser humano; é sua expressão de investimento libidinal pelo objeto escolhido. Não se trata da razão, mas sim da emoção. Não se trata do intelecto, mas do coração. É, portanto, um sentimento profundo que a cidade desperta em seus cidadãos; no caso de Olinda, é descrito um sentimento de *amor apaixonado*. Por investimento libidinal entendemos, como nos aponta Sigmund Freud⁸⁵, uma carga de energia sexual e de afeto amoroso que o sujeito investe em seus objetos de desejo.

Um detalhe que chama a atenção é que além do intenso sentimento para com a cidade, Alexandre Alves Dias ainda descreve uma particularidade, própria a todos aqueles que nascem em Olinda, uma singularidade, portanto. Um traço identificatório, descrito como uma vivência pessoal, marcada por sua experiência cotidiana de andar pelas ladeiras de Olinda. Trata-se de uma particularidade que envolve o movimento do corpo, como um “jeito de corpo”, no próprio físico de seus moradores, que têm uma cadência especial no andar. Isso é moldado pelas subidas e descidas das ladeiras da cidade de Olinda. Mas vejamos como podemos fazer a leitura das palavras por ele escolhidas, que são significantes privilegiados para revelar seus sentimentos em relação a Olinda; como ele traz esta marca de identidade cidadina:

⁸⁰ FERREIRA, 1986, p. 136.

⁸¹ Ibidem, p.137.

⁸² Ibidem, p.136-137.

⁸³ HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 244.

⁸⁴ Ibidem, p. 244.

⁸⁵ FREUD, 1974c.

Eu acho que uma coisa que Olinda faz, o Sítio Histórico faz, é você criar certa maneira de andar meio mole, você tem que amortecer seus passos na subida e nas descidas das ladeiras. E então você ganha um molejo diferente de quem vive no plano. Eu ensino numa escola num outro subúrbio de Olinda, quando eu estou subindo a rampa, eu subo com um molejo como se eu estivesse nas ladeiras de Olinda e os alunos ficam olhando, porque eu balanço na vertical, normalmente o pessoal balança na horizontal. Um balanço pendular do mesmo jeito que eu acho diferente eles caminhar.

Portanto os sentimentos que marcam a identidade podem ser vários: tanto amorosos, hostis, apaixonados, odiados, ambivalentes, quanto podem ter outras colorações próprias à vida afetiva do sujeito humano. Isto revela a relação entre memória, história e identidade, na construção das representações sociais sobre o passado. Como diz Lucília Neves:⁸⁶

Na dinâmica da produção de documentos orais, a questão da identidade adquire, portanto, uma dimensão especial, traduzida pelo reconhecimento das similitudes e das diferenças, por meio do afloramento de lembranças e da construção das representações sobre o passado. Portanto, memória e História, presentes na produção de fontes orais, são também processos cognitivos, através dos quais a identidade de sujeitos históricos pode ser mais bem conhecida e analisada como integrante da trama constitutiva da história.

Dayse Silva Correia⁸⁷ revela-nos seus traços identitários e seus sentimentos amorosos em relação à cidade de Olinda, pelo sentimento de “orgulho”.

Pra mim é um orgulho, eu gosto de ser olindense, eu nasci em Recife, mas me considero olindense. Porque eu conheço Olinda de ponta a cabeça; eu conheço tudo que se fala de Olinda, todos os bairros, todos os lugares, tudo, freqüentando como se fosse minha casa. Tenho orgulho da cidade, dos detalhes, pelo fato da história que é muito marcante, é gratificante. Assim a gente se orgulha por ela ter história, ter sido invadida pelos holandeses que sempre vão contando para a gente, teve igrejas em Olinda que foram queimadas, isso marca, e a gente que estuda lá é comum saber tudo isso. Pra mim é um orgulho ser olindense; eu não digo que sou recifense não, eu digo que sou olindense.

⁸⁶ NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. *História Oral: Revista da Associação Brasileira da História Oral*, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 109-116, jun. 2000. p. 110.

⁸⁷ Dayse Maria da Silva Correia, 29 anos, é moradora do bairro de Ouro Preto, em Olinda, desde a idade de um ano e três meses. Trabalha como recepcionista em hotelaria em Recife, no Bairro de Boa Viagem. Sempre morou em Olinda, no bairro de Ouro Preto. Tem curso universitário de Pedagogia não concluído. Tem um filho.

O sentimento aqui revelado pela olindense também é exacerbado, mas implica um estado de exaltação das qualidades do sujeito que se misturam com os sentimentos pela cidade e está mesclado pelo fato de Olinda ser uma cidade histórica. Vejamos como está no Dicionário o verbete *orgulho*: “S. m. 1. Sentimento e dignidade pessoal; brio, altivez; 2. Conceito elevado ou exagerado de si próprio; amor-próprio demasiado; soberba; 3. Aquilo ou aquele(s) de que(m) se tem orgulho.”⁸⁸ E *orgulhar*: “V. t. d. Causar orgulho a; ensoberbecer; 2. Sentir orgulho ufanar-se.”⁸⁹ No Houaiss e Villar⁹⁰, o termo *orgulho* significa: “s.m. 1. Sentimento de prazer, de grande satisfação sobre algo que é visto como alto, honrável, creditável de valor e honra; dignidade pessoal, altivez.”

Por orgulho podemos entender um intenso sentimento narcísico, de investimento libidinal egóico, que implica uma leitura das fases iniciais de organização psíquica, em que o “Eu” é percebido como perfeito ou idealizado. O orgulho é poder ver sua cidade como a melhor, a mais bonita, a que mais acolhe e, principalmente, a mais, a amada, quase amante. Não se trata de uma descrição realística da cidade, com suas belezas e também com seus problemas, com suas ofertas e suas carências e limitações. É sempre um sentimento idealizado de intenso teor afetivo, com um colorido ufanista e um bairrismo acentuado, revelador de amor a sua cidade. É neste afeto que há o reconhecimento não só da cidade, mas, e principalmente, de si mesmo, da identificação ao significante *olindense*. É como se revelasse: é isto que é minha cidade, ou é isto que eu sou, é isto que eu gostaria de ser!

O depoimento de Ronaldo Almeida Filho⁹¹ mostra que o orgulho de ser olindense está relacionado ao sentimento de prazer, revelando alguma coisa de uma experiência de ordem sensorial e hedonista na relação com a cidade e em sua descrição da maneira de ser do povo olindense:

Não vou dizer orgulhoso, que eu não gosto desta palavra, mas é prazeroso ser olindense. Eu, inclusive, apesar de não ter nascido aqui, eu nunca digo que não sou olindense, que não sou pernambucano; eu tenho o espírito do povo daqui. O olindense é alegria, é batalhador, é um povo amigo, sabe receber as pessoas e tem o espírito do carnaval, que todo olindense tem: gosta muito do carnaval.

⁸⁸ FERREIRA, 1986, p.1233.

⁸⁹ Ibidem, p.1233.

⁹⁰ HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2080.

⁹¹ Ronaldo Guimarães de Almeida Filho, 44 anos, profissional autônomo, faz manutenção de equipamentos elétricos e eletrônicos na cidade. Morador de Olinda no Bairro Novo desde os três anos, é grande conhecedor da cidade e de seus bairros. Participa das atividades de lazer, esportivas e culturais que a cidade oferece. Pratica ciclismo.

O orgulho é o traço mais presente e marcante dos olindenses em sua identificação com a cidade, tornando-se isso uma questão subjetiva, porque se trata de um elemento que valoriza o olindense, enriquecendo sua própria auto-imagem e auto-estima, confirmada nas várias narrativas sobre a relação do olindense com sua cidade. Rosa Assis dos Santos⁹² nos traz a idéia de seu sentimento:

É um orgulho! Eu já fui à Europa e quando eu dizia [que era de Olinda] as pessoas ficavam mais interessadas. É uma cidade histórica, dá a impressão que a gente também é muito importante. Eu amo esta terra, ela é maravilhosa! Olinda é uma cidade que me faz ter várias idéias; ela é mágica, foi colonizada pelos portugueses, tem praias, tem rios, tem montanhas; ela tem um verde maravilhoso, tem a “mata de passarinhos” que é realmente fantástica!

Percebemos que há uma recorrência aos significantes *orgulho*, *apaixonado*, *maravilhosa*, para descrever a cidade de Olinda, que é trazida como a cidade mágica, dos sonhos, perfeita, ideal aos olhos de seus moradores; não uma cidade vista com os olhos da realidade, mas sim de um imaginário enriquecido pelos sentimentos que ela desperta. Para Rosa Santos, a cidade desperta sua criatividade.

Como é “ser olindense” para Sueli Silva de Lima,⁹³ confirma os dados que vamos recolhendo. Para ela, Olinda revela-se assim:

Eu gostaria muito de ter nascido nesta cidade gostosa demais, maravilhosa, apesar de todo lugar ter suas faltas, falta isso falta aquilo, mas, em compensação, Olinda, não tenho nem palavras para falar o que ela representa, é maravilhosa! Maravilhosa, por causa da paisagem, do mar, das casas antigas. Você subir a Sé e olhar lá de cima para baixo, você vê o mar, as casas, e o Recife, que parece miniatura; a gente parece que está tocando; é para fazer um cartão postal lá de cima, é maravilhoso! Quem mora em Olinda e não conhece a Sé, realmente não conhece Olinda.

⁹² Rosa Maria Assis dos Santos, 26 anos, funcionária pública da Prefeitura de Olinda, moradora do bairro Tabajara, na zona norte da cidade, já trabalhou com pesquisa, com projetos comunitários e produção cultural, nos diversos bairros populares periféricos e tem contato com seus moradores.

⁹³ Sueli Silva de Lima, olindenses, 28 anos, filha de pai pedreiro já falecido e mãe lavadeira. É empregada doméstica em Olinda, no Sítio Histórico, e residente na Favela V-8, no Varadouro, bairro do Centro Histórico de Olinda.

Ou de uma forma mais explícita, como nos aponta Adilson de Almeida Vasconcelos,⁹⁴ trazendo também a palavra “maravilhosa”, já usada por outros depoentes, para descrever seu sentimento e a relação para com sua cidade, principalmente seu Sítio Histórico:

Era uma vez uma cidade maravilhosa – a melhor do mundo (ou a única existente) para nós. Recife estava ali ao lado, mas não seria uma “cidade” tal como Olinda era vista e sentida por nós. Recife roubou de Olinda a condição de capital de Pernambuco. Morar mesmo era em Olinda e ser olindense é ser olindense [...] Às vezes eu me pego respondendo à pergunta: você é de Pernambuco, ou você é pernambucano, e eu respondo, “não, sou olindense”. Acho que é diferente, acho que é um privilégio. Quando falo olindense, falo daquele que nasceu e cresceu na Olinda das ladeiras, das igrejas, do carnaval de rua, pois os bairros novos, inclusive o Bairro Novo, são tão não-olindenses, quanto Recife o é.

Marília Didier Oliveira Lima⁹⁵ observa que a cidade exerce uma atração e dá uma tonalidade diferente para seus moradores: “Eu acho que ser olindense é muito *charmoso*. Eu não sou, mas como eu me considero, acho que Olinda, se fosse um pouquinho mais trabalhada, seria um trunfo para o desenvolvimento do próprio Estado. A cidade é cultural.” Destacamos também o depoimento de Sandra Maria Maia e Silva,⁹⁶ no qual observamos como se costuram os fios da meada da história antiga da cidade com a recente, e como isto está interligado aos sentimentos pessoais sobre a cidade que data do período colonial, seus aspectos históricos e sua preservação. A seguir, sua representação sobre a cidade de Olinda:

Representa para mim ser olindense é participar dessa história toda de Olinda, estar inserida na história religiosa, social cultural, é isso que representa para mim, é fazer parte desse manancial, toda essa complexidade que Olinda oferece, essa riqueza. Acho que é isso. Assim que me identifico com ela nesses aspectos religiosos. Ela representa para mim isso: a presença de Deus na presença real daqueles que serviram a Deus aqui na terra. Eu acho que todos os seres humanos têm essa vontade

⁹⁴ Adilson de Almeida Vasconcelos, olindense, 64 anos, economista e advogado, filho da família olindense retratada na Homenagem prestada nesta Tese e residente em Brasília. Tem quatro filhos. Possui uma memória privilegiada sobre os fatos e acontecimentos vividos na cidade de Olinda, onde morou grande parte de sua vida.

⁹⁵ Marília Didier Oliveira Reis, 32 anos, Arquiteta e artista plástica, filha de empresário de hotelaria em Olinda, residente em Recife. Tem seu ateliê em Olinda, no Centro Histórico da cidade.

⁹⁶ Sandra Maria Maia e Silva, 41 anos, olindense, secretária, funcionária pública de Olinda, católica praticante, participa dos movimentos religiosos assistenciais e de catequese, em igrejas de bairros periféricos de Olinda.

de ouvir a voz de Deus, a voz do Senhor, a voz de Deus. Então me atraiu muito por isso, a vida religiosa.

Este depoimento evidencia uma particularidade em relação à vivência como olindense, indicada pela palavra *participar* que, como verbo, nos remete à dimensão da ação, movimento, atuação e revela a inserção da moradora nos movimentos religiosos da cidade. No caso particular deste depoimento, trata-se de relação com a religião católica e seus aspectos de transmissão, tal como foi trazida pelos primeiros padres jesuítas que chegaram aqui com a missão de catequizar e evangelizar a população, trazendo a idéia de salvação eterna.

A única depoente que traz um traço particular e diferenciado em relação ao olindense e que vale ser destacado é Roziane Bernardo de Holanda,⁹⁷ que aponta o caráter reservado, desconfiado, enfim, *arisco* e *fechado* dos olindenses.⁹⁸ Seu relato mostra um contraponto com a idéia muito presente nas informações apresentadas e também trazidas pela depoente, em que o olindense é visto como muito *acolhedor*. Significantes privilegiados, são contraditórios por trazerem exatamente uma visão ambivalente nas relações do olindense com o outro, principalmente com o não-olindense, o de fora da cidade:

A cidade que eu nasci, para mim eu acho tudo de bom, eu acho que estou acostumada com meu mundo. Quando eu conheço outra cidade, acho que estou perdida, acho que eu gosto muito de Olinda. O que mais caracteriza o olindense, é que ele é meio arisco; para ver uma pessoa de fora e se chegar, demora. É mais fechado. Mais ele é muito acolhedor, é um traço também.

Para finalizar a exposição sobre a relação e a identidade do olindense com sua cidade, o que quer dizer, “ser olindense”, transcrevemos trechos de um artigo de Frederico de Almeida Vasconcelos,⁹⁹ jornalista olindense, que vem a ser o terceiro filho do casal protagonista da história apresentada na Homenagem,¹⁰⁰ em que aparece bem claramente essa relação amorosa, o orgulho e a identidade do olindense em relação a sua cidade.

⁹⁷ Roziane Bernardo de Holanda Ribeiro, olindense, 39 anos, geógrafa e pedagoga, funcionária pública da Secretaria de Educação de Olinda, é moradora do Sítio Histórico da cidade, onde vive com seus filhos.

⁹⁸ Esta é uma característica dos pernambucanos em geral que os outros consideram.

⁹⁹ VASCONCELOS, Frederico. Olinda é mais bonita vista do mar ou das janelas dos conventos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, Caderno de Turismo, p. 7-11, 6 out. 1997.

¹⁰⁰ Cf. elementos pré-textuais desta Dissertação.

A primeira aproximação de Olinda deveria ser, sempre, pelo mar. Roteiro sentimental é escolha de foro íntimo, mas é a partir do mar que a cidade surge mais bela. É só conferir nas gravuras de Franz Post ou nas vistas que Rugendas eternizou [...] Conhecer Olinda não carece da companhia de guias ou roteiros. É só fazer a ligação entre as igrejas e confirmar como eram espertos os primeiros ocupantes: os jesuítas, beneditinos, franciscanos e carmelitas, todos souberam conquistar os espaços mais belos, no alto. É das celas dos mosteiros e conventos que se descortina a melhor paisagem litorânea [...] São circunstâncias como essas que alimentam, mesmo à distância, a mania besta de todo olindense de achar que somos parte daquele patrimônio da humanidade.

Em relação à origem do nome e dos sentimentos de amor à cidade de Olinda, os relatos dos depoentes revelam seu orgulho por suas características, como uma das mais importantes cidades históricas do país e pelo rico acervo monumental preservado. Ao lado disso há a beleza natural advinda de sua localização geográfica, que é muito destacada por seus moradores depoentes. Isto se mantém desde tempos remotos, como podemos observar na visão do historiador pernambucano Leonardo Dantas Silva¹⁰¹, que assim fala de Olinda:

Na essência de Olinda, naquela de outrora e na atual, está o *orgulho* de quem nela mora, a alegria de desfrutar de uma atmosfera particular, de uma ambiência que promove a convivência e propicia a conexão – entre vizinhos e turistas, entre foliões e os residentes, entre a cidade como existe e o que dela se constrói..

Temos ainda a descrição de Olinda, pela historiadora Rita de Cássia de Araújo,¹⁰² já citada, que assim a percebeu:

Olinda se oferecia aos olhos dos contemporâneos como um poema de luz e cor, e todos, poetas, literatos, intelectuais, escritores e jornalistas, profissionais e amadores, iam ao seu sítio em busca de inspiração. À beleza da paisagem, somava-se a densidade histórica do lugar, inscrita nas pedras, nas ladeiras e edificações, de cuja força era impossível escapar.

Destacamos ainda como importante, além dos significantes retirados dos depoimentos, as palavras que se encontram em duas estrofes dos versos do Hino de Olinda, que tem letra de Themístocles de Andrade e música de José Lourenço da Silva (Capitão Zuzinha). Nele aparece o significante *beleza*, citado duas vezes, e é identificado como *artista* o fundador e colonizador da cidade, que vem a ser o português Duarte Coelho Pereira, donatário da Capitania de Pernambuco. Seus versos revelam as belezas naturais da cidade, motivo citado pelos depoentes como central em seu mecanismo identitário.

¹⁰¹ VERAS, Luciana. A primeira capital brasileira da Cultura. *Continente - Documento*, CEPE Recife, Ano, IV, n. 42, p.37-55, 2006. p. 42, grifo nosso.

¹⁰² ARAÚJO, Rita de Cássia. *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007. p. 508.

Hino de Olinda¹⁰³

Olinda, cofre sublime
De brilhantes tradições,
Teu nome *beleza* exprime
E produz inspirações.

Olinda, tão sedutora,
Quanta *beleza* conténs !
Sendo assim merecedora
do lindo nome que tens.

De nossa brasilidade
Foste o berço singular!
No teu solo a liberdade
Nunca deixou de brilhar.

Olinda, honrando a memória
Do *artista* que te fundou,
Com ele reparte a glória
Que tua fama alcançou.

Que majestade suprema
Existe em tudo que é teu!
Tu és, Olinda, um poema
Que a natureza escreveu!...

Olinda és meu amor
Olinda foi Deus quem criou
Com tuas *belezas* mil
Olinda és história
Olinda és história da Brasil.

Recorremos também à letra do frevo canção de um dos blocos tradicionais do carnaval de Olinda, cuja imagem da cidade é cantada pelos olindenses durante o carnaval. Revela a beleza da cidade, exalta explicitamente a cidade e destaca o amor dos olindenses por ela. O bloco carnavalesco homenageado é o “Elefante” e o frevo canção intitulado *Homenagem a Elefante*, de autoria de Agenor Nascimento, também ilustra o sentimento de orgulho e vaidade dos olindenses pelas belezas de sua cidade.

Homenagem a Elefante¹⁰⁴

Me acordei de madrugada
Disposto a passear
Resolvi ir pra Olinda
Pra em sua praia me banhar
Encontrei um Elefante

¹⁰³ Hino Oficial da cidade de Olinda, de 1931, conhecido como Hino 12 de Março. HINO de Olinda. Disponível em: <http://www.olinda.pe.gov.br/portal/simbolos_municipais.php> Acesso em: 20 dez. 2007.

¹⁰⁴ “Agenor Nascimento, é um dos compositores que acredita muito no carnaval de cidade. No carnaval da velha cidade se inspirou para fazer duas composições que falam das principais agremiações de Olinda – ‘Pitombeira’ e ‘Elefante’.” ATAÍDE, José. *Olinda, carnaval e povo*. Olinda: 1900/1981. Olinda: FCSPHO, 1982. p. 130.

Com uma multidão
 Cantando em voz alta
 Esta linda canção.
 Olinda quero cantar
 A ti esta canção
 Teus coqueirais, o teu céu, o teu mar
 Faz vibrar meu coração
 A cantar
 Minha Olinda sem igual
 Salve o teu carnaval.

Destaco ainda a importância da cidade de Olinda para os olindenses e pernambucanos, principalmente em relação aos aspectos históricos, heróicos e libertários de seu povo, que aparece como a única cidade citada nos versos do Hino do Estado de Pernambuco. Isto demonstra todo o caráter cívico e ufanístico presentes em sua letra, que revela o “orgulho” e o “apaixonamento” pela terra, que apareceram também nos relatos e depoimentos dos olindenses sobre a cidade de Olinda e caracterizam igualmente sua identidade.

Hino de Pernambuco¹⁰⁵

I
 Salve ó terra dos altos coqueiros
 De beleza soberbo estendal!
 Nova Roma de bravos guerreiros!
 Pernambuco, imortal! Imortal!

Coração do Brasil, em teu seio
 Corre sangue de heróis rubro veio,
 Que há de sempre o valor traduzir,
 És a fonte da vida e da história
 Desse povo coberto de glória,
 O primeiro, talvez, no porvir!

II
 Esses montes e vales e rios,
 Proclamando o valor dos teus brios,
 Reproduzem batalhas cruéis.
 No presente és a guarda avançada,
 Sentinela indormida e sagrada,
 Que defende da pátria os lauréis!

III
 Do futuro, és a crença, a esperança
 Desse povo que altivo descansa
 Como atleta depois de lutar ...
 No passado o teu nome era um mito,
 Era o Sol a brilhar no infinito,
 Era a glória na Terra a brilhar!

IV

¹⁰⁵ Hino de Pernambuco, de 1908, de autoria de Oscar Brandão, música e letra de Nicolino Milano. TEIXEIRA NETO, 2004. p. 49, grifos nossos.

A República é filha de *Olinda*,
 Alva estrela, que fulge e não finda
 De esplendor, com seus raios de luz.
 Liberdade! Um teu filho proclama,
 Ante o Sol dessa Terra da cruz!

Se mito ou lenda a questão do nome da cidade e de seu passado de riqueza, o importante é que os moradores exaltam a cidade de Olinda. A população é “orgulhosa” e “vaidosa” de suas belezas. Isto mostra a maneira de ser do olindense, sua mentalidade, seu orgulho e vaidade por sua terra. Indicamos como já era percebido o espírito pernambucano, nesta curiosa passagem:

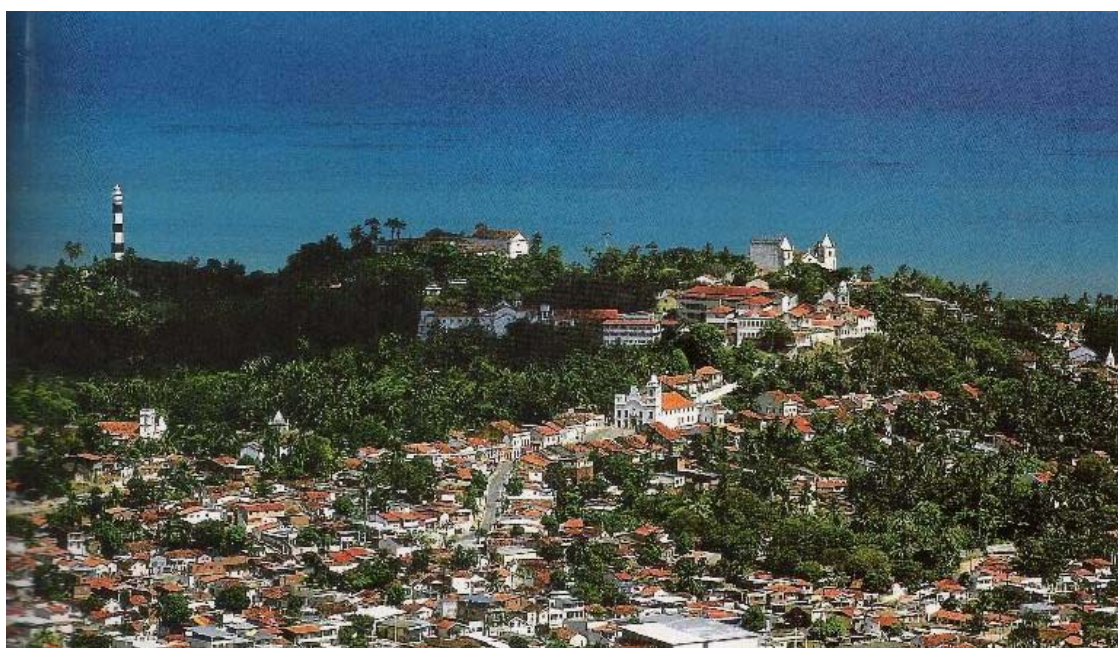
Atribuída a Dom Domingos Couto em seu “Desagravo do Brasil e Glória de Pernambuco” a seguinte classificação das mentalidades populares. No capítulo 21 intitulado “De plebe de Pernambuco” disse [...] Ao povo de Portugal chamam de insolente, ao de Castela, temerário, ao de França, furioso, ao de Alemanha, precipitados; e ao de Inglaterra, atrevido; e nós podemos dizer que entre o povo de todas as nações, o de Pernambuco se levantou com o título de *vaidoso*.¹⁰⁶

Vimos, nos depoimentos, como o olindense tem *orgulho* e é também *vaidoso* em relação a sua cidade. Olinda, portanto, desperta grandes amores em seus filhos que, além de amá-la apaixonadamente, apreciam suas belezas naturais ao lado das construções seculares, que criam um conjunto especial, na região de seu Sítio Histórico, que é muito destacado por seus moradores. Passaremos então a apresentar Olinda, através de imagens, para que a iconografia da cidade venha complementar as palavras dos olindenses, em suas descrições da cidade:

¹⁰⁶ CAVALCANTI, 1986, p. 310, grifo nosso.



Fotografia 5 – Vista do secular Mosteiro de São Bento¹⁰⁷



Fotografia 6 – Vista aérea panorâmica do Sítio Histórico de Olinda¹⁰⁸

¹⁰⁷ Datado de 1585. Imponente construção do período colonial, e um dos mais importantes conjuntos arquitetônico de Olinda, situado no Sítio Histórico. Foi sede dos primeiros Cursos Jurídicos do Brasil e mantém até hoje uma importante biblioteca com raros e preciosos documentos históricos da cidade. Ao fundo a proximidade com o mar e trecho da praia dos Milagres. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda.

¹⁰⁸ Ao centro, a Igreja de Nossa Senhora do Amparo e no alto a igreja da Sé, ladeada pelo Seminário e pelo Farol. Pode-se perceber, no seu entorno, o verde de sua vegetação em contraste com o azul do mar. Fonte: Coleção Colorfotos de Brasil. Foto Felix Richter. Editora Céu Azul de Copacabana. p. 33.



Fotografia 7 – Igreja da Sé, Seminário de Olinda e Igreja Nossa Senhora das Neves¹⁰⁹



Fotografia 8 – Vista aérea panorâmica de Olinda¹¹⁰

¹⁰⁹ Ponto mais importante do Sítio Histórico e ‘Coração da Cidade Alta’. Local onde foi iniciado o povoamento da cidade e um dos pontos mais visitados pelos turistas. A Igreja da Sé, em destaque, data de 1537. Ao fundo o Bairro Novo e suas recentes construções. Fonte: Coleção Colorfotos do Brasil, Foto Felix Richter. Editora Céu Azul de Copacabana. p. 34.

¹¹⁰ Vista centralizada pelo largo dos Quatros Cantos no Sítio Histórico. Vemos o desenho irregular de suas ruas estreitas e ladeiras, típicas das cidades construídas com influência da arquitetura portuguesa. Fonte: HOTEL POUSADA PETER. *Home Page*. Disponível em: <<http://www.pousadapeter.com.br/>> Acesso em: 9 jan. 2008.



Fotografia 9 – Largo do Amparo¹¹¹

¹¹¹ No primeiro plano, a Igreja do Amparo. Sítio Histórico de Olinda. Fonte: SILVA, Leonardo Dantas. Olinda: arruando por becos e ladeiras. *Revista Continente - Documento*, Recife, Ano IV, n. 42, p. 27-31, 2006b, p. 29.



Fotografia 10 – Antigo Paço dos Governadores e atual sede da Prefeitura Municipal de Olinda¹¹²

Após as imagens da cidade de Olinda, veremos, no próximo capítulo, como ficaram, na memória dos depoentes, os dados da história antiga da cidade, e quais os fatos mais marcantes apontados em suas lembranças. Vamos conhecer como a história da cidade foi veiculada pelas gerações, por meio da oralidade e como as representações imaginárias que os olindenses constroem pela memória sobre sua cidade podem ser assim reveladas.

¹¹² Construção do século XVII, no Sítio Histórico. Fonte: SILVA, 2006b, p. 31.

3 OLINDA, MEMÓRIA E ASPECTOS HISTÓRICOS

“Olinda,
Das perspectivas estranhas
Dos imprevistos horizontes.
Das ladeiras, dos conventos e do mar.”

Joaquim Cardozo



Figura 3 - Detalhe de Mapa¹

¹ Fonte: STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1989. (Coleção Afrânio Peixoto. v. 9.). Obra publicada em 1557. É uma das mais antigas representações alegóricas de Olinda. Ilustra os freqüentes ataques dos índios. Olinda, à esquerda, em destaque, é vista como uma cidade medieval encastelada e com muralhas. Podem-se observar os índios, a construção das aldeias indígenas cercadas pelas paliçadas e o destaque para os tipos de embarcações utilizados no início da colonização do Brasil. Fonte: PINA, André. *Transformações dos espaços de habitação do sítio histórico de Olinda*. 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. p. 60.

Para os olindenses, as lembranças sobre a história antiga de sua cidade permanecem na memória e no imaginário; são traços identitários que circulam oralmente geração a geração. Destacam-se, nas narrativas, as representações sociais sobre sua longa história e seu período colonial, principalmente as influências e as marcas deixadas pelos colonizadores portugueses, pelos holandeses que a invadiram e a ocuparam, também pelos índios, primeiros habitantes da terra, e ainda pelos negros escravizados. Isso é percebido nos relatos apresentados, principalmente em relação à transmissão da fé católica e de seus rituais, da cultura e dos costumes. Como isso foi transmitido através das gerações? Rosa Maria Assis dos Santos descreve sua cidade em seu depoimento, destacando, na história de Olinda, a importância da arquitetura e da infra-estrutura urbana que os portugueses trouxeram para a cidade, bem como sua localização:

Ela foi colonizada pelos portugueses e eles colocaram a infra-estrutura européia em muitas casas e as ruas são calçadas ainda da maneira européia; as ruas estreitas que ainda têm na minha memória, as senhoras sentadas nas portas conversando e isso dá um ar de interior, ao mesmo tempo, a um pulo do centro de Recife. Estamos dentro do Sítio Histórico, e bem próximo de outro centro, o de Recife.

Já Sandra Maria Maia e Silva percebe a história da cidade por sua relação com a religiosidade, algo muito pregnante em Olinda. Ressalta a importância da religião católica que os portugueses trouxeram para o Novo Mundo e divulgaram junto aos primitivos habitantes da região, os índios, e também junto aos negros. Importante destacar que os aspectos da evangelização católica permanecem até hoje e tiveram grande influência na formação da população brasileira e nordestina em particular.

Viver em Olinda é muito gratificante, você se reporta muitas vezes à história antiga da cidade; você revive, embora algumas coisas tenham mudado, mas esse ar, esse clima de religiosidade, é muito atraente como a gente vive aqui. A gente é católica praticante mesmo, acho que isso me liga muito à cidade de Olinda, a ponto de eu não querer sair dela. Isso me atrai muito; as igrejas, as ladeiras, as histórias dos santos, como chegaram aqui e toda essa tradição portuguesa, me atraem. A construção da civilização, a evangelização, a preocupação das pessoas conhecerem a Deus, toda essa cultura portuguesa que veio transformando toda a cidade. A Igreja, quanto à cultura religiosa católica nesta tradição, tudo me atrai.

O depoimento de Carlos Ivan de Melo² reflete também a influência da religiosidade católica na vida cultural e artística de Olinda, pela identificação com a fé trazida pelos portugueses colonizadores, por meio de sua vivência dos rituais religiosos e também profanos:

Então surgiu minha curiosidade por tudo que Olinda tem, principalmente na parte religiosa da cidade. Eu me criei num mundo de artes e no mundo cultural, principalmente no mundo da igreja. Daí surgiu a minha curiosidade pela parte decorativa, que me deixava fascinado. Eu ia às igrejas e via as pessoas ornamentarem os altares, ornamentarem as procissões, que é uma tradição trazida pelos portugueses colonizadores e que se perpetua aqui entre nós. É uma tradição da cidade.

Esses depoimentos instigam-nos a questionar como se deu a formação do Brasil, os aspectos culturais e religiosos dessa colonização portuguesa e a importância de Olinda nesse processo. Iremos rastrear a história da fundação de Olinda, inicialmente como vila e depois tornada cidade, durante o período do Brasil Colônia. É necessário voltar ao século XV, o chamado “Século dos Descobrimentos”, que vamos apresentar agora, para percebermos como se deram os acontecimentos que culminaram com a ocupação, pelos portugueses, do atual território brasileiro.

Antes de fazermos uma costura com os dados da historiografia clássica sobre a cidade de Olinda, ao entrarmos na história da chegada dos portugueses às terras do Novo Mundo, é importante observarmos algumas pinturas, como a apresentada acima, que nos legaram diversos artistas de várias nacionalidades que aqui estiveram e vão nos ajudar a entender a evolução de Olinda — sua ocupação e sua importância no período colonial. A iconografia permite-nos perceber os aspectos da geografia física da vila e sua localização geográfica que despertaram o interesse do português colonizador, ao escolher a região para a sede da capitania: colinas, istmo, rios e praias.

Com o “descobrimento” do chamado Novo Mundo, a partir de meados do século XV, ocorreram várias incursões exploratórias dos europeus ao sul do Oceano Atlântico, em direção à África e ao Oriente, com a intenção de expandir seus domínios territoriais. Registros históricos dão conta da presença do português e do espanhol nestas rotas. Os portugueses e espanhóis, aparando divergências, firmaram o *Tratado de Alcaçovas* (1479), estabelecendo princípios sobre demarcação de terras.³

² Carlos Ivan de Melo, 65 anos, membro da Academia de Letras de Olinda, intelectual, artista plástico, estilista, pesquisador e promotor de eventos culturais, especialista em decoração de andores e altares de igrejas e de procissões e de fantasias de blocos carnavalescos.

³ LIMA, Oliveira, *Descobrimento do Brasil*. In: LIVRO do centenário (1500-1900). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. v. III; MAGNOLI, Demétrio. *História da Paz*. São Paulo: Contexto, 2008.

Em 1481, o Papa Inocêncio VII apresentou a bula *Aeterni regis*, a qual dividia o mundo em dois hemisférios: o do norte, para a Coroa de Castela, e a do sul, para a Coroa Portuguesa. Ficava assim definido o domínio das terras descobertas e a descobrir. Subsistia ainda, nos fins do século XV, a tradição medieval da supremacia política da Igreja Católica, e o direito de dispor das terras e dos povos.⁴ Não foram poucas as dificuldades enfrentadas por Colombo para realizar seus projetos.

Em 1492, Cristóvão Colombo descobriu as terras americanas e reclamou oficialmente a América para Isabel, a Católica. Ocorreu uma crise diplomática, pois os portugueses acreditavam que a descoberta, de acordo com a bula papal, encontrava-se em terras portuguesas. Os reis espanhóis conseguiram do Papa Alexandre VI, em 3 de maio de 1493, a edição da bula *Inter Coetera*, que reconhecia a Castela a posse das terras e ilhas já achadas e as por descobrir a ocidente de um meridiano, que passaria a cem léguas a oeste das ilhas do Cabo Verde ou dos Açores. A nova bula continha falhas geográficas e políticas e não resolveu as pendências entre as duas coroas.⁵

As autoridades portuguesas e espanholas reuniram-se em Tordesilhas, uma pequena cidade na Espanha, e firmaram, em 7 de junho de 1494, o Tratado que levou o nome da cidade, que definia as áreas de domínio no mundo extra-europeu, dando a Portugal o direito de posse sobre a faixa de terra onde se encontrava o Brasil. Este Tratado estabeleceu que a Coroa Portuguesa ficaria com as terras localizadas a leste de uma linha de 370 léguas, traçadas a partir dos Açores e Cabo Verde. Para a Espanha, ficou estabelecido que seriam as terras que ficassem no lado ocidental desta linha. A ratificação pontifícia deste Tratado ocorreu em 1506, pelo Papa Júlio II. Em 1500, com a descoberta do Brasil, os portugueses expandiram seus domínios para o outro lado do Atlântico. A conquista do Novo Mundo estaria subordinada politicamente aos termos do Tratado de Tordesilhas.⁶

Preocupado com as notícias de contrabando de produtos e das incursões de franceses, ingleses e holandeses nas terras americanas, o rei João III de Portugal resolveu colonizar o Brasil pelo sistema de Capitânicas Hereditárias. O Brasil foi dividido em quinze lotes e doze capitânicas que partiam do litoral no sentido oeste, até encontrar a linha imaginária determinada no Tratado de Tordesilhas.⁷

Entre 1534 e 1536, D. João III procedeu à doação de doze capitânicas a nobres e fidalgos. A Coroa portuguesa expandiu, assim, para além da península ibérica, o exercício de seu novo poder. “A humanidade deve inegavelmente à Península Ibérica o grande sucesso do

⁴ LIMA, 1902.

⁵ Ibidem.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem.

devassamento dos mares, que caracterizou nos fins do Século XV o grande ciclo das navegações, cuja epopéia foi o desvendamento da América e da Índia.”⁸

O Mapa das Capitanias Hereditárias, a seguir, mostra com clareza, a distribuição das terras descobertas e a localização da Capitania de Pernambuco, cujo donatário, Duarte Coelho Pereira, estabeleceu Olinda como seu centro, uma das mais importantes vilas no período do Brasil colonial. Vejamos como se deu sua fundação:

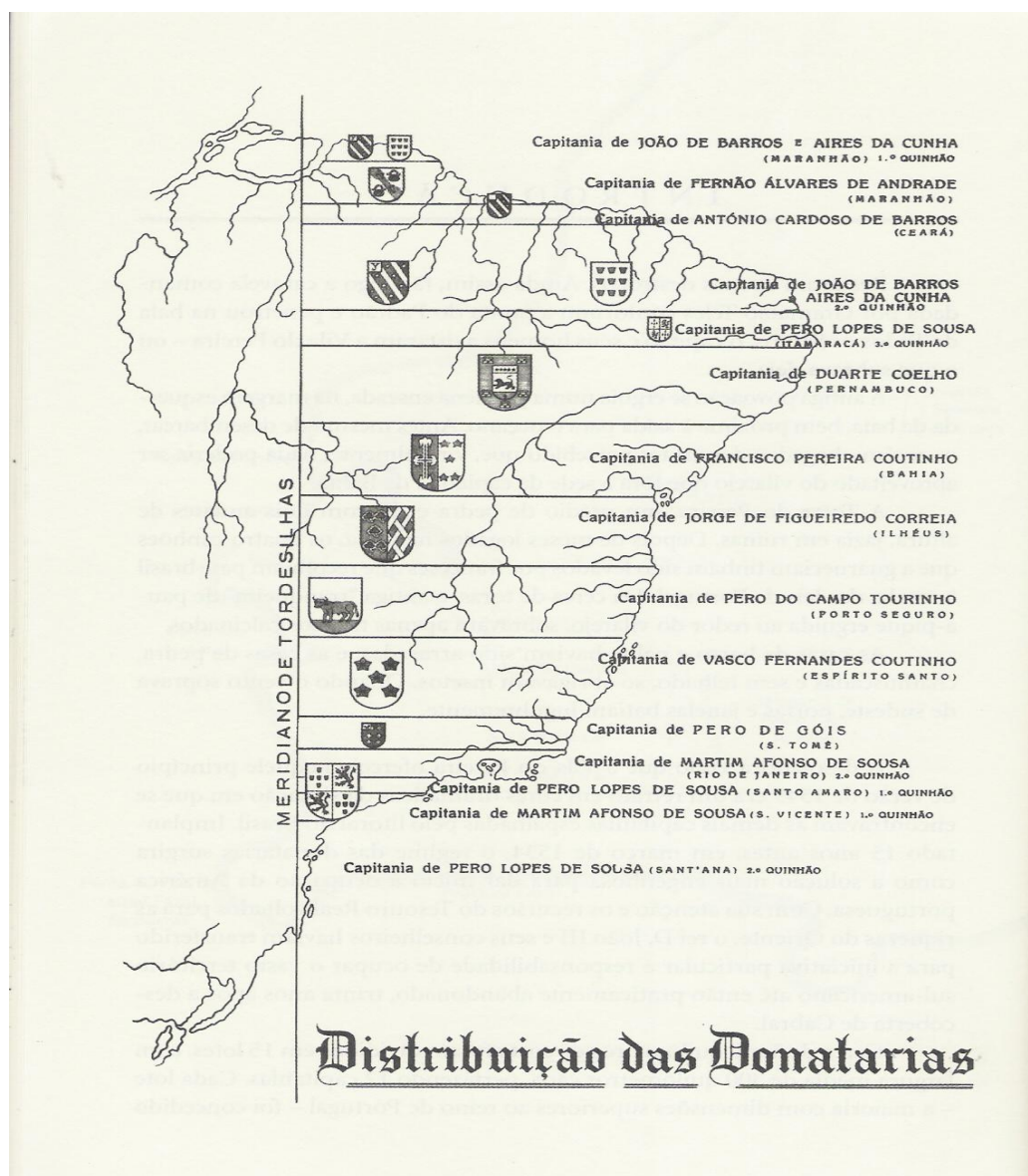


Figura 4 – Primeira divisão territorial do Brasil colônia – as Capitanias Hereditárias⁹

⁸ GUERRA, Flávio. *História de Pernambuco*. Recife: FUNDARPE; Massangana, 1992.

⁹ Podemos perceber a localização e a dimensão da Capitania de Pernambuco, cuja Vila de Olinda veio a ser seu centro político, militar, administrativo e religioso, quando da ocupação pelos portugueses. Foi a Capitania que mais prosperou, dentre todas as outras estabelecidas. Fonte: BUENO, Eduardo. *A coroa, a cruz e a espada: lei, ordem e corrupção no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. p. 24.



Figura 5 – Detalhe do “Mapa da costa de Pernambuco”¹⁰

Segundo Vanildo Cavalcanti¹¹ “Duarte Coelho de lá do alto, pôde estudar toda a redondeza, inclusive o final do istmo e a desembocadura do rio que passava pelo sul das colinas. Viu também que as redondezas eram habitadas pelos índios”. A presença dos gentios e dos europeus, franceses e espanhóis, antes da chegada de Duarte Coelho nas costas do território recém-descoberto, tem vasta documentação:

Duarte Coelho, desde os primeiros dias, no alto onde depois se edificaram as primeiras igrejas e casas e que o da Sé — “fez huma torre de pedra e cal [...] onde muytos annos teve grandes trabalhos de guerra com o gentio e os francezes que em sua companhia andavão e dos quaes foi cercado muytas vezes, mal ferido e muy apertado onde lhe matarão muita gente.¹²

¹⁰ Em destaque, a Vila de Olinda (1586) em primeiro plano, com a representação das suas primeiras casas e igrejas em suas colinas. Podemos observar o Varadouro, local de atracação das embarcações e o istmo ligando-o ao porto, local onde se originou posteriormente a cidade do Recife, e a representação alegórica das Naus. O mapa apresenta também os rios da região. Cópia do original que se encontra na Biblioteca da Ajuda em Lisboa, intitulado *Roteiro de todos os Sinais que há na Costa do Brasil*. Fonte: TEIXEIRA NETO, 2004, p. 18.

¹¹ CAVALCANTI, 1986, p. 22.

¹² FREYRE, 1968, p. 9.

Era, antes, região ignorada pelo mundo dito civilizado, o europeu, mas já era habitada pelos primitivos moradores — os índios. Os portugueses foram implantando feitorias, aldeias, vilas e cidades, em algumas décadas. Isto de norte a sul da costa do Atlântico. A Duarte Coelho Pereira, guerreiro e fidalgo português, que havia sido um dos ilustres capitães das conquistas das Índias, foi outorgada a Carta Régia de doação da Capitania de Pernambuco, cabendo a ele iniciar a colonização daquela região.



Figura 6 – “Perspectiva do Ressife, e Villa, de Olinda”¹³

A chegada dos portugueses colonizadores — por sua superioridade de armamento, desenvolvimento das técnicas de navegação e bélicas, inclusive com a chegada dos canhões trazidos pelas embarcações — possibilitou o domínio dos índios, antigos habitantes. A posse das terras por Duarte Coelho não foi pacífica, tendo o índio resistido muito à presença do invasor-colonizador e vários foram os ataques a ele desferidos. Houve muitas batalhas e

¹³ Original manuscrito que integra o códice *Rezão do Estado Brasil*, de Diogo de Campos Moreno, ca. 1616. p. 327. Olinda aparece à direita, em seu início de povoamento; à esquerda, o Recife, ligado pelo istmo, e as embarcações. Em primeiro plano, forte edificado no istmo e outro na entrada do porto. Fonte: REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. Colaboradores: Beatri Piccolotto Siqueira Bueno, Paulo Júlio Valetim Bruna. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado, Fapesp, 2000. (Uspiana-Brasil 500 anos). p. 74.

muitas mortes, mostrando que a terra já era habitada; os gentios reagiram como seus verdadeiros proprietários.¹⁴

Eram os portugueses grandes conquistadores de terras. No caso das terras brasileiras, as aglomerações foram surgindo ao longo da costa de seu imenso e desconhecido território, e Igarassu e Olinda, em Pernambuco, estavam entre as primeiras. A idéia da doação da nova terra em capitânicas surgia como uma possibilidade de organização político-administrativa, para efetivação do povoamento e, principalmente, de exploração de seus recursos naturais. Os donatários e seus colonos eram figuras importantes nesta tarefa. Esse sistema forçava a administração indireta e descentralizada, mas submetida à fiscalização da Coroa. A princípio, transferia aos donatários as responsabilidades militares e judiciárias e mesmo fazendárias, outorgando-lhes direitos. O sistema obrigava-os ao estabelecimento de um esquema administrativo próprio, às implantações das feitorias e a seu povoamento. Os donatários criavam seu próprio esquema administrativo e eram os novos proprietários destas longas faixas de terra e os únicos responsáveis por sua colonização, uma vez que a situação econômica de Portugal não possibilitava grandes recursos para investir nas novas terras:

O difícil panorama econômico de Portugal, pois se tratava de doações de vastas terras a particulares — fidalgos ou não —, que ficariam obrigados a povoá-las e fazê-las render às suas custas. Caracterizam-se pela cessão de uma Carta de Doação, onde eram indicados os limites e localizada a Mercê Régia, além da concessão de importantes atributos da autoridade soberana, e por um Foral que esclarecia sobre os direitos, os foros, os limites e coisas, além dos deveres do beneficiado, e melhores condições da posse [...] Os quase vinte anos de administração de Duarte Coelho foram dos mais difíceis, tendo constantemente enfrentado os indígenas e conquistado, palmo a palmo, as terras doadas, além de haver permanecido em contínua preocupação contra os piratas franceses e contra os aventureiros lusos, acrescidos da escória de degredados do Reino.¹⁵

Coube a Martin Afonso de Souza, nobre militar português, as capitânicas do Rio de Janeiro e São Vicente. As capitânicas de São Vicente e Pernambuco foram as que mais prosperaram. Passada a primeira década da doação, a capitania de Pernambuco era, entre as doze, a única que assinalava uma situação mais estável.¹⁶ A carta de doação descreve a região da Capitania de Pernambuco, englobando: “60 léguas de costa a partir do Rio São Francisco para riba até encontrar o Rio Jussara que passou a se chamar, de acordo com este documento, de Rio de Santa Cruz.”¹⁷

¹⁴ GUERRA, 1992.

¹⁵ *Ibidem*, p. 12; 14

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ CAVALCANTI, 1986, p. 12.



Brasão 1 – Brasão do Donatário da Capitania de Pernambuco Duarte Coelho Pereira¹⁸

3.1 FORMAÇÃO DA VILA DE OLINDA

Os momentos iniciais da formação da Vila de Olinda estão descritos no *Foral de Olinda*,¹⁹ documento de autoria do Donatário da Capitania de Pernambuco, o fidalgo

¹⁸ Em destaque o leão, símbolo do poder, e a cruz, representando a fé e a religião católica. Fonte: FREYRE, 1968, p.5.

¹⁹ PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. Secretaria do Patrimônio e Cultura. *Projeto Foral de Olinda*. Relatório II. Coordenação de Valéria Maria Agra. Oliveira, Olinda, 2000.

português Duarte Coelho Pereira, que chegou até nossos dias. Este documento descreve como se deu sua doação. A preservação deste documento histórico, que tem sido objeto de muitos estudos e pesquisas, foi fundamental para o conhecimento do processo de fundação da cidade. A seguir, sua transcrição:

O FORAL DE OLINDA

Carta de Doação de 1537, Conferida á Câmara da Vila de Olinda, por Duarte Coelho, Donatário da Capitania de Pernambuco.

No ano de 1537 deu e doou o Senhor Governador a esta sua Vila de Olinda, para seu serviço e de todo o seu povo, moradores e povoadores, a cousas seguintes:

Os assento deste monte e fraldas dele, para casarias e vivendas dos ditos moradores e povoadores, os quais lhes dá livres, forros e isentos de todo o direito para sempre, e a várzeas das vacas e a de Beberibe e as que vão pelo caminho que vai para o passo do Governador e isto para os que não têm onde pastem os seus gados e isto será nas campinas para passigo, e as reboleiras de matos para roças a quem o Concelho as arrendar, que estão das campinas para o alagadiço e para os mangues, com que confinam as terras dadas a Rodrigo Álvares e outras pessoas.

O rocio que está defronte da Vila para o sul até o ribeiro, e do ribeiro até a lombada do monte que jaz para os mangues do rio Beberibe, onde se ora faz o varadouro que em se corregeu a galeota, porque da lombada do monte para baixo, o qual o dito Senhor Governador alimpou para sua feitoria e assento dela, que é do montinho que está sobre o rio até o caminho do varadouro, e daí para cima todo o alto da lombada para os mangues será para casas e assentos de feitorias, até um pedaço de mato que deu a Bartolomeu Rodrigues, que está abaixo do caminho que vai para Todos os Santos.

A ribeira do mar até o arrecife dos navios, com suas praias, até o varadouro da galeota, subindo pelo rio Beberibe arriba, até onde faz um esteiro que está detrás da roça do Brás Pires, conjunta com outra de Rodrigo Alvares, tudo isto será para serviço da Vila e povo dela, até cinquenta braças de largo, do rio para dentro, para desembarcar e embarcar tudo o serviço da Vila e povo dela, e daí para riba tudo que puder ser, demais dos mangues, pela várzea e pelo rio arriba é da serventia do Concelho.

Outrossim, dali mesmo do varadouro rodeando pela praia ao longo do mar até onde sai o ribeiro de Valde Fontes, todo o mato dessa dita praia até cinqüenta braças adentro da terra, tudo será serventia da dita Vila e povo, reservando que se não pode dar a pessoa alguma. E da dita ribeira sainte de Val de Fontes até o rio Doce, que se chama Paratibe, tudo será serventia do povo e Vila até as várzeas, que serão pouco mais ou menos duzentas braças de largo, da praia para dentro das várzeas, porque do rio Doce para banda do norte fica com o termo de Santa Cruz outro tanto ao longo do mar, duzentas braças pela terra adentro, de arvoredo para madeira e lenha do povo da Vila de Santa Cruz, assim como atrás conteúdo é para a Vila de Olinda.

O monte de Nossa senhora do Monte, águas vertentes para toda a parte, tudo será para serviço da Vila e povo dela, tirando aquilo que se achar ser da casa de nossa Senhora do Monte, que é cem braças da casa ao redor de toda a parte, e assim o Valinho que é da banda do norte e rodeia todomonte pelo pé, até o caminho que vai da dita Vila para o Val de Fontes, para o curral velho das vacas, que tudo é da dita casa de Nossa Senhora do Monte.

E porque, por detrás do dito montinho, onde há de fazer o senhor governador a sua feitoria, até o varadouro da galeota, há de se abrir o rio Beberibe e lançar ao mar por entre as duas pontas das pedras, como tem assentado o Senhor Governador; entre o dito rio lançado novamente e as roças da banda de riba, de Paio Correia e

da Senhora Dona Brites e o mato que está adiante, que ora é do Senhor Jerônimo de Albuquerque, há de ir uma rua de serventia ao longo do dito rio novo para serventia do povo, de que se possa servir de carros, que será de cinco ou seis braças de largo e rodeada pelo pé do montinho até o varadouro da galeota.

Todas as fontes e ribeiras ao redor desta Vila dois tiros de besta são para o serviço da dita Vila e povo dala; fa-las-a o povo alimpar e correger à sua custa.

Todos os mangues ao redor desta Vila, que estão ao longo do rio Beberibe, assim para baixo como para cima, até onde tiver terra de arvoredo e roças ou fazendas pelo Senhor Governador, todos os ditos mangues serão para serviço da dita Vila e povo, e assim os do rio dos Cedros e ilha do porto dos navios.

Os varadouros que estão dentro do recife dos navios e os que estiverem pelo rio arriba dos cedros e de Beberibe e todo o varadouro que se achar ao redor da Vila e termo dela serão para serviço do seu povo.

Isto foi assim dado e assentado pelo dito Governador e manda do a mim escrivão que disto fizesse assento e foi assinado pelo dito Governador a 12 de março de 1537 anos.²⁰

O *Foral de Olinda*, firmado por Duarte Coelho, donatário da Capitania de Pernambuco, datado de 12 de março de 1537, é a Carta de Doação que confere à povoação de Olinda o título de Vila e estabelece um amplo patrimônio para seu “Concelho”. Trata-se de um dos documentos mais antigos sobre sua formação e revela o período inicial de sua constituição. O Foral, entretanto, não obedece à forma tradicional dos forais portugueses, pois nele não estão explicitadas as normas fiscais, judiciais e penais; constam referências importantes sobre o que já havia em Olinda — a Rua Nova, hoje Bispo Azevedo Coutinho, as fontes de água potável, as famosas bicas de Olinda e dos arrecifes que possibilitaram a chegada de embarcações, o Varadouro da Galeota, que veio dar origem ao porto e à cidade do Recife — e trata ainda da distribuição e utilização das terras para uso da comunidade.

O documento sofreu uma série de dificuldades em relação a sua conservação:

Os primeiros vereadores não conservaram o documento original e em 1550 solicitaram ao donatário uma cópia tirada do Livro do Tombo e matrícula (da Capitania). Com a invasão holandesa em 1630 e o incêndio em 1631, novamente o documento existente no Arquivo do Concelho foi perdido. Em 1654, após a restauração do domínio português em Pernambuco, o texto foi localizado no Mosteiro de São Bento de Olinda e dele feito um traslado, em 1672. Os vereadores solicitaram ao rei, por ofício de 11 de agosto de 1677, a confirmação da Carta Doação ou Foral. Por provisão datada de Lisboa 14 de julho de 1678, o Rei confirmou o Foral.²¹

Foi recentemente constituído, pela Prefeitura Municipal de Olinda, um grupo de pesquisa intitulado *Projeto Foral de Olinda*, na Secretaria do Patrimônio, Ciência, Cultura e Turismo. Os estudos desenvolvidos consideram a interpretação jurídica de que as terras

²⁰ PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA, 2000, p. 16, grifo nosso.

²¹ AGRA OLIVEIRA, Valéria (Coord.). *Projeto Foral de Olinda*. Relatório II. Olinda: Prefeitura de Olinda, 1996.

mencionadas no Foral de Duarte Coelho, por Lei, pertencem ao Município de Olinda. A constituição desse grupo objetiva a reabilitação do Município, os direitos de senhorio sobre o regime de aforamento, considerando informações fidedignas, como as contidas no Livro de Tombo nº. 01-B 1783/1806, da Confirmação do Foral e da Ação Demarcatória e Sentença, de 23 de setembro de 1710, feita pelo Juiz do Tombo e Ouvidor Geral, Doutor José Ignácio Arouxe. Este livro de Tombo significa, para o estudo do Foral de Olinda, o ponto de partida. Nele estão explicados, com detalhes, os procedimentos legais para a revalidação do Foral de 1537, após o período da dominação holandesa. O direito da Prefeitura Municipal de Olinda sobre seus terrenos doados foi reconhecido em recente Ação Declaratória, junto ao Tribunal Federal de Recursos a ao Supremo Tribunal Federal.

O Foral estabelece a doação à Vila de Olinda de uma área que se constituiu em patrimônio público. Determina os locais destinados aos casarios e vivendas dos moradores e povoadores e confere outras finalidades em relação ao uso de seu solo, definindo o traçado de suas ruas, orientando os caminhos para se chegar a determinados lugares. Ele apresenta três pontos principais: o alto da Matriz, hoje Alto da Sé, o Rossio, as terras férteis das várzeas onde se encontravam as plantações das baixadas e o Varadouro das galeotas, que servia de porto fluvial para as embarcações que chegavam pelo Rio Beberibe.

O ponto inicial é o alto de Sé, onde se instalou o donatário, no alto da colina e foi, de fato, onde teve início a construção da cidade. A primeira rua ligava as duas primeiras igrejas, a da Sé do Salvador e a da Misericórdia. Depois, a construção do casario desceu as ladeiras em direção ao Varadouro, seguindo as determinações do Foral. Ao longo dos anos, entre 1537 e 1630, foram se configurando não somente as ruas como as construções dos principais prédios e surgindo as instalações das ordens religiosas.²²

No Foral já estavam também especificadas quais terras deveriam ser destinadas à criação do gado e a pastagens. Destacam-se também no texto os locais de construções destinados às ordens religiosas: os conventos dos franciscanos, dos carmelitas e dos beneditinos.

O Foral define bem o que deveria ser para uso do povo, o pertencente ao Concelho e outros lugares onde os beneficiados estão bem declarados. Na verdade tal forma de doar se faz através de um documento onde o uso do solo decorreu de um raciocínio bem fundamentado. A escolha dos lugares realizada como decorrência de uma análise das características do local da vila está bem distante daquela forma de ocupação espontânea e de maneira irregular de cidades anteriores a 1537.²³

²² FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

²³ AGRA OLIVEIRA, 1996, p. 16.

De fato foi criado um primeiro núcleo central em Olinda e há relatos da fundação dos primeiros prédios no local hoje chamado Alto da Sé. As vilas eram criadas por ato formal do Poder Público da época, no caso específico de Olinda, por seu fundador o fidalgo Duarte Coelho Pereira, e obedeciam a uma delegação do rei de Portugal, D. João III, contida nas Cartas Régias de doação, que concediam essa faculdade aos donatários. De início era um agrupamento natural de casas e pessoas, seguindo apenas as determinações contidas no Foral de Olinda.²⁴

Em função de sua privilegiada localização, Olinda teve construídas em seus montes não apenas as habitações para seus novos moradores, como também as edificações promovidas pelos portugueses, como o castelo de Duarte Coelho — também chamado de fortaleza —, e principalmente as igrejas. Uma das primeiras construídas em territorial nacional está situada em Olinda e ainda preservada. Em sua documentação consta que a Igreja de Nossa Senhora do Monte teria sido construída por Duarte Coelho.

O poder municipal compunha-se do alcaide e do Concelho, o qual era composto pelos vereadores. Participavam dele a nobreza e os grandes proprietários de terra. A população estava excluída da participação política.

O monte em que os jesuítas, à frente o Pe. Vieira, levantaram um colégio (depois ex-seminário); o do alto da Sé, onde Duarte Coelho construiu seu palácio que, como forte, serviu para repelir os índios e os franceses, o monte de Nas. Sra. do Monte, cujas terras Duarte Coelho, em seu Foral, destinou para a construção de uma igreja para invocação do mesmo nome.²⁵

Olinda tinha que ser criada como uma vila e ao mesmo tempo como uma espécie de fortaleza, porque havia duas questões em voga, ocupar e povoar, e ao mesmo tempo resistir aos possíveis ataques dos inimigos, principalmente dos franceses e dos indígenas, que também desejavam a conquista deste território. A escolha do alto da colina tinha a vantagem de servir para os propósitos de povoamento e para possibilitar o amplo acesso da visão do mar, por onde poderia haver ataque, e de toda a várzea do rio Beberibe, portanto, localização estratégica para a defesa dos ataques da população indígena.

A construção de Olinda começou com a edificação do Castelo de Duarte Coelho, para sua moradia e de sua comitiva de colonos e agregados, situada bem em frente à Igreja da Sé do Salvador. O Castelo era uma construção clássica, quadrada, à maneira das torres dos solares da Idade Média, que servia também como defesa. Ali, com sua família, instalou-se Duarte Coelho. Ao redor da Fortaleza nasceu o povoado, que se derramou pelas encostas e

²⁴ FREYRE, 2000.

²⁵ DUARTE, 1976, p. 70.

planícies. As primeiras construções partem daí. Depois vieram as igrejas, a Cadeia e a Câmara. Abriu a primeira rua de Olinda em 1537, a Rua Nova, ligando a Fortaleza à igreja da Sé do Salvador do Mundo. Também a Vila cresceu para o sul, onde foi estabelecido um porto natural, o antigo porto de Olinda, pela presença dos arrecifes. Nesse local nasceu depois a cidade do Recife, por conta do desenvolvimento do tráfego marítimo. Esses lugares que se mostravam como sítios defensivos naturais eram muito atraentes e, por isto, foram escolhidos para serem edificadas as primeiras vilas coloniais brasileiras.²⁶



Gravura 1 – “Vila de Olinda”²⁷

Os acidentes geográficos naturais eram, portanto, os mais procurados nos primeiros tempos da colonização do território brasileiro. As elevações, as colinas ou as terras insulares e peninsulares eram próprias para a defesa das vilas. Tanto em Salvador como no Rio de Janeiro, e não foi diferente em Olinda, as colinas, as desembocaduras dos rios, as baías, as enseadas, as ilhas, tiveram em vista o deslocamento pelo mar ou pelos rios para o uso do atracamento das embarcações, utilizados como portos naturais. Os portugueses saíam do Tejo ou do Douro para atravessar os mares, como nos sinaliza Murilo Marx²⁸ em seu estudo sobre as cidades coloniais brasileiras:

²⁶ CAVALCANTI, 1986.

²⁷ Gravura de Frans Post do livro de Barlaeus. ca. 1637-1645. Retrata o início da ocupação das colinas a beira-mar, as primeiras construções na parte alta de Olinda e a ampla faixa de areia das praias. Fonte: REIS FILHO, 2000, p. 89.

²⁸ MARX, Murilo. *Cidade brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1980. p. 20.

Olinda e São Vicente, duas das fundações mais antigas dos lusos na América, são exemplos dum e doutro recurso de resguardo militar. A primeira, para ficar a cavaleiro do oceano, teve de se instalar um pouco distante do seu porto. Posição incômoda, que a história tornou ingrata. A segunda plantada em meio a um complexo de ilhas e canais.

A característica das cidades coloniais brasileiras é o traçado irregular e com contorno pouco definido, como se não tivessem seguido planos pré-estabelecidos. Eram cópias dos típicos aglomerados medievais europeus transplantados para além-mar.²⁹



Gravura 2 – Marim d'Olinda³⁰

Havia ruas tortuosas, freqüentes ladeiras, variação de largura dos logradouros, que acompanhavam a topografia, geralmente acidentada das primeiras vilas e cidades brasileiras no período colonial, como pode ser observada nas ilustrações acima. Olinda foi plantada sobre escarpas e em dois níveis, exatamente como Salvador, na Bahia, ocupando inicialmente a parte alta da cidade e tendo sempre um porto em suas cercanias.³¹

Como muito bem observa Murilo Marx³², o Rio de Janeiro e Salvador tiveram sua ocupação desenhada em torno de suas baías. As fortificações que ali foram instaladas e os estabelecimentos administrativos e religiosos tinham importante papel socioeconômico-cultural. Sua presença mostrava o poder tanto militar quanto político e religioso. Isso estava

²⁹ MARX, 1980.

³⁰ Gravura inserida na obra de Johannis Laet *História ou Annaes dos feitos da Companhia das Índias Ocidentais*, publicada em 1630. Podemos observar as primeiras igrejas e casas implantadas nas colinas e Olinda aparece cercada e já com fortificações. Na parte inferior, a lista das edificações existentes. Fonte: REIS FILHO, 2000, p. 78-79.

³¹ MARX, op. cit.

³² Ibidem.

presente desde os primórdios das fundações das cidades. O poder político era demonstrado pelas construções das instituições ligadas ao governo, como a sede administrativa das capitâneas, que concentrava em seu redor o centro da vida administrativa e política, os fortes, representando o poderio militar, e as igrejas e mosteiros, que representavam o poder religioso sobre as terras brasileiras.³³

Era grande a influência da igreja católica nas formações das vilas e das cidades, tanto em Olinda como em Salvador, como nos informa o geógrafo olindense Pedro Vasconcelos:³⁴

As ordens religiosas tiveram um papel destacado na construção dos seus conventos; na medida em que necessitam de grandes superfícies, ocuparam os pontos mais distantes, também atraindo o crescimento da cidade nas suas direções [...] as ordens religiosas acumularam terrenos e casas de aluguel para sua manutenção [...] o que levava ao desenvolvimento dos bairros em que tinham propriedades.

A forte presença da religião católica trazida pelos portugueses colonizadores, por meio dos padres jesuítas, que se dedicavam a espalhar sua doutrina no movimento de catequização da população, inclusive dos gentios, é uma forte marca na Olinda desde sua fundação até o momento atual, como destacaram os depoentes acima.

Se a religiosidade trazida pelos portugueses foi algo prenhe, os estudos de Vera Milet³⁵ apontam o conflito vivenciado pelos primitivos habitantes da região, os índios, com a chegada dos portugueses, trazendo outra cultura, outra língua, novos costumes e nova religião — a católica. A concepção de mundo dos gentios, com suas crenças e mitos, era muito diversa da religião católica do colonizador europeu:

O Governo de Portugal confiou à Companhia de Jesus a obra de penetração religiosa e de colonização das terras de Portugal no novo mundo. A ação missionária jesuítica, ao penetrar na Colônia estabelece um processo de desintegração do mundo indígena ao romper com a sua imagem mítica do mundo.³⁶

A história de Olinda é cercada de muitos momentos de conflito, não apenas de ordem religiosa, mas também econômica, justamente em função da riqueza da região, advinda do pau-brasil e depois da cana-de-açúcar, motivo maior de cobiça. É interessante notar que a questão das invasões acompanha a grande trajetória de sua história, a despeito de se revestir de aspectos diferenciados em cada momento histórico.

³³ VASCONCELOS, 2002.

³⁴ *Ibidem*, p. 418.

³⁵ MILET, Vera. *A teimosia das pedras*: um estudo sobre a preservação do patrimônio ambiental do Brasil. Olinda: Prefeitura de Olinda, 1988.

³⁶ *Ibidem*, p. 120.

Vale ressaltar que em período anterior à fundação da cidade pelos colonizadores portugueses, registros históricos assinalam a chegada de europeus aventureiros, franceses e espanhóis à região aonde se estabeleceria a Capitania de Pernambuco, interessados nas riquezas das novas terras, cujo contato com os índios acontecera, portanto, antes da chegada dos portugueses. Era um confronto de civilizações inteiramente diversas.

Vejamos como se deu a formação da Vila de Olinda do ponto de vista histórico, de que modo isso foi passado pelas gerações de olindenses, como estas informações circularam e foram registradas em suas memórias, tornando-se uma importante marca identificatória, cujo traço, “orgulho”, está presente nos olindenses até hoje, como vimos no capítulo anterior. Isto é destacado pelo historiador pernambucano Leonardo Dantas Silva³⁷, quando diz:

Na essência de Olinda, naquela de outrora e na atual, está o *orgulho* de quem nela mora, a alegria de uma atmosfera particular, de uma ambiência que promove a convivência e propicia a conexão — entre vizinhos e turistas, entre foliões e os residentes, entre a cidade como existe e o que dela se constrói.

3.2 FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS CIDADES COLONIAIS BRASILEIRAS

Além de Olinda, outras vilas foram se formando ao longo da costa brasileira no período do regime de Capitânicas Hereditárias e no início da ocupação dos portugueses. Vejamos como foram surgindo as primeiras aglomerações fundadas nas novas terras, muitas delas a beira-mar, como Olinda, Recife, Santos e Salvador. As principais vilas no século XVI, ainda sob o regime de capitânicas, foram assim se instalando no território brasileiro. Destacamos que Olinda é uma das mais antigas vilas criadas no Brasil, ao lado de Igarçu, também em Pernambuco, que foi a primeira delas.

Os primeiros aglomerados foram se organizando em duas regiões distintas: a região vicentina, cuja primeira vila oficialmente instalada foi a de São Vicente, no ano de 1532; e na região pernambucana foram as vilas de Igarçu e Olinda, em 1536 e 1537, respectivamente. A costa foi escolhida para os assentamentos, em função de sua estratégica localização geográfica, por servir de abrigo aos navegantes em suas longas viagens, principalmente quando da travessia do Atlântico, que costumava durar meses. As vilas e cidades na colônia obedeciam

³⁷ VERAS, 2006a.

[...] à risca a estratégia militar adotada pelos portugueses para a defesa do império. Lisboa e Porto em Portugal, Luanda em Angola, Macau, na China, Rio de Janeiro e Olinda no Brasil seguiam o mesmo modelo. As igrejas, conventos, edifícios públicos e residências das famílias abastadas ficavam na cidade alta. Na cidade baixa, na faixa rente ao mar, situava-se o quarteirão comercial, com armazéns, lojas e o cais do porto.³⁸

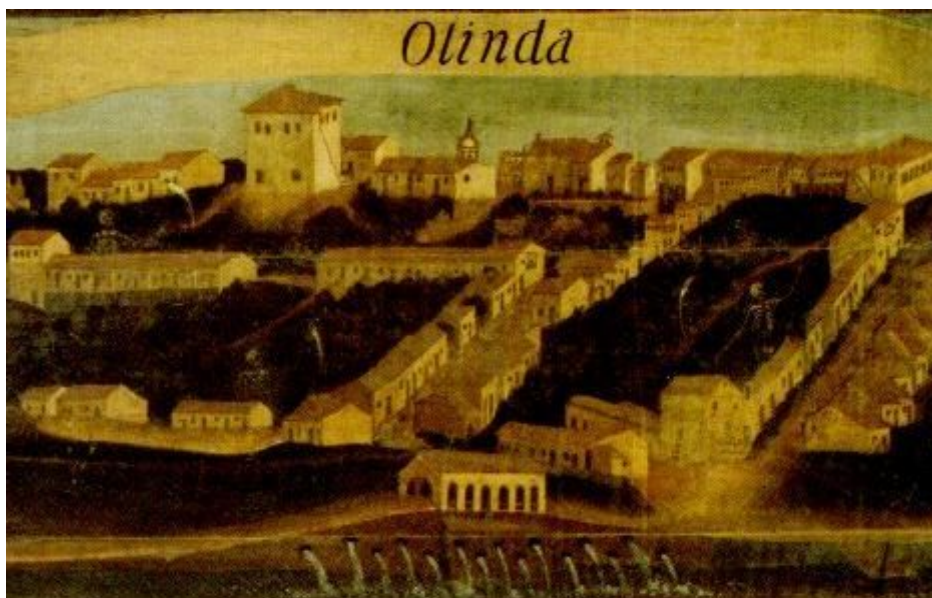


Figura 7 – Trecho da tela de autor anônimo existente na galeria do Convento de Santo Antonio em Igarassu, PE³⁹

Vejamos, pela ordem cronológica, as principais vilas brasileiras, as mais antigas e os respectivos estados do Brasil, por região, de Norte a Sul do país. Destacamos Igarassu e Olinda, que ao lado de São Vicente e São Jorge de Ilhéus foram as primeiras criadas. Segundo estudos de Aroldo Azevedo,⁴⁰ raras foram criadas neste século como cidades. O autor apresenta em detalhes cada região, o período, a localização, a data de surgimento de cada vila e os respectivos estados do Brasil durante o século XVI, como mostra o Quadro 1:

³⁸ GOMES, Laurentino. *1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil*. São Paulo: Plante, 2007. p. 113.

³⁹ Pintado em 1729, (autor desconhecido), retrata a peste que atingiu a região em 1685. Podemos observar a forma de implantação das igrejas, do casario nas ladeiras e as hortas e pomares nos fundos dos terrenos, que originaram os quintais, áreas verdes existentes até hoje em Olinda. Fonte: PINA, 2006.

⁴⁰ AZEVEDO, Aroldo. Vilas e cidades do Brasil colonial. *Geografia – espaço e memória*, São Paulo, n. 10, p. 23-79, 1994.

Datas	Denominações	Unidade atual
Região Nordeste		
1536	Igaracú	Pernambuco
1537	Olinda	Pernambuco
1599	Natal	Rio Grande do Norte
Região Leste		
1535	Porto Seguro	Bahia
1536	São Jorge de Ilhéus	Bahia
1551	Espírito Santo	Espírito Santo
1551	N. S a. da Vitória	Espírito Santo
1590	São Cristóvão	Sergipe
Região Sul		
1532	São Vicente	São Paulo
1545	Santos	São Paulo
1558	São Paulo de Piratininga	São Paulo
1561	N. S a. da Conceição de Itanhaém	São Paulo
1600	São João Batista da Cananéia	São Paulo

Quadro 1 – Principais vilas no século XVI⁴¹

Algumas cidades datadas deste período nunca foram vilas. É o caso de Salvador, na Bahia, fundada em 1549, São Sebastião, no Rio de Janeiro, fundada em 1565, e Filipéia de Nossa Senhora das Neves, em 1587, depois João Pessoa, na Paraíba. Diferentemente de Olinda, que primeiro foi vila para depois ser elevada à categoria de cidade, elas foram já estabelecidas como cidades desde sua fundação. Vejamos do que se trata, no caso das vilas e cidades brasileiras.

Podemos pensar que as escolhas desses aglomerados a beira-mar resultaram da dependência dos contatos com Portugal, de onde vinham os mantimentos especiais, vestuários, armas e munições, essenciais para a população e a defesa da região dos ataques dos índios e do invasor estrangeiro. As primeiras fundações foram feitas na costa brasileiras e decorreram da necessidade de se manter as ligações com a metrópole lusitana e do comércio indispensável entre a nova e a antiga região. O mar era a porta de entrada e a porta de saída de todos e para tudo. Esta passagem destaca o caráter dos “[...] portugueses, que, sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam delas, mas contam-se de as andar

⁴¹ Fonte: AZEVEDO, 1994, p. 29.

arranhando ao longo do mar como caranguejos”, como diz Murilo Marx⁴² apoiado em Frei Vicente do Salvador.

A localização a beira-mar era muito propícia ao comércio, tanto para a importação dos produtos de Portugal, indispensável para os portugueses aqui instalados, como para a exportação dos produtos produzidos na colônia, principalmente o açúcar que vinha dos engenhos, e para o comércio e a defesa da cidade. Vejamos:

Em torno dos engenhos de açúcar, representando a vida econômica, e das igrejas, centro de vida espiritual, desdobra-se a trama da cidade. Ao longo da ribeira do mar, plantam-se os antigos trapiches, portas de comércio. E para a defesa contra os inimigos que viriam do mar, levantam-se as fortificações primitivas, que foram as bases das que ainda hoje guardam a cidade.⁴³

Já no século XVII, trinta e sete vilas foram criadas, destacando-se a região baiano-pernambucana e a região paulista-fluminense. A primeira teve como base de seu desenvolvimento a economia açucareira; a segunda teve seu desenvolvimento marcado pela criação de gado, os engenhos de açúcar e depois a cultura do café e as rotas dos bandeirantes que desbravaram novos caminhos, adentrando o território brasileiro.

Dentre os diversos aspectos que identificam os primeiros aglomerados, está a presença das fortalezas, muros e paliçadas, porque nas zonas fronteiriças às aldeias, vilas e cidades havia disputa por seu domínio. O que caracterizaria as cidades-fortaleza eram as próprias construções estabelecidas, frente à necessidade de proteção contra os ataques externos e as invasões, como foi o caso dos primeiros núcleos habitados brasileiros e Olinda não fugiu destas características. Organizavam-se em torno da fortaleza ou fortalezas, que tinham uma função não apenas defensiva, mas também serviam para identificá-las. As construções dos fortes obedeciam a uma logística militar, em que não apenas eram muito planejados, mas a escolha do sítio era fundamental, pois significava segurança para uma vasta região. A localização era estabelecida tendo por base os acidentes geográficos que poderiam facilitar sua defesa, por exemplo, encostas, baías, colinas, com visão dos mares e dos rios. Estes eram fatores decisivos na escolha da localização para as construções nestas cidades. A Fotografia 11 é ilustrativa de edificação militar portuguesa em Olinda:

⁴² MARX, 1980, p. 12

⁴³ AZEVEDO, 1994, p. 39.



Fotografia 11 – Fortim de São Francisco⁴⁴

É preciso esclarecer que os donatários não tinham o poder de fundar cidades. Para que se fundasse a cidade de Salvador, por exemplo, as terras tiveram que ser revertidas à Coroa pelos herdeiros de seu antigo donatário. A eles cabia fundar as povoações e depois elevá-las à categoria de vilas, o que ocorreu com Olinda, e isto era um serviço de destaque prestado à Coroa pelo donatário. Olinda, como os outros aglomerados urbanos do Brasil colonial, tinha a característica de ser marítima, era isolada e esparsa nesta vasta região. O interior da Capitania era totalmente desconhecido e despovoado de europeus, pois havia somente os indígenas.⁴⁵

Havia, quase sempre, nas histórias das vilas que vieram a ser construídas nessas novas terras conquistadas pelos portugueses ou espanhóis, a presença da sede do governo e da igreja, onde se formavam os primeiros núcleos urbanos. Não foi diferente com Olinda e posteriormente com Recife. No período colonial, Olinda era a sede do governo e do poder militar e religioso. Em suas ruas, surgidas em função deste núcleo central, foram se formando caminhos que levavam a outros pontos de interesse: as edificações governamentais, as igrejas, um largo, o comércio incipiente, a feira. No início da ocupação da capitania, a população vivia sob a proteção das paliçadas e dos muros em razão dos ataques, principalmente dos

⁴⁴ Localizado na Rua do Sol, encontra-se ainda em pé. Foi erguido pelo mestre-de-obras Cristóvão Álvares, entre 1623 e 1626. Está localizado em frente ao mar, na praia de São Francisco, no Sítio Histórico da cidade de Olinda. Construção militar típica dos portugueses. Fonte: Foto do acervo do Arquivo Público Antonino Guimarães, de Olinda.

⁴⁵ FREYRE, 2000.

gentios. Aos poucos, porém, as habitações foram sendo erguidas e Olinda transformou-se numa vila, a principal da colônia, com uma vida bastante florescente.⁴⁶

Sua população era formada pelos imigrantes portugueses, militares, funcionários da coroa, religiosos, náufragos, aventureiros, degredados, índios e depois os escravos africanos. Igarauçu e Olinda desde o início receberam uma população mais numerosa, pois englobavam ainda a população que vivia em torno dos engenhos. Já Salvador e Olinda se destacaram no período colonial como os dois maiores centros das novas terras.⁴⁷

As cidades beneficiadas com a atenção da Coroa, contavam sempre com um contingente populacional numeroso e de mais elevada qualificação, principalmente Salvador que, ao tempo da sua fundação receberia ao que parece, duzentos e oitenta colonos, trezentos e vinte soldados, quatrocentos degredados e bom número de funcionários públicos trazidos por Tomé de Souza.⁴⁸

Como a produção local da capitania pernambucana era basicamente agrícola, a população dependia de toda ordem de produtos manufaturados que vinham de Portugal. A colônia funcionava como uma base apenas rural para a Coroa, visando o comércio e a exportação extrativista. Os primeiros colonos europeus, principalmente os portugueses, participaram ativamente do cultivo da terra e de todos os trabalhos braçais, que foram posteriormente sendo transferidos para os escravos trazidos da África, uma vez que os índios apresentavam resistência para a realização dessas atividades. Aos poucos, a agricultura impôs-se com a exportação e o alto preço do açúcar no mercado europeu.⁴⁹

Já a monocultura açucareira começou a produzir açúcar em grande escala, com a vinda da mão-de-obra dos escravos africanos, obtida pelo tráfico. Olinda tornou-se rica e poderosa, uma vez que o açúcar alcançava altos preços. O comércio de escravos tornou-se também um negócio altamente rentável, sendo conhecido como “o marfim negro”. O lucro do açúcar, ao lado de outros produtos vendidos aos europeus, como o pau-brasil, o fumo, e depois o algodão, ajudou a desenvolver estes incipientes núcleos urbanos, sendo Olinda um dos mais importantes deles e Pernambuco o centro produtor do açúcar. Esse enriquecimento despertou o interesse da República das Províncias Unidas dos Países Baixos por sua posse.⁵⁰ Santiago, português residente na região pernambucana, documentou os acontecimentos, e assim descreve Olinda neste período:

⁴⁶ FREYRE, 2000.

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ REIS FILHO, Nestor Goulart. *Evolução urbana do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1968. p. 80.

⁴⁹ FREYRE, op. cit.

⁵⁰ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

Esta vila antes que fosse destruída pelos holandeses, era muito opulenta, de muita gente, muitas e boas casas. Tinha quatro mosteiros de religiosos, grande trato de mercadorias, mostrava em si de longe, principalmente aos que vinham de mar em fora, uma amenidade e verdura, porque estava toda cheia e plantada de coqueiros, que não havia casa que não tivesse junto de si alguns, e assim faziam uma alegre aparência, e movidos com a viração do mar notavelmente contentavam.⁵¹

Olinda já era então uma Vila que tinha sua organização social, com seu comércio e seu modo de vida. O abastecimento de sua população se dava pela produção de gêneros de subsistência vindos das propriedades rurais, e muitos deles também eram produzidos nas chácaras localizadas nas regiões próximas à vila. De acordo com Nestor Goulart Reis Filho,⁵² “Estas chácaras eram habitações mais confortáveis, com regime próximo de auto-suficiência, como os engenhos e funcionavam ao mesmo tempo como prolongamento das habitações urbanas propriamente ditas, para as quais enviavam os produtos”.

Esses foram, portanto, os critérios que nortearam a organização dos primeiros núcleos habitados pelos portugueses, quando eles chegaram à costa brasileira, no século XIV, e não foi diferente em Olinda, como atestam as antigas fortificações construídas em suas cercanias, as igrejas, os mosteiros e o casario ainda hoje existentes.

Entre todas as atribuições conferidas pela Coroa aos donatários, cabia-lhes também a instalação das vilas que fossem sendo criadas. Por terem o poder de criar uma vila, como foi o caso de Olinda, fundada por Duarte Coelho, o donatário da Capitania de Pernambuco, e de concentrar em suas mãos sua direção, eram vistos no imaginário da população de forma pregnante como um grande patriarca, aquele que pode ocupar o lugar de pai, representante da lei, provedor, autoritário e protetor. Era o patriarca, o patrono, o fundador da cidade, cuja representação idealizada se manteve até os dias atuais na memória dos olindenses.

Vimos, na letra do Hino da cidade de Olinda, que no imaginário poético do autor, Duarte Coelho é elevado à categoria de “artista”. Além de ser reverenciado por toda a população, deu o nome Olinda à cidade e é identificado como seu fundador. Isto é destacado também no relato do guia-mirim, descrito no primeiro capítulo. As cidades têm seus mitos fundadores e suas histórias, memórias e especificidades. Olinda, em função de suas características únicas, permite uma identidade para seus habitantes, marcada desde o período de seu surgimento e preservada nas representações sociais da população que estimula os traços narcísicos refletidos no “orgulho” e no sentimento de “apaixonamento” pelo fato de serem de Olinda. Esses traços mostram a essência do que é “ser olindense”, revelada nos depoimentos e presente como traço identitário de sua população até os dias atuais.

⁵¹ SANTIAGO, Diogo Lopes. *História da guerra de Pernambuco*. Recife: CEPE, 2004. p. 15.

⁵² REIS FILHO, 1968 p. 95

Importante destacar que entre os estudiosos de Olinda, os chamados “homem das letras”, é costume chamar Olinda, ainda hoje, de *Burgo Duartino*,⁵³ mostrando como são fortemente construídas as representações da cidade, com sua história desde o período colonial, principalmente a relação imaginária a Duarte Coelho, seu fundador, e como elas vão sendo transmitidas na rede geracional. Cito aqui alguns autores, escolhidos entre vários, que se referem a Olinda desta maneira:

Interessa-nos muito especial e particularmente tudo quanto se refere a Olinda. Literariamente, chamam-na de “*burgo duartino*”, “Marim dos Caetés ou dos Tabajaras”, mas preferimos mencioná-la Olinda, apenas Olinda.⁵⁴

O velho *burgo duartino* oferece aos estudiosos da vida pernambucana, um conjunto de aspectos e sugestões do mais incontestável valor. Em sua fisionomia paisagística Olinda relembra um tanto a velha Coimbra.⁵⁵

Quando ocorreu, nas seculares ruas olindenses, uma explosão de arte que mudou o destino de muitas pessoas e a própria vida da *cidade duartina*.⁵⁶

Aí já começava as sutilezas do velho burgo: Então inventaram os apelidos: Marim dos Caetés, Deus me perdoe, *Burgo Duartino*. Batizada, crismada e confirmada Olinda, para os íntimos, principiou sua gloriosa existência.⁵⁷

Olinda constava no roteiro da maioria dos viajantes estrangeiros que se demorava em Pernambuco, no Séc. XIX. Sentiam-se atraídos pela densidade histórica do *velho burgo duartino*.⁵⁸

3.3 OLINDA E A ARQUITETURA COLONIAL

Vejamos a influência do colonizador português, que chegou até os dias atuais, como um precioso legado, não apenas em relação à escolha do nome da cidade, mas nas artes, na cultura, na arquitetura de Olinda, no traçado das ruas, das construções das casas, suas características e estilo, que deixaram traços que influenciaram o modo de vida na cidade até hoje. As casas nas vilas eram sempre térreas simples, com pequenos sobrados, colados uns

⁵³ “Burgo [do germ. *Burghs*, ‘pequena cidade; pelo lat. *Burgu*, ‘fortaleza’.] S.m. 1. Ant. Em Roma, local fortificado. 2. Na Idade Média, castelo, ou casa nobre, ou mosteiro, etc., e suas cercanias, rodeados por muralha de defesa, muitos dos quais vieram a transformar-se em cidade. 3. P. ext. Arrabalde de cidade, vila ou aldeia. 4. Povoação menor que cidade ou vila, especialmente a que se caracteriza por sua tranqüilidade ou pouca importância. 5. Na Inglaterra, cidade ou vila que tem direito de eleger um ou mais representantes no parlamento.” FERREIRA, 1986, p. 294.

⁵⁴ DUARTE, 1976, p. 32, grifo nosso.

⁵⁵ Ibidem, p. 33, grifo nosso.

⁵⁶ BONALD NETO, Olímpio. *Cultura, Turismo e tempo*. Recife: FUDARPE, 1980. p. 24, grifo nosso.

⁵⁷ HOMEM, Selênio. Olinda: ontem e hoje. In: TEIXEIRA, Manuel (Org.). *Olinda das colinas à planície*. Recife: Bagaço, 2004. p.186-188. v. IV. p. 186, grifo nosso.

⁵⁸ ARAÚJO, 2007. p. 231, grifo nosso.

aos outros, voltadas suas frentes para as ruas e sempre com quintais, marcando uma proximidade grande entre o interior e o exterior.

Quando se abriam as portas e janelas, havia uma ligação entre estes dois mundos, o particular e o público, o que podemos observar nos casarões desta época que permaneceram preservados em Olinda até hoje. As casas grandes dos engenhos, no interior da região, foram construídas seguindo os modelos vindos de Portugal, típicos das casas rurais européias. Repetição de estilo, como muito bem descreve Evaldo Mello:⁵⁹

[...] uma transcrição quase literal do tipo comum das casas rurais da mãe pátria [...] quando a família senhorial trocar a vida urbana pela rural, a casa grande se amplia e tem outro estilo de construção reinol os solares, que persistiram até o século XIX, antes da adesão aos bangalôs e chalés [...] a mera transposição das casas citadinas de Portugal.

No Brasil também foi transposta a Casa Grande, para moradia do senhorio e de sua família, nas fazendas do interior da região açucareira, mas a esta foi incorporada a Senzala, como nos ensina Gilberto Freyre⁶⁰, em seu texto de 1933, *Casa-Grande e Senzala*. A Fotografia 12 permite a visualização de um exemplar de casarão em Olinda, construído no período colonial, no século XVII, com influência da arquitetura moura, já apresentado na Introdução, que se mantém até nossos dias. Na Planta 1, podemos ver o primeiro andar, onde residiam os proprietários; o térreo era destinado a estabelecimento comercial. O balcão (Figura 8), típico deste estilo, era composto de almofadões de madeira, sustentado por cachorros de pedra. Famosas as varandas voltadas também para as ruas, com a oferta de descortinar o lado exterior.

⁵⁹ MELLO, Evaldo Cabral de. *A ferida de Narciso*: ensaio de história regional. São Paulo: SENAC, 2001. p. 18.

⁶⁰ FREYRE, 2000.



Fotografia 12 – Sobrado Colonial Mourisco com Abalcoado estilo “Muxarabi”, séc. XVII⁶¹

⁶¹ Olinda, Praça João Alfredo, conhecida como Pátio de São Pedro, n.º. 7, um dos mais antigos da cidade e que se manteve preservado, era ainda usado como residência. Fonte: Acervo FCCR - Coleção Álvaro Farias. 1944. Arquivo Público Municipal de Olinda.

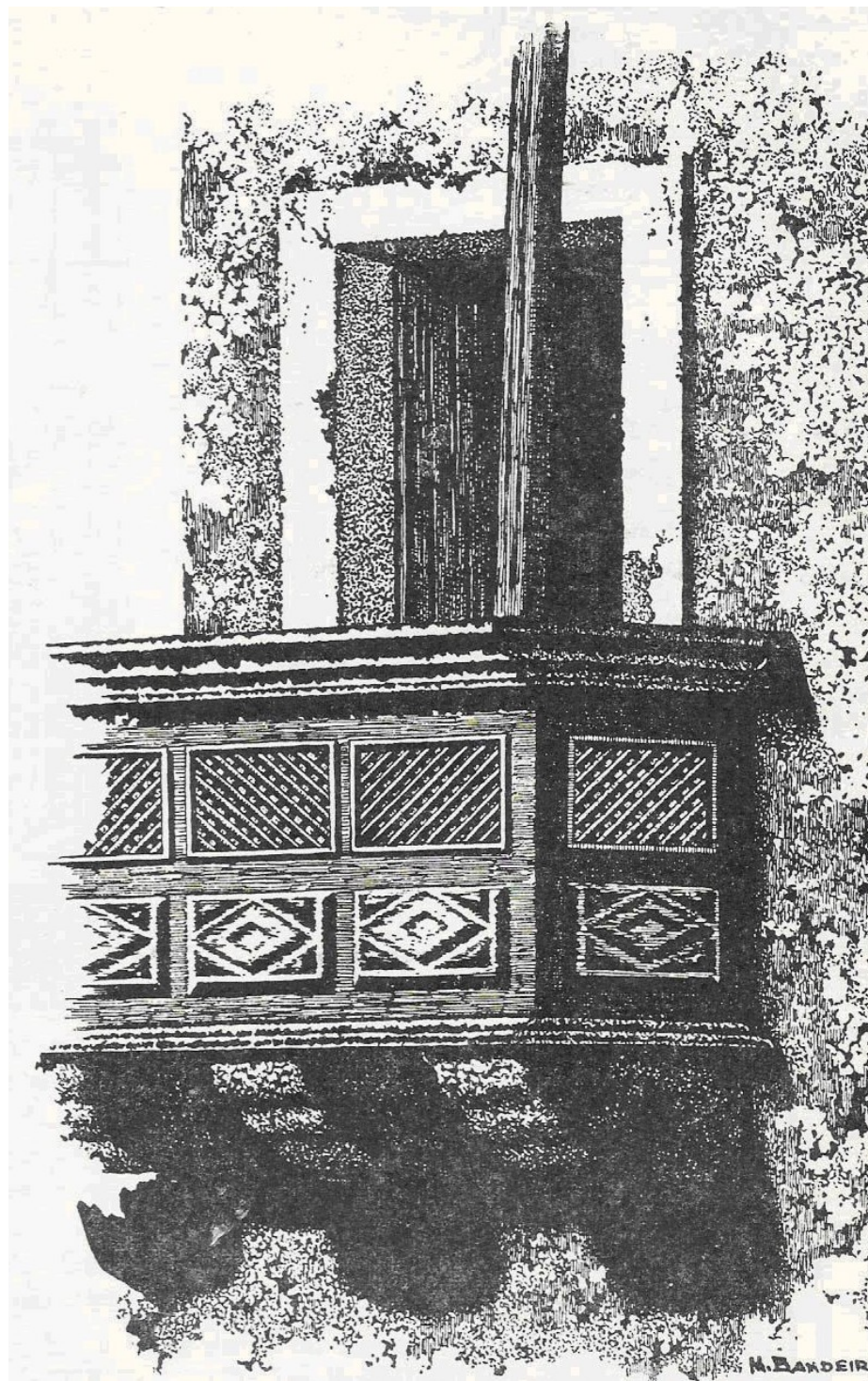
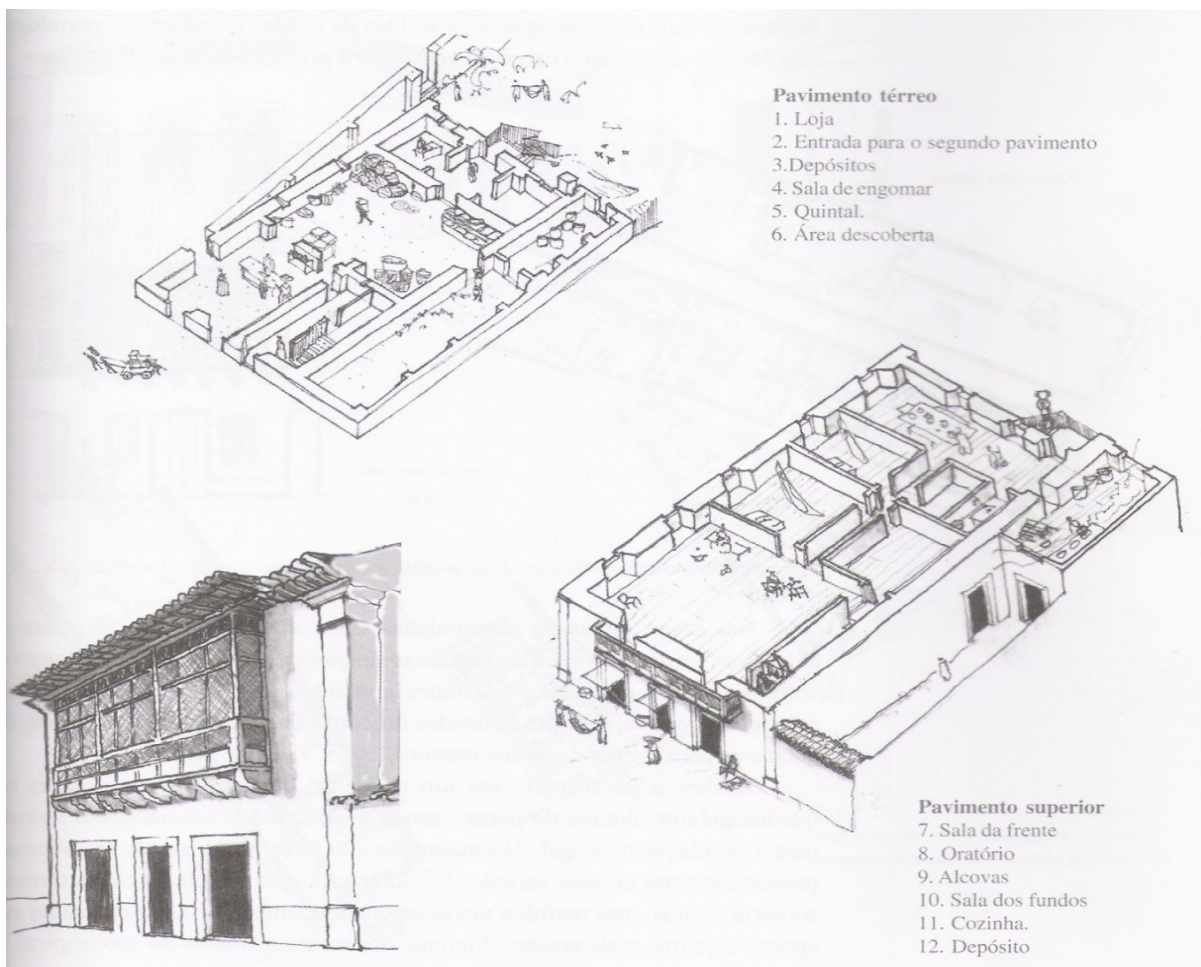


Figura 8 – Detalhes do Balcão em estilo “muxarabi”⁶²

⁶² Com reixas (finos sarrafos de madeira), em xadrez, treliças de madeira, sustentado por “cachorros” de arenito, de influência moura. Sobrado Colonial Mourisco, em Olinda. Pátio de São Pedro n.º. 7. Fonte: FREYRE, 1968. Desenho M. Bandeira.



Planta 1 – Planta interna, em perspectiva - Sobrado Mourisco do Pátio de São Pedro n.º 7⁶³

Na Fotografia 13, temos outro casarão colonial, no qual aparece também o balcão estilo “mucarabi” em destaque. Estes são os dois únicos exemplares existentes na cidade. Era, portanto, no conjunto destas moradias, nas vilas e cidades coloniais, que a população residia e se estabelecia em função do comércio, lugar onde se faziam as compras, nos trapiches, nas bodegas e vendas, nas feiras, açougues e mercados, como podemos constatar na descrição de Olinda a seguir:

A Vila de Olinda, uma das mais abastadas da América Portuguesa, cujo fausto era comparado com Lisboa e Coimbra, dominava a paisagem, com seus quatro mosteiros, a igreja do Salvador Mundo e o casario pintado de branco, construído em pedra e cal, colorido pelo verde do coqueiral que lhe proporcionava um clima ameno [...] Dentro da Vila de Olinda habitavam inumeráveis mercadores com suas

⁶³ Térreo e 1º andar, com lista dos cômodos. Em destaque a presença do balcão todo fechado pelas gnelosias, grades de fasquias de madeira cruzada em intervalo regular. Podia-se ver a rua sem ser visto do interior do balcão. Fonte: MENDES, Chico; VERÍSSIMO, Chico; BITTAR, William. *Arquitetura no Brasil de Cabral a Dom João VI*. Rio de Janeiro: Novo Milênio, 2007. p. 143.

lojas abertas, colmadas de mercadoria de muito preço, de toda a sorte em tanta quantidade que semelha uma Lisboa pequena.⁶⁴



Fotografia 13 – Casarão colonial⁶⁵

No centro histórico de Olinda podem ser encontrados inúmeros exemplares da arquitetura de distintos períodos da história do Brasil. Os dois sobrados com seus raros balcões de influência moura de estilo muxarabi (Fotografia 12 e Figura 8) vistos acima, que datam do período colonial, ao lado de importantes peças barrocas, principalmente suas importantes igrejas. Estas residências nos informam sobre o período colonial e a época do

⁶⁴ SILVA, Leonardo Dantas. Olinda no tempo dos flamengos. *Revista Continente - Documento*, Recife, ano IV, n 42, p. 14-17, 2006c. p. 15.

⁶⁵ Visão lateral, com balcão 'Muxarabi', semi-fechado, sito à Rua do Amparo n°. 28, no Sítio Histórico, construção do séc. XVII. Fonte: Acervo: Arquivo Público Municipal de Olinda, Coleção Alexandre Berzin.1940.

patriarcado e seus costumes. Os sobrados eram típicas residências de famílias burguesas, donas de engenho que se instalaram em Olinda.

As casas revelam a divisão de seus ocupantes, sendo o primeiro andar destinado à residência das famílias. A sala de estar, normalmente espaçosa, era usada no convívio social e local em que as mulheres exerciam suas ocupações domésticas: como bordar e costurar. O andar térreo era ocupado para fins comerciais ou de serviços. Havia ainda o espaço do pomar, chamado quintal, normalmente ligado à residência na parte posterior da construção. A área destinada aos serviços era separada da área social e muitas vezes dava para outras ruas. Vejamos o relato de Maria Graham,⁶⁶ cronista inglesa que visitou a região, sobre as casas e os costumes na Colônia: “O andar térreo consiste geralmente em celas para os escravos, cavalariças etc., as escadas são estreitas e escuras e, em mais de uma casa, esperamos numa passagem enquanto os criados corriam a abrir portas e janelas das salas de visitas.”

Destacamos a seguir a visão das casas pelo reverendo Capelão João Baers,⁶⁷ que participou da esquadra holandesa que invadiu Pernambuco:

As casas não são baldas, mas, cômodas e bem feitas, arejadas por grandes janelas, que estão ao nível do sótão ou celeiro, mas sem vidros, com belas e cômodas subidas todas com largas escadarias de pedra, porque as pessoas de qualidade moram todas no alto. Os umbrais de todas as portas e janelas são de pedra dura e pesada.

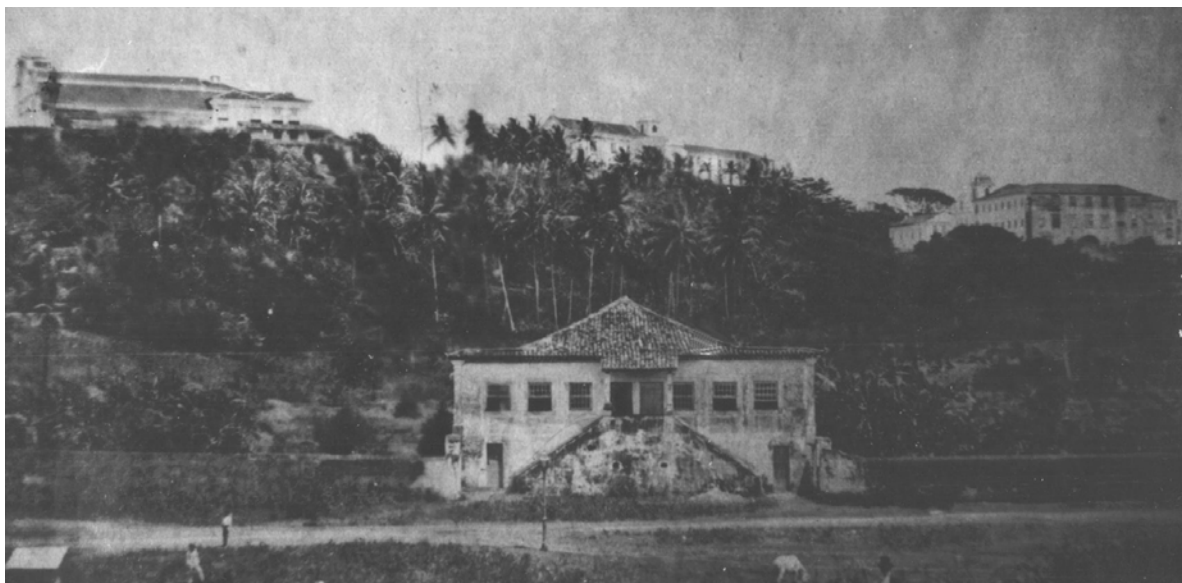
Olinda tem exemplares de construção de grande valor histórico, datados do período colonial. Vale destacar que uma das construções mais antigas de Olinda, ainda conservada, apesar de modificada em sua tipologia original, guarda sua característica de casarão colonial rural. Apresenta-se como uma casa grande, com os dois níveis, com a presença da senzala no térreo. Segundo relato de André Pina:⁶⁸ “Ela é citada na Folha 33 do Livro de Tombo do Mosteiro de São Bento como já existente em 1623”.

As Fotografias 14, 15 e 16 mostram esse casarão em épocas distintas e permitem-nos acompanhar as modificações que alteraram sua construção original. Esse casarão mostra que, não só nas fazendas, mas também nas moradias das cidades, havia a clara separação, nas residências, entre as áreas destinadas às famílias e as ocupadas por seus escravos e/ou criados. Isto é revelado também pelo fato de as áreas de serviço dos antigos sobrados, muitas vezes, darem acesso para ruas distintas, onde havia a saída nos fundos dos quintais, áreas de menor valor comercial. Pela topografia da cidade, as ladeiras davam também acesso a pequenas ruelas e becos estreitos, onde havia esta circulação de serviços.

⁶⁶ GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil, e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822, 1823*. São Paulo: EDUSP, 1990. p.139.

⁶⁷ BAERS, Pe João. *Olinda Conquistada*: narrativa do padre João Baers. São Paulo: IBRASA, 1978. p. 76.

⁶⁸ PINA, 2006, p.81.



Fotografia 14 – Típico Casarão estilo Colonial Rural⁶⁹



Fotografia 15 – Mesmo Casarão Colonial da Fotografia 14⁷⁰

⁶⁹ Presença de senzala no térreo, cujo terreno ia até o alto da Sé. A foto mostra Olinda com poucas construções residenciais e muita vegetação e ao alto a Igreja da Sé, o Mosteiro de São Francisco e o Seminário. Avenida Liberdade, nº.100, no largo do Carmo. Fonte: Acervo SEPACCTUR, Prefeitura Municipal de Olinda. Foto de meados do século XIX.



Fotografia 16 – Foto recente do mesmo casarão da Fotografia 14⁷¹

Estas fotografias e as que apresentamos a seguir apresentam o casario e as igrejas de Olinda, destacando as mais tradicionais e antigas construções: os casarões coloniais, os sobrados e as igrejas. O Sítio Histórico possui casas de distintos estilos e épocas. Nele são encontradas também edificações de estilo contemporâneo, porém a construção típica são as casas térreas e os sobrados de dois pavimentos. Os exemplares selecionados dão a idéia do rico acervo que foi preservado em sua arquitetura, tanto no casario como em suas igrejas.

⁷⁰ Foi alterado pelo proprietário em 1897 para estilo chalé. Foi adquirida pela Prefeitura Municipal de Olinda em 1984. Fonte: Arquivo Público Municipal de Olinda, 2006.

⁷¹ Em 1996 foi restaurado. É a atual sede da Biblioteca Pública Municipal de Olinda. Fonte: Acervo particular da autora, 2007.



Fotografia 17 – Seminário de Olinda. Estilo Barroco. Olinda, séc. XVI⁷²



Fotografia 18 – Mosteiro de São Bento. Detalhes da fachada, séc. XVI⁷³



Fotografia 19 – Sobrado residencial de Olinda⁷⁴

⁷² Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal de Olinda.

⁷³ Fonte: Acervo particular da autora, 2006.

⁷⁴ Três andares, sito à Rua de São Bento n°. 153. Atualmente sede do Arquivo Público Antonino Guimarães. Fonte: Acervo particular da autora.



Fotografia 20 – Casarão Colonial ainda conservado⁷⁵



Fotografia 21a – Sobrados residenciais e comerciais existentes atualmente na cidade de Olinda, no Sítio Histórico⁷⁶

⁷⁵ Antiga sede de propriedade do século XVIII. Sito à Estrada do Bonsucesso nº. 39. Atualmente funciona um restaurante no local. Fonte: Acervo SEPACCTUR/PMO. PINA, 2006, p. 82.

⁷⁶ Predominam construções de dois andares com varandas. Nos sobrados comerciais, o andar térreo é destinado ao comércio e o primeiro andar a residência. Fonte: SEPACCTUR; PINA, 2006, p. 101.



Fotografia 21b – Sobrados residenciais e comerciais do Sítio Histórico de Olinda⁷⁷



Fotografia 22 – Rua de São Bento – Sítio Histórico de Olinda⁷⁸

⁷⁷ Predominam construções de dois andares com varandas. Nos sobrados comerciais, o andar térreo é destinado ao comércio e o primeiro andar a residência. Fonte: SEPACCTUR; PINA, 2006, p. 101.

⁷⁸ Casas térreas conjugadas, com portas e duas janelas e sobrados típicos de Olinda, construídos nos paramentos das ruas, acompanhando a sua topografia irregular. Ao fundo, o Mosteiro de São Bento. Fonte: SILVA, 2006b, p. 30.



Fotografia 23 – Rua Vinte e Sete de Janeiro⁷⁹

Após a apresentação de Olinda, sua fundação e história, desde a criação do Brasil Colônia até sua arquitetura e casario, passaremos à história da influência da cidade no período Colonial, em seu ciclo de riqueza e apogeu, e como ela viveu os anos da invasão e o domínio holandês ali estabelecido e sua longa decadência. Veremos também como ficou registrada, na memória dos olindenses, por meio de seus depoimentos, esta história de sua cidade antiga.

⁷⁹ Com suas casas térreas conjugadas e o sobrado de dois andares, no Sítio Histórico de Olinda. Fonte: Folheto de propaganda turística da CVC, no qual consta: “Fotos cedidas por Revista Viaje e Banco de Imagens da Embratur (Christian Knepper/Rachid Waqued Neto)”.